

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS

Andressa Mendes da Silva Dias

**Memória e representações sociais de mulheres de grupos de
alcoólicos anônimos sobre uso/abuso do álcool**

Vitória da Conquista – BA
Dezembro de 2017

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS

Andressa Mendes da Silva Dias

**Memória e representações sociais de mulheres de grupos de
alcoólicos anônimos sobre uso/abuso do álcool**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, na Linha de pesquisa: Memória, Cultura e Educação em nível de mestrado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, orientada pela Profa. Dra. Luci Mara Bertoni, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Luci Mara Bertoni.

Vitória da Conquista – BA
Dezembro de 2017

D541c Dias, Andressa Mendes da Silva.

Memória e representações sociais de mulheres de grupos de alcoólicos anônimos sobre uso/abuso do álcool. / Andressa Mendes da Silva Dias, 2017. Orientador (a): Dra. Luci Mara Bertoni. 118f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2017

1. Alcoólicos anônimos - Mulheres. 2. Uso do álcool – Memórias – Representações sociais. 3. Uso/Abuso álcool. I. Bertoni, Luci Mara. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós- Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. III. T.

CDD 362.29286

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Memory and social representations of women from alcoholic anonymous groups about alcohol use / abuse.

Palavras-chaves em Inglês: Alcoholics Anonymous. Gender. Collective Memory. Women. Social Representations.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Profa. Dra. Luci Mara Bertoni (Presidente), Prof. Dr. João Diógenes Ferreira dos Santos (Titular), Prof. Dr. Prof. Dr. Adriano Maia dos Santos (Titular).

Data da Defesa: 15 de Dezembro de 2017.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Andressa Mendes da Silva Dias

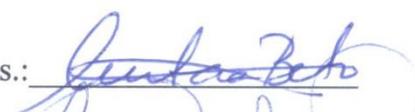
Memória e representações sociais de mulheres de grupos de alcoólicos anônimos sobre uso/abuso do álcool

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

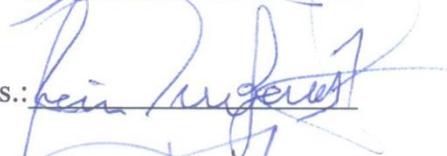
Data da aprovação: 15 de dezembro de 2017.

Banca Examinadora:

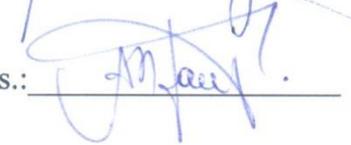
Profa. Dra. Luci Mara Bertoni (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. João Diógenes Ferreira dos Santos
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. Adriano Maia dos Santos
Instituição: UFBA

Ass.: 

À minha avó Maria (*in memoriam*) e à minha mãe Ritinha por me educarem e me ensinarem a ser a mulher que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha querida orientadora, Profa. Dra. Luci Mara Bertoni, por todos os ensinamentos que me proporcionou ao longo da minha trajetória acadêmica, até esse momento. Com ela aprendi e vivenciei situações que para mim eram impossíveis, levando em consideração o meu contexto social. Certo dia, quando desanimada e sem acreditar que eu poderia alcançar um determinado objetivo, ela me deu um pedacinho de papel com a seguinte frase, de Santo Agostinho, escrita: “Se estes e estas, porque não eu? ”. Essa simples atitude me motivou a não desistir e continuar lutando. Professora, meu muito obrigada por todo conhecimento que me ajudou a construir, pela sua amizade, pelo seu cuidado comigo, pelo incentivo e por acreditar em mim.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Gênero, Políticas, Álcool e Drogas – GePAD, pelas discussões e debates compartilhados entre os colegas, pois contribuíram, significativamente, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a todos os colegas mestrandos da turma de 2016, por compartilharmos nossas angústias e conquistas neste processo. Mais especificamente, meus agradecimentos à Janderson, Williane e Vitor, por estarem sempre dispostos a tirar dúvidas e trocar informações.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, por possibilitar a participação no curso de Mestrado por meio do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, pela concessão da bolsa de estudos.

Aos professores que fazem parte da banca de defesa desta dissertação: Prof. Dr. João Diógenes Ferreira dos Santos – UESB e Prof. Dr. Adriano Maia dos Santos – UFBA, por contribuírem com a banca de qualificação com a leitura cuidadosa do texto, pelas sugestões apresentadas e, por mais uma vez, aceitarem o convite para participar desta banca examinadora.

Não posso deixar de agradecer às mulheres participantes dos Alcoólicos Anônimos, entrevistadas, que contribuíram com suas memórias e representações sociais para esta pesquisa.

Agradeço ao meu esposo Ábilis, pelo carinho, amor, companheirismo e por passar pelos momentos de ausência, sempre me encorajando.

À minha gatinha Zuma, que esteve no meu colo em todos os momentos que deveriam ser de solidão, no processo estudo e de escrita da dissertação. A cada reação de aconchego e carinho, me renovavam as forças para continuar.

Aos meus sobrinhos Nicolás, Óliver e Augusto, por alegrarem os meus dias com tanta energia.

Às minhas tias Júlia e Nailda pelo apoio. Aos meus primos Naiara e Yuri por estarem sempre dispostos a me ajudar e por me receberem muito bem em sua casa.

Às minhas irmãs Dulce e Isa. Dulce, por ser tão doce e por me dar afago quando eu mais precisei. Isa, por compartilharmos ideias, sonhos, conhecimentos e por sempre estar disposta a ouvir meus desabafos acadêmicos. Ao meu irmão Daba, que apesar de um pouco distante, sempre demonstrou orgulho por mim. Também, ao meu cunhado Henrique (um pouco irmão), por sua prontidão em me ajudar.

Sou imensamente grata à minha mãe Ritinha, por se dedicar tanto a mim, a ponto de pegar para ela as minhas tarefas, para que eu pudesse me dedicar aos estudos; e ao meu pai Manoel, por acreditar nos meus sonhos e por sempre orar por mim.

Especialmente, agradeço a Deus, por me dar força nesta caminhada e por estar em meus pensamentos todos os dias.

RESUMO

O consumo de bebidas alcoólicas por mulheres tem sido crescente, de acordo com pesquisas realizadas nos últimos anos. As mulheres têm acessado, cada vez mais, os espaços públicos para ingerir bebida alcoólica, no entanto, as mulheres que enfrentam a dependência do álcool não têm procurado alternativas para recuperação, como é o caso do programa de Alcoólicos Anônimos (AA). Para entender essa desproporção, temos como principal objetivo analisar a memória e as representações sociais de mulheres dos grupos de Alcoólicos Anônimos sobre o uso/abuso do álcool. Para tanto, recorreremos à dimensão coletiva da memória com base em Maurice Halbwachs ([1950] 2006), pois afirma que as lembranças são sempre coletivas e estão ligadas a grupos, sendo assim, o indivíduo não pode ser dissociado das relações construídas no meio social; e a teoria das representações sociais sob as premissas de Serge Moscovici ([2000] 2005) que busca, no cotidiano das pessoas comuns e na comunicação entre elas, uma maneira de refletir sobre a realidade. Observamos, nos estudos realizados sobre os AA e durante visitas aos grupos que o número de mulheres que participam ou participaram dos grupos, é bastante reduzido, assim, adotamos a técnica de “*snowball sampling*”, conhecida no Brasil pela sua tradução “amostragem em bola de neve” que foi desenvolvida para auxiliar pesquisadores a encontrarem populações que são aparentemente invisíveis para sociedade, mas que existem e estão “escondidas” (HUDELSON, 1994; ALBUQUERQUE, 2009; BALDIN, 2011); associada a entrevistas semiestruturadas realizadas com as mulheres alcoolistas e análise documental de algumas publicações de AA. Notamos, a partir da literatura de AA e das pesquisas realizadas por Garcia (2004), Mota (2004) e Campos (2005) que um dos prováveis motivos pelos quais as mulheres participam pouco das reuniões de AA está relacionado às representações sociais que se têm em torno do alcoolismo e em relação ao consumo de bebidas alcoólicas por mulheres. Observamos que as memórias e representações das mulheres entrevistadas remetem a antes de experimentar a bebida alcoólica, durante o consumo exacerbado que as tiravam do seu estado de consciência e as faziam praticar ações indesejadas; e após conhecerem o AA que as levaram à abstinência total, reinserindo-as no meio social. Para estas mulheres, as representações que o outro tem sobre elas são muito significativas a ponto de se emocionarem quando se reportam a situações de discriminação vivenciadas durante o uso/abuso do álcool. Os resultados mostram que suas trajetórias de vida perpassam por um processo de exclusão e culpa, tendo em vista os estudos (SAFFIOTI, 2015, 1998, 1994,1987; SCOTT, 1995) que demonstram o papel ocupado pela mulher na sociedade, ainda com resquícios do patriarcado e estão permeados pelas relações de poder.

Palavras-chave: Alcoólicos Anônimos. Gênero. Memória Coletiva. Mulheres. Representações Sociais.

ABSTRACT

The consumption of alcoholic beverages by women has grown, according to researches made in the last few years. Women have increasingly accessed public spaces for alcoholic beverages consumption, nevertheless, women who face alcohol chemical dependence have not searched for rehabilitation, such as the Alcoholics Anonymous (AA). To understand this disproportion, we have as our main goal to analyze the memory and social representations of women from the AA about the usage/abuse of alcohol. Therefore, we resort to the memory collective dimension, based on Maurice Halbwachs ([1950] 2006), who affirms that the memory is always collective and linked to groups, thus, the individual cannot be dissociated from the relations constructed in the social medium; and the theory of the social representations under the premises of Serge Moscovici Moscovici ([2000] 2005) that searches, in common people's daily lives and in the communication between them, a manner to reflect about reality. We observed, in the studies about AA institutions and during the visits to the groups that the number of women participating or that have participated in the groups, is considerably small, therefore, we adopted the technique of "snowball sampling", which was developed to aid researchers to find populations that are apparently invisible to society, but that exist and are "hidden" (HUDELSON, 1994; ALBUQUERQUE, 2009; BALDIN, 2011); associated to semi structured interviews with the alcoholic women and document analysis of some AA publications. It was noted that, from the AA literature and researches made by Garcia (2004), Mota (2004) e Campos (2005) that one of the probable reasons for which women seldom attend to AA meetings is related to the social representations around alcoholism and related to alcoholic beverages consumption by women. We observed that memory and representations of the interviewed women refer to before trying alcoholic beverages, during the exaggerated consumption that took them out of their state of consciousness and made them practice undesirable actions; and after knowing the AA that took them to total abstinence, reinserting them into society. To these women, the representations that others have of them are significant to the point of becoming emotional when reporting the situations and discrimination lived during the use/abuse of alcohol. The results show that their life trajectories pass through a process of exclusion and guilt, in view of the studies (SAFFIOTI, 2015, 1998, 1994, 1987; SCOTT, 1995) that demonstrate the role occupied by women in society, still with remnants of patriarchy and are permeated by power relations.

Keywords: Alcoholics Anonymous. Gender. Collective Memory. Women. Social Representations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM DIÁLOGO POSSÍVEL	15
2.1 MEMÓRIA COLETIVA.....	16
2.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	21
2.3 MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	27
3 ALCOOLISMO, ALCOÓLICOS ANÔNIMOS E GÊNERO	30
3.1 ALCOOLISMO: UMA REVISITA AO CONCEITO E ASPECTOS HISTÓRICOS	30
3.1.1 Alcoólatra, alcoólico ou alcoolista?	37
3.1.2 Uso, abuso e dependência.....	39
3.2 ALCOÓLICOS ANÔNIMOS.....	40
3.3 AS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DA PERSPECTIVA DO ALCOOLISMO: UM OLHAR PARA OS GRUPOS DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS	48
4 PERCURSO METODOLÓGICO	62
5. MULHERES E ALCOÓLICOS ANÔNIMOS: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O USO/ABUSO DO ÁLCOOL	70
5.1 MEMÓRIAS DAS MULHERES QUE FLORESCERAM DURANTE A PESQUISA	71
5.1.1 Gardênia.....	72
5.1.2 Jasmim	73
5.1.3 Rosa	74
5.1.4 Violeta	76
5.1.5 Margarida	77
5.1.6 Dália	78
5.2 BREVES REFLEXÕES SOBRE AS MEMÓRIAS QUE FLORESCERAM.....	80
5.3 MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O USO/ABUSO DO ÁLCOOL.....	82
5.3.1 O primeiro contato com o álcool e os motivos que levaram as mulheres à dependência.....	82
5.3.2 Representações sociais de mulheres participantes dos Alcoólicos Anônimos antes de iniciarem e durante o consumo do álcool	86
5.4 MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE OS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS.....	91
5.4.1 Memórias e representações que circulam nos Alcoólicos Anônimos e são reproduzidas pelas mulheres participantes do programa.....	92
5.4.2 Representações sociais de mulheres depois de conhecerem o AA e não mais consumirem bebida alcoólica	95
5.4.3 A relação das mulheres com os grupos de AA e sua participação nas reuniões	97
6 CONCLUSÃO	101
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICES	114

1 INTRODUÇÃO

O nosso interesse em pesquisar sobre o tema desta dissertação advém da nossa trajetória no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Gênero, Políticas, Álcool e Drogas – GePAD, pois ao realizarmos diversas discussões a respeito do alcoolismo e sobre as relações de gênero, percebemos o quanto determinadas perspectivas de tais assuntos merecem o enfoque de serem estudadas.

A iniciativa deste trabalho começou quando uma das integrantes do grupo de pesquisa mencionou que havia participado de um grupo de Alcoólicos Anônimos como acompanhante de um familiar e que, praticamente, não havia mulheres nas reuniões das quais havia participado. A partir daí, começamos a realizar leituras sobre a temática e entramos em contato, novamente, com essa participante do grupo de pesquisa para que pudesse nos passar o endereço do programa onde aconteciam os encontros, já que ela não mais frequentava as reuniões do GePAD. Assim, tivemos a primeira aproximação com os grupos de Alcoólicos Anônimos (AA).

Além disso, participamos como bolsista do programa de iniciação científica financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq entre os anos de 2009 a 2012, sendo que nos últimos dois anos integramos o projeto de pesquisa, desenvolvido pela professora Luci Mara Bertoni, intitulado **Representações do Alcoolismo Feminino nas Telenovelas Brasileiras (1980-2010)**, tendo como recorte o subprojeto de pesquisa sobre a **Representação das Mulheres nas Propagandas de Cerveja a partir de 2007**. Este trabalho resultou nas publicações em anais de congressos (DIAS; BERTONI, 2012; DIAS; BERTONI, 2013; SILVA; DIAS; BERTONI, 2013). Essa experiência com iniciação à pesquisa científica nos possibilitou refletir sobre o tema e desenvolver o projeto para esta dissertação.

Segundo Bertoni (2015), a utilização de bebidas alcoólicas esteve presente em muitas gerações desde a origem da humanidade, ocupando lugares importantes em diversos povos. Para cada uma das mais variadas culturas existem maneiras, razões, padrões estabelecidos e institucionalizados para a ação de beber. A partir da Revolução Industrial, com maior concentração populacional nas zonas urbanas, foi registrado um aumento da oferta de destilados e, conseqüentemente, casos de problemas relacionados ao consumo do álcool passaram a se proliferar na sociedade.

Nesta perspectiva do álcool enquanto um problema para a sociedade, pesquisas vêm sendo desenvolvidas no sentido de compreender o consumo do álcool e suas consequências, como: Ramos e Bertolote (1997), Laranjeira e Pinsky (1997), Pisky (2008; 2014). Estudos relacionados ao uso/abuso do álcool em diferentes momentos históricos, conforme apresentam Souza e Garnelo (2006, p. 287-88), destacam conceitos como o de “dependência ao álcool” que é associado a princípios biomédicos; como uma noção de “problemas relacionados ao uso do álcool” que ultrapassam o sentido biológico, pois abrangem aspectos sociais e da saúde pública; por último apresentam o conceito de “alcoolização”, próprio de estudos vinculados às ciências sociais e humanas relacionando o uso do álcool ao ato de beber de maneira a considerar o contexto histórico, a sociedade e a cultura, e não somente a análise limitada a um grupo nos seus aspectos psicológicos, biomédicos e independentemente de ser considerado um problema. É nessa perspectiva de compreender o sujeito nas suas relações sociais, culturais e históricas que serão analisadas a memória e as representações sociais de mulheres participantes grupos de AA.

O grupo de AA é um programa de recuperação do alcoolismo. Foi fundado nos Estados Unidos, em 1935, e segundo a definição da própria instituição é uma “irmandade de homens e mulheres que compartilham, entre si, suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo” (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2015a, p.5).

No que diz respeito ao alcoolismo feminino, as pesquisas ainda apresentam-se de maneira bastante tímida em relação às produções voltadas ao consumo de álcool pelo público masculino. Estes estudos, em sua maioria, enfocam uma noção médica e de saúde pública, desconsiderando os fatores sócio-históricos que permeiam a temática. Dentre as publicações sobre o uso/abuso do álcool entre mulheres, destacamos as produções de Silva (2002) que retrata um estudo do alcoolismo feminino sob a perspectiva de gênero; Cesar (2002; 2006) ao discutir as peculiaridades do alcoolismo feminino e os seus significados nos serviços especializados; Assis e Castro (2010) versam por conhecer as circunstâncias de início do uso do álcool por mulheres e a busca pelo tratamento.

Ao realizarmos uma consulta nos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, utilizando o campo de “busca por assunto”, inserimos algumas palavras-chave para que pudéssemos

verificar a incidência de pesquisas sobre a temática do alcoolismo entre mulheres. Iniciamos com o termo “mulheres alcoolistas” e apareceram 51 resultados, no entanto, ao realizar a leitura dos títulos e, quando necessário, dos resumos, observamos que apenas 5 artigos tratavam especificamente sobre o tema, entre os anos 2000 e 2012, pois os demais apareciam nos resultados da busca devido ao uso das duas palavras com outro sentido. Em seguida, buscamos pelo termo “alcoolismo feminino” e foram arrolados 232 resultados, mas apenas 8, entre os anos de 2006 a 2015, tinham relação com o tema proposto para a consulta.

Além dessa consulta mais ampla no portal de periódicos da CAPES de publicações sobre alcoolismo entre mulheres, fizemos uma busca com o termo “mulheres e Alcoólicos Anônimos” e foram elencados 19 resultados, no entanto, nenhum dos títulos tinha relação com a proposta da consulta, apenas mostravam as palavras da busca em um outro contexto.

A principal característica que torna esta pesquisa diferenciada das supracitadas é a análise das mulheres alcoolistas dos grupos de Alcoólicos Anônimos a partir do campo da memória e das representações sociais.

Em última pesquisa realizada pelo INPAD – Instituto Nacional de Políticas Públicas de Álcool e outras Drogas e LENAD – Levantamento Nacional de Álcool e Drogas, em 2012, o número de mulheres consumidoras de álcool aumentou consideravelmente nos últimos seis anos, tanto no que diz respeito à quantidade quanto à intensidade que se ingere a bebida. Os dados desta pesquisa revelam que sobre o beber regularmente (uma vez por semana ou mais), entre 2006 e 2012, houve um aumento de 34,5%. Já no que diz respeito ao beber em *binge*¹, ocorreu um aumento de 36% em relação aos referidos anos. Diante da síntese dos resultados apontados pelo levantamento em relação às mulheres demonstram que “mulheres e especialmente as mais jovens são a população mais em risco, apresentando maiores índices de aumento entre 2006 e 2012 e bebendo de forma mais nociva” (INPAD/LENAD, 2012, p. 46).

Diante das considerações feitas acima, formulamos a seguinte questão problema: Qual a memória e as representações sociais de mulheres participantes de grupos de AA sobre o uso/abuso do álcool considerando o seu contexto social?

¹ Beber em *binge* significa consumir 4 ou mais doses de bebida alcoólica, no caso de mulheres, e 5 doses ou mais, no caso de homens, no intervalo de 2 horas (INPAD, 2012).

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar a memória e as representações sociais de mulheres de grupos de Alcoólicos Anônimos sobre o uso/abuso do álcool. Para ajudar a compreender tal objetivo mais especificamente analisamos os motivos que levaram mulheres a procurarem o grupo de Alcoólicos Anônimos; identificamos a que segmento social a que pertencem e as relações de gênero a partir do consumo de álcool por mulheres; e analisamos a memória as representações que essas mulheres possuem de sua família, trabalho, vida social, escola e sua relação com o uso/abuso do álcool.

Consideramos que a memória e as representações sociais de mulheres participantes dos grupos de AA sobre o uso/abuso do álcool remetem a uma trajetória de vida que perpassa por um processo de exclusão e culpa, tendo em vista os estudos que demonstram o papel ocupado pela mulher na sociedade, ainda com resquícios do patriarcado.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, apoiamo-nos na teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici ([2000] 2015) e na concepção de Memória Coletiva, proposta por Maurice Halbwachs ([1950] 2006). Neste contexto, realizamos a pesquisa de cunho qualitativo e como técnica metodológica, fizemos entrevistas semiestruturadas com cinco mulheres participantes dos AA. Tendo em vista a dificuldade de localizar tais mulheres, devido a conservação do anonimato pelo programa, nos apropriamos da técnica chamada de “*snowball sampling*”, que consistiu na indicação das primeiras entrevistadas, àquelas que não conseguimos identificar inicialmente (ALBUQUERQUE, 2009; BALDIN, 2011).

É importante lembrar que o projeto pesquisa teve a aprovação do comitê de ética para dar início a esta pesquisa, sob o número: 57048916.4.0000.0055 e todas as entrevistadas receberam e assinaram o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento – TCLE (apêndice), no momento das entrevistas, assumindo o compromisso com as entrevistadas de que manteríamos o sigilo de suas identidades.

A dissertação está organizada da seguinte forma:

Iniciamos com a seção intitulada de **Memória e representações sociais: uma diálogo possível**, momento em que apresentamos os conceitos de memória coletiva, cunhado pelo sociólogo Maurice Halbwachs ([1950] 2006) e o da teoria das representações sociais, sob as premissas do psicólogo social Serge Moscovici

([2000] 2015). Na medida em que ambas as teorias são apresentadas, faremos uma interlocução com o objeto de pesquisa.

Damos continuidade com a discussão sobre **Alcoolismo, Alcoólicos Anônimos e gênero** fazemos uma revisita ao conceito de alcoolismo, levando em consideração alguns aspectos históricos que contribuem para o seu entendimento na atualidade e estabelece-se uma diferenciação dos termos: “alcoólatra, alcoólico e alcoolista” a partir dos contextos em que estão inseridos, optando, neste caso, por utilizar o termo “alcoolista”. Em seguida, trazemos para discussão os grupos de Alcoólicos Anônimos ao apresentar o momento histórico em que foram criados e os princípios que os embasam. Por último, realizamos uma reflexão sobre a questão de gênero e, mais especificamente, sobre a mulher em relação ao alcoolismo e sua participação dentro dos grupos de AA.

A seguir, na sessão sobre o percurso metodológico, apresentamos a metodologia da pesquisa, as técnicas utilizadas e os caminhos trilhados para o desenvolvimento deste estudo.

Com o título **Mulheres e Alcoólicos Anônimos: memórias e representações sociais sobre o uso/abuso do álcool** apresentamos as categorias emergidas por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977), bem como, fazemos a descrição de suas memórias a partir do que expuseram durante as entrevistas e analisamos os relatos das mulheres. Em seguida, realizamos uma reflexão sobre esses relatos com o apoio da discussão sobre gênero.

Por fim, fazemos a conclusão sobre o desenvolvimento da pesquisa e os resultados encontrados, demonstrando que as memórias e representações sociais das mulheres participantes do AA sobre o uso/abuso do álcool, estão ligadas a três momentos marcantes em suas vidas, antes de iniciarem o consumo da bebida alcoólica, durante a dependência e depois que conheceram o programa de AA.

2 MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Conforme dissemos, anteriormente, esta pesquisa será embasada a partir dos fundamentos da Memória Coletiva, teorizados pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945). A pesquisa também será apoiada na teoria das representações sociais, pensada pelo psicólogo social Serge Moscovici (1928-2014), que toma por base a sociologia dos conhecimentos para elaborar outro campo epistemológico que seria a psicossociologia (SÁ, 2004).

Segundo Sehmidt, Mahfoud (1993, p. 286) e Sá (2004), ambos os teóricos, tanto da Memória quanto das Representações Sociais (RS), têm suas teorias fundadas a partir dos princípios durkheimnianos (DURKHEIM, 1858-1917), no entanto, fazem uma releitura de suas concepções. No primeiro caso, “recupera a visão de um social móvel, inventivo e enfatiza a complementaridade, a tensão, a correlação dialética entre classificações sociais e classificações mentais” (SEHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 286). No segundo, apresenta uma nova configuração, deixando de lado a dualidade existente entre coletividade e indivíduo, ou seja, não existe uma divisão entre esses dois aspectos, pelo contrário, se complementam.

Utilizaremos tanto a memória coletiva quanto a teoria das representações sociais no sentido de complementariedade. Segundo Alba (2014), tais teorias se enriquecem de forma mútua. Um exemplo disso é que:

O modo de funcionamento dos marcos sociais de grupos, da cultura, da história e do espaço na construção da memória, como descrito por Halbwachs, enriquecem o processo de ancoragem da TRS. O processo de objetivação da TRS, por sua vez, traz clareza para o caráter gestáltico da lembrança que Halbwachs vê como esquema. (ALBA, 2014, p. 563).

Para a autora, a teoria das representações sociais vem mostrando ser uma rica abordagem para apreensão da memória coletiva e esta última, por sua vez, encontra nas RS uma forma de expressão.

De acordo com Jedlowski (2001), a memória coletiva, enquanto conceito está cunhada da compreensão de que se trata de um objeto de discursos e práticas que se mantem em constante processo de construção e reconstrução entre os grupos sociais, sendo definida como “um conjunto de representações sociais acerca do passado que cada grupo produz, institucionalizada, guarda e transmite através da interação de seus membros” (JEDLOWSKI, 2001, p.33). Assim, as representações

que repercutem no cotidiano e no tempo presente nos remetem a acontecimentos passados que estão envolvidas em uma dinâmica da sociedade através das gerações.

Neste sentido, as representações sociais possuem uma relação muito próxima com a teoria da memória coletiva. Alba (2014) destaca que também há distanciamentos em alguns pontos, mas neste trabalho nos ateremos às proximidades, pois são elas que poderão contribuir para análise do objeto de pesquisa.

A seguir, serão apresentados alguns aspectos da memória coletiva, na sequência, alguns pontos sobre a teoria das representações sociais e os processos de ancoragem e objetivação, mencionados na citação anterior, que Moscovici (2015) utiliza para explicar a construção das representações sociais, relacionando-os com a memória coletiva.

2.1 MEMÓRIA COLETIVA

A perspectiva social da memória tem caráter multimodal, está intimamente ligada de forma dependente à comunicação e às interações sociais. Não se trata de uma reprodução do passado, simplesmente, mas uma reconstrução das experiências pretéritas no presente (SÁ, 2015).

Os estudos voltados para a memória, em uma dimensão social, são bastante recentes, pois antes disso os conceitos eram em torno de aspectos eminentemente individuais. Desde o século XIX, as contribuições de Henri Bergson (1986) no campo da Filosofia e de Sigmund Freud (1904) no da Psicologia, as investigações sobre memória, já faziam parte do contexto das produções científicas da época (MAGALHÃES, 2014).

Também, pode-se destacar Lev Vigotsky (1986-1934), como outro teórico estudioso do desenvolvimento social da mente que contribuiu significativamente com os estudos da dimensão social da memória. Foi contemporâneo de Maurice Halbwachs e, a partir da psicologia e do método do materialismo histórico dialético, concebeu a mente humana intimamente ligada à construção social (MAGALHÃES; ALMEIDA, 2011).

A memória no sentido de estabelecer uma relação com a questão social e mais especificamente com os grupos sociais, passou a ser objeto de estudo de

diferentes teóricos, como do psicólogo social Frederic Bartlett (1932-1995), que se dedicou a construir uma teoria da memória com um viés psicossocial. Passou então a ser reconhecido pelos seus estudos no campo social da memória, assim como Halbwachs. Sustentou a ideia de que não existem memórias armazenadas em algum lugar específico do cérebro e sim que são a partir de traços decorridos das experiências (esquemas) modificados a depender das experiências concretas produzidas (ROSA; BELLELLI; BAKHURS, 2008).

Para tratar da perspectiva social da memória, recorreremos ao precursor desta abordagem no campo social, Maurice Halbwachs, que inspirado nos postulados durkheimianos, propôs uma concepção que se opunha a iniciativas que tratavam os fenômenos de modo individual. A obra póstuma publicada, em 1950, que marcou a sua concepção e que embasam os estudos sobre memória até hoje, é intitulada de **A Memória Coletiva**. O autor, na referida obra, traça reflexões sobre a memória no âmbito social, apontando que as lembranças serão sempre coletivas e estão ligadas a grupos, sendo assim, o indivíduo não pode ser dissociado das relações construídas no meio social.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Assim, segundo o autor, o indivíduo está só apenas de aparência, pois carrega em seus pensamentos, as pessoas envolvidas nos grupos que faz parte e que de alguma maneira marcaram suas lembranças.

Neste sentido, entende-se que a memória está permeada de relações sociais que permite ao indivíduo lembrar, levando-o a crer que ele sozinho, sem estabelecer nenhuma interação com a sociedade é impossibilitado de lembrar, deste modo, o contato com o outro e com o grupo é fundamental para a construção da memória e para que esta se perpetue. Nas palavras do autor: “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

A participação de um indivíduo em um grupo é fundamental para que se reconstrua uma lembrança, quando este está apenas presente de modo passageiro,

sem integrar ou pertencer ao grupo, de forma que desvencilhará dele com facilidade, recorrer a essa memória será cada vez mais difícil. Diferente daqueles que convivem diretamente com o grupo, mesmo que faça parte de outros, sempre que se reportar a uma memória poderá reconstruí-la com mais facilidade, principalmente, se houver testemunhos para contribuir. No entanto, é importante ressaltar que apenas os testemunhos não são suficientes para conseguir uma lembrança, será preciso ter um pertencimento ao grupo, onde as lembranças estejam ancoradas (HALBWACHS, 2006).

Mesmo que estejamos fisicamente em um grupo, o pensamento pode estar direcionado a outros lugares e momentos, isto é, as ideias que perpassam a mente podem estar voltadas a grupos diferentes que podem ser reais ou imaginários. Sendo assim, as lembranças adquiridas nos diversos grupos que são compostas pelas experiências dos indivíduos contribuem para a formação da sua memória individual (HALBWACHS, 2006).

Para Halbwachs (2006), uma memória individual está sempre interligada à memória coletiva, pois todos os aspectos que envolvem o indivíduo são construções sociais, um exemplo disso é a própria linguagem e as ideias desenvolvidas para o processo de comunicação entre as pessoas. Neste sentido, o autor ainda afirma que para se reconstruir uma lembrança será necessária uma identificação entre os indivíduos, na medida em cada um expõe seus pontos de vista e estes se coadunam.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Sendo assim, pode-se dizer que a memória está relacionada aos aspectos construídos pelos grupos e que os indivíduos se apropriam daqueles que exercem uma maior influência sobre ele, ou seja, pode sofrer influências da família, de grupos de amigos, da escola etc. e assim, tornando cada vez mais extenso seu arsenal de memórias que estão diretamente ligadas aos grupos aos quais pertence. Deste modo, “a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda

segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2006, p. 69).

De acordo com Halbwachs (2006), o indivíduo não se lembra sozinho, pois precisa recorrer a elementos exteriores a ele e que estão dispostos na sociedade. Desta forma, “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado do seu ambiente”. Nesta perspectiva, considera-se o indivíduo como fruto das relações sociais e toda sua memória somente foi possível de ser construída com a intervenção dos mecanismos sociais sobre ele (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Neste sentido, na concepção de Halbwachs (2006), a memória é eminentemente coletiva, por outro lado, somente o indivíduo tem a capacidade de lembrar. O autor afirma que em todo esforço de memória um tipo de “intuição sensível” se apresenta, o que poderia ser o indivíduo no processo de reconstrução da lembrança, no entanto, o teorizador da memória coletiva deixa claro que este indivíduo é fruto das memórias construídas no grupo, mesmo que levem a impressão de serem individuais. Deste modo, “a intuição sensível e a ligação que ela estabelece no momento e por um momento em nossa consciência se explica pela associação que existe ou se estabelece entre objetos fora de nós” (HALBWACHS, 2006, p. 59).

O autor aponta que os indivíduos tendem a atribuir a sua consciência pessoal às reflexões e ideias sobre as coisas, quando, na verdade, são resultado das relações estabelecidas nos grupos, ou seja, podem ter sido incorporadas de leituras já realizadas ou de conversas entre amigos etc. Neste sentido, ele questiona: “Quantas pessoas têm espírito crítico suficiente para discernir no que pensam a participação de outros, e para confessar para si mesmos que o mais das vezes nada acrescentam de seu?” (HALBWACHS, 2006, p. 65).

Quando Halbwachs (2006) trata das memórias da infância, esclarece que dificilmente são recordadas, “porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social”. Essas lembranças, quando retomadas, giram sempre em torno da família e dos amigos mais próximos. O autor utiliza de exemplos da primeira infância para explicar que não necessariamente será preciso a presença física de outras pessoas para se lembrar, pois mesmo que pense

estar sozinho em um lugar, os princípios construídos no grupo o acompanham (HALBWACHS, 2006, p. 43).

Para o autor, as crianças por estarem envolvidas socialmente em ambientes mais restritos, não conseguem perceber e relacionar situações a contextos mais complexos, que estão envoltos de acontecimentos que talvez parecessem corriqueiros, quando poderiam estar relacionados a fatos de cunho mais ampliado, como por exemplo, de caráter nacional.

A situação destacada, anteriormente, revela o quanto as relações sociais têm influência sobre a construção da memória. À medida que estas relações são mais restritas, como é o caso da primeira infância, a reconstrução da lembrança é praticamente impossibilitada ou muito reduzida. Por outro lado, quando as interações no meio social são mais intensas, o indivíduo tem acesso a elas, fica cada vez mais próximo e ancorado no grupo, torna-se muito mais precisa a reconstrução da memória (HALBWACHS, 2006).

Existe, também, a possibilidade de extinção da memória ou o seu enfraquecimento, e isso ocorre quando o indivíduo passa a não fazer mais parte de um grupo ou quando um grupo deixa de existir. Assim, Halbwachs (2006) enfatiza ao questionar sobre sentimentos que não mais são partilhados com o grupo:

Não posso mais despertá-lo em mim porque há muito tempo não há mais nada em comum entre mim e meus antigos companheiros. Não é culpa da minha memória nem da memória deles. Desapareceu uma memória coletiva mais ampla, que ao mesmo tempo compreendia a minha e a deles. (HALBWACHS, 2006, p. 39-40).

Nessa perspectiva, a memória de uma sociedade está intimamente ligada à existência ou à permanência de um grupo que a compõe, quando este se extingue, a memória tende a desaparecer. Isso não acontece por motivos de desinteresse ou antipatia pela memória, mas porque os grupos já não existem para mantê-la (HALBWACHS, 2006).

Para recuperar uma memória, segundo Halbwachs (2006), é necessário reconstruir o passado com o apoio das informações do presente, não podendo, neste sentido, haver um registro de todos os fatos tais como ocorreram em determinado momento, pois existe um processo de seleção, isso porque as vivências em outros grupos até chegarem ao tempo presente fez com que as suas

concepções passassem por alterações e ao se reportar ao passado não seria mais o mesmo.

A memória coletiva garante uma continuidade do passado enquanto os grupos se mantêm vivos. Para o autor, supracitado, as memórias se ancoram nos grupos, nos contextos espaciais e temporais, e por isso são múltiplas. Em relação ao espaço, Halbwachs (2006, p. 170) considera que:

[...] o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda.

Quando se refere ao espaço físico e material, o autor afirma que não existem grupos que não tenham algum tipo de relação com o lugar, pois é uma realidade que dura e sendo assim, os grupos sempre irão se reportar a essas imagens de permanência.

Em relação ao tempo, Halbwachs (2006, pg. 130) aponta:

[...] são as repercussões, não o acontecimento, que entram na memória de um povo que passa pelo evento, e somente a partir do momento em que elas o atingem. Pouco importa que os fatos tenham ocorrido no mesmo ano, se esta simultaneidade não foi observada pelos contemporâneos. Cada grupo localmente definido tem sua própria memória e uma representação só dele de seu tempo.

Neste sentido, para o autor, não existe uma universalidade do tempo e sim uma variedade de grupos que percebem e o concebem de formas distintas.

No próximo tópico, será apresentada a teoria das representações sociais pensada por Serge Moscovici (2015) e os processos de ancoragem e objetivação, que são utilizados para explicar como se constituem as representações sociais, fazendo tornar familiar algo não familiar.

2.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As RS, nesta pesquisa, se propõem a estabelecer uma relação com os relatos das mulheres que participam ou participaram dos grupos de Alcoólicos Anônimos e que visa analisar sua memória e RS sobre o uso/abuso do álcool. Deste modo, a teoria das RS possibilita uma aproximação com as mulheres do AA no sentido de

lhes dar voz para analisar os motivos que as levaram a procurar um grupo de ajuda mútua, para refletir sobre o segmento social a que pertencem, para compreender as relações de gênero a partir do consumo de álcool pelo público feminino e para entender as relações estabelecidas entre o uso/abuso do álcool por essas mulheres com a família, o trabalho, a vida social e a escola. Segundo Lene (1993, p. 59) a partir das representações sociais é possível “detectar os valores, a ideologia e as contradições, enfim, aspectos fundamentais para compreensão do comportamento social” que podem ser observados e registrados.

O termo Representações Sociais refere-se a um conjunto de fenômenos e conceitos, que são, por sua vez, explicados por uma teoria formulada pelo sociólogo francês Serge Moscovici que, ao se opor a uma psicologia centrada unicamente no indivíduo, propôs uma psicossociologia do conhecimento. A sua principal obra que sistematizou o conceito das representações sociais intitula-se ***La psychanalyse, son image et son public*** (1961). Para manter-se firme em sua teoria e enfrentar a perspectiva individualista, Moscovici apropriou-se dos fundamentos das representações coletivas de Emile Durkheim (DURKHEIM, 1858-1917) como contraponto que permitiria explicar a determinação da sociedade sobre o comportamento dos indivíduos e suas construções sociais (SÁ, 2015).

Na medida em que se apropria das representações coletivas de Durkheim, Moscovici (2015) enfatiza que as representações sociais destas tem suas distinções, pois constitui um novo campo do conhecimento. Deste modo, o autor busca sintetizar estas diferenciações levando em consideração a utilização do termo “social” em detrimento do termo “coletivo”.

Se, no sentido clássico, as representações coletivas constituem um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de ideias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo de ser particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria a realidade tanto quanto o senso comum. É para enfatizar essa distinção que uso o termo “social” em vez de “coletivo”. (MOSCOVICI, 2015, p. 49).

Jodelet (2001) faz uma primeira aproximação de como as representações sociais poderiam ser caracterizadas, sendo “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p. 22).

Como se trata de um “saber prático ligado a um sujeito e a um objeto” Jodelet (2001, p. 27) aponta algumas modalidades que as pesquisas buscam especificar:

A representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objeto nela se manifestam. A representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significação). [...] A representação será apresentada como uma modelização do objeto diretamente legível em (ou inferida de) diversos suportes linguísticos, comportamentais e materiais. [...] qualificar esse saber prático se refere à experiência a partir da qual ele é produzido, aos contextos e condições em que ele o é e, sobretudo, ao fato de que a representação serve para agir sobre o mundo e o outro, o que desemboca em suas funções e eficácia sociais.

Deste modo, ao formular a proposta de pesquisa, consideramos tais fatores ao estabelecer o sujeito, sendo as mulheres participantes dos AA, o objeto, como as representações sobre o uso/abuso do álcool e o contexto que seriam os grupos de AA.

Para Moscovici (2012, p. 47) as representações sociais são consideradas “como ‘teorias’, como ‘ciências coletivas’ *sui generis* destinada à interpretação e à formação do real.” Não se tratam de opiniões vagas e sem sentido, mas

[...] fazem uma articulação ou combinação de diferentes questões ou objetos, segundo uma lógica própria, em uma estrutura globalizante de implicações, para a qual contribuem informações e julgamentos valorativos colhidos nas mais variadas fontes e experiências pessoais e grupais. (SÁ, 2004, p. 26).

Leme (2004), com base em Moscovici, sustenta que é da pesquisa científica que são remontados conceitos, objetos e análises que os sujeitos fazem do dia-a-dia, pelo fato de não terem acesso direto a esses conhecimentos que não acompanham o cotidiano.

O ato de representar não deve ser encarado como processo passivo, reflexo na consciência de um objeto ou conjunto de ideias, mas um processo ativo, como reconstrução do dado em um contexto de valores, reações, regras e associações. (LEME, 2004, p.48).

A autora supracitada observa que as representações não podem ser consideradas como opiniões supérfluas, mas como “teorias” de organização da realidade e que são internalizadas.

Segundo Arruda (2002), as representações sociais consistem no reconhecimento do movimento dinâmico da sociedade que precisa ser acompanhado. Não está relacionada a uma “cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar” (ARRUDA, 2002, p. 134).

O conhecimento é difundido e produzido na sociedade por duas vias que Moscovici (2015) chama de universos reificados e universos consensuais. Sá (2015), com base nas reflexões feitas pelo referido autor, descreve os primeiros como aqueles que “produzem e circulam as ciências e o pensamento erudito em geral, com sua objetividade, seu rigor lógico e metodológico, sua teorização abstrata, sua compartimentalização em especialidades e sua estratificação hierárquica”. Já os universos consensuais são “atividades intelectuais da interação social cotidiana pelas quais são produzidas as representações sociais”, que podem ser consideradas como “teorias” do senso comum e que se opõem a todas as verificações necessárias nos universos reificados (SÁ, 2015, p. 192).

As representações sociais não são criadas de forma isolada por indivíduos, pelo contrário, estão interligadas a grupos sociais e para que estas possam ser entendidas e explicadas é preciso partir de suas origens, de acordo com Moscovici (2015). Este autor questiona sobre os motivos pelos quais as representações sociais são criadas e sobre a explicação de suas propriedades cognitivas, chegando a conclusão de que “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade” (MOSCOVICI, 2015, p. 54).

O processo de “tornar familiar algo não-familiar” não consiste em uma tarefa simples, Moscovici (2015) propõe dois mecanismos que dará viabilidade a esse processo. Chamam-se de “ancoragem” e “objetivação”:

Ancoragem é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. [...] é pois classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadora. (MOSCOVICI, 2015, p. 61).

A ancoragem permite uma intervenção no momento em que as representações são formadas de maneira a garantir que seja incorporada ao social. Trata-se de uma forma de afixá-las, do mesmo modo que seu objeto, em processo

de significações que estão interligados e por sua vez são postos diante de valores sociais em que a coerência lhes é atribuída. De outra perspectiva “serve para instrumentalização do saber, conferindo-lhe um valor funcional para interpretação e a gestão do ambiente” (JODELET, 2001, p. 39).

Para Moscovici (2015), a ancoragem reinventa e/ou conserva as representações ao longo dos processos históricos. Trindade; Santos e Almeida (2011, p. 150) recorrem ao pensamento de Jodelet quanto à ancoragem e explicam que está vinculada ao:

[...] enraizamento social da representação e de seu objeto, sendo que o desvelamento deste processo permite acessar como é conferido ao objeto de representação um significado, como a representação é utilizada como um sistema de interpretação do mundo e como a representação integra a novidade em um sistema de pensamento pré-existente e as transformações nesse sistema que dela resultam.

A objetivação, segundo Jodelet (1986, p. 482) pode ser desmembrada em três fases: a) a seleção e descontextualização dos elementos da teoria, que estão relacionadas às informações que circulam e são objeto de seleção em função de critérios culturais; b) a formação de um “núcleo figurativo” que consiste da reprodução de uma estrutura de imagem em uma estrutura conceitual; e a c) naturalização que permite atribuir os elementos natureza ao núcleo figurativo.

Para Moscovici (2015, p. 71):

Objetivação une a ideia de não-familiar com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. [...] é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem.

Objetivar, portanto, seria dar concretude a um conceito ou ideia abstrata, representar por meio de imagens um saber científico ou acontecimentos do passado. Esse processo não ocorre por meio de uma mera reprodução, mas de uma seleção que é determinada pelo contexto em que se relaciona (MOSCOVICI, 2015).

Sá (1998) chama de “a grande teoria das representações sociais”, esta cunhada por Moscovici que abrange suas proposições originais. Dentro desta “grande teoria”, outras três abordagens complementares vão sendo construídas ao longo de estudos e pesquisas no campo das representações sociais: A cultural, liderada por Denise Jodelet que se aproxima de maneira mais fiel a proposta original

desencadeada por Moscovici; a societal, liderada por Willem Doise que se aproxima de uma perspectiva mais sociológica; e a estrutural liderada por Jean-Claude Abric que foca no aspecto cognitivo-estrutural. O autor destaca que estas correntes teóricas se articulam, apesar de haver poucos pontos de distanciamento, isto quer dizer que as escolhas quanto às abordagens para o desenvolvimento da pesquisa não precisam ser radicais.

Denise Jodelet é uma grande difusora da concepção básica inicial de Moscovici e contribui significativamente para expansão da teoria, deste modo, revela um ponto de vista em relação as outras duas tendências complementares, ao dar destaque aos discursos de grupos e das pessoas, aos seus comportamentos e práticas sociais que são considerados como suportes e compõem as representações que são veiculadas no cotidiano, no qual estes se mantêm e se manifestam. Pode-se destacar, também, o registro documental em que as práticas, discursos e comportamentos ficam reservados de forma institucional e a própria interpretação através do discurso midiático que tornam a alimentar a representação, permitindo que ela se transforme ou mantenha-se. É importante salientar que Jodelet, traz para fundamentar ainda mais a teoria, os argumentos que puderam ser comprovados através das pesquisas empíricas realizadas no decorrer de sua trajetória (SÁ, 1998), como por exemplo, o estudo que realizou sobre as representações sociais da AIDS.

Em relação à perspectiva de Willem Doise, este aponta que as “condições de produção e circulação das representações sociais” a partir das perguntas “Quem sabe e de onde sabe”, levando-o a interpretar o conceito de ancoragem de acordo com a classe ou substrato social os quais se vinculam à construção da representação. Para Doise, importa o que ele chama de “princípios geradores” que podem conduzir o indivíduo que integra o conjunto social a diferentes posicionamentos a partir dos princípios vigentes. Do mesmo modo, nas representações sociais o teórico enfatiza o “metassistema social” que seria o condicionamento social sobre o sistema cognitivo (SÁ, 1998, p. 74-76).

Quanto à concepção de Jean-Claude Abric sobre as representações sociais, Sá (1998) identifica que foi a única a constituir uma teoria complementar doravante a “grande teoria”, chamada de “teoria do núcleo central”. Ela se atém ao conteúdo cognitivo das representações de maneira organizada, tanto de um sistema central, quanto de um periférico que apresentam diferentes funções e características. Com

esta teoria foi possível dar conta de solucionar problemas da contradição das representações.

A teoria de Abric atribuiu aos elementos cognitivos do núcleo central as características de estabilidade/ rigidez/ consensualidade/ e aos elementos periféricos um caráter mutável/ flexível/ individualizado, de modo que o primeiro proporciona o significado global da representação e organiza os segundos, os quais, por seu turno, asseguram a interface com as situações e práticas concretas da população. (SÁ, 1998, p. 77).

Desta forma, foi possível ajustar as supostas contradições que compareciam de maneira dinâmica e estruturada. Dentro desta teoria, é possível destacar duas contribuições que podem contribuir para as pesquisas. São: “a transformação das representações e a comparação entre representações”. A primeira inicia-se sempre pelo sistema periférico diante das modificações das práticas sociais e a depender das circunstâncias diversificadas, podem apontar diferenciados desenvolvimentos e estados finais. Já a segunda pode ocorrer por dois grupos diferentes ou em momentos diferenciados dentro de um mesmo grupo (SÁ, 1998, p. 77).

Com base nas exposições das vertentes teóricas complementares à “grande teoria das representações sociais” apresentadas por Sá (1998), pode-se dizer que as representações sociais apresentam uma amplitude que possibilita ao pesquisador explorar seu objeto de pesquisa com a finalidade de enxergar para além do que aparenta à primeira vista, ou seja, permite esmiuçá-lo para compreender a sua essência.

No caso da pesquisa sobre a memória e as representações sociais de mulheres dos grupos de AA sobre o uso/abuso do álcool, nos apoiaremos inicialmente na abordagem cultural proposta por Jodelet (2001) com base nos pressupostos de Moscovici (2015), tendo a intenção de compreender o objeto de maneira profunda, por meio de um grupo que se insere em um contexto social e seus variados suportes, neste último caso, com apropriação da vertente de Doise.

2.3 MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Os processos de ancoragem e objetivação são para Moscovici (2015) fundamentais no que diz respeito à formação das representações sociais e para compreender a sua complexidade. Dentre estes processos, Jodelet (2001, p. 39)

observa a ancoragem, por um “trabalho de memória, o pensamento constituinte apoia-se sobre o pensamento constituído para enquadrar a novidade a esquemas antigos, ao já conhecidos”.

A relação estabelecida entre aspectos da memória coletiva e o processo de objetivação incide em compreender que, em Halbwachs (2006), a memória não fica armazenada no corpo nem no inconsciente, mas é reconstruída a partir das representações do presente, deste modo, “o nexa com o processo de objetivação consiste em não reproduzir a memória, como tal, mas fabricar ou desenhar um esquema que corresponderia a essa memória” (ALBA, 2014, p. 559).

Por essa perspectiva, a memória remete aos elementos do senso comum transmitidos pela sociedade e o processo de ancoragem também possui uma forte aproximação com a compreensão do entendimento de memória coletiva, conforme aponta Sá (2007, p. 291):

[...] observa-se a ocorrência de memórias no pensamento do tipo "representações sociais", através da ancoragem de experiências novas em conhecimentos preexistentes, o que já levou Moscovici (1976) a declarar que no conhecimento social o passado freqüentemente prevalece sobre o presente e a memória sobre a dedução. Além disso, a abordagem estrutural das representações sociais (Abric, 1994) propõe que a história do grupo e sua memória coletiva desempenham papel importante na constituição do sistema central de uma representação.

Essa aproximação consiste em considerar os indivíduos dentro de uma coletividade em que para fazer uma representação social do presente é necessário recorrer a elementos do passado que serão reinterpretados.

Mediante o processo de ancoragem, todo o novo elemento vai ser interpretado pelo indivíduo de acordo com um quadro de referência anterior, que é, em grande parte, um contexto cultural ou social, dado pelos grupos ou instituições a que pertence. Tudo é interpretado à luz dos antigos paradigmas e, portanto, corrobora-se a permanência de crenças e sistemas de interpretação pré-existente. (ALBA, 2014, p. 532).

Desta maneira, a ancoragem seria o modo de recorrer à memória coletiva para representá-la no presente, a partir da teoria das representações sociais (ALBA, 2014). Halbwachs (2006, p.29) faz referência à necessidade afirmando que “se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas,

inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente”.

Diante do exposto, é possível dizer que a teoria das representações sociais está intimamente ligada com a memória coletiva. À medida que se aproximam, se complementam. Neste sentido, o processo de ancoragem seria um mediador entre a memória coletiva e as representações sociais, com a finalidade de reconstruir o passado a partir das necessidades do presente. Essa relação de complementariedade entre ambas as teorias permite que o método para compreensão da pesquisa seja reforçado.

Levando em consideração tais aproximações, apresentamos, na sessão seguinte, uma discussão sobre o alcoolismo, os grupos de Alcoólicos Anônimos e as relações de gênero. Discussões estas que perpassam as reflexões e análises realizadas durante toda a pesquisa.

3 ALCOOLISMO, ALCOÓLICOS ANÔNIMOS E GÊNERO

Nesta sessão, recorreremos a autores que trazem para discussão, o conceito de alcoolismo e alguns aspectos históricos, mostrando que, ao longo do tempo, as concepções sobre o tema foram passando por significativas transformações que contribuíram para o seu entendimento enquanto provenientes de fatores psicológicos, sociais, biológicos, históricos, econômicos etc. mas, que ainda carregam preconceitos e estereótipos que são incididos sobre a pessoa que consomem bebidas alcoólicas.

Além disso, apresentamos as principais propostas do programa de AA, discorreremos sobre sua trajetória, concepções e contribuições sobre alcoolismo, cujo intuito é a abstinência dos dependentes. Por último, discutimos as relações de gênero diante do alcoolismo feminino e da participação da mulher nos grupos de AA.

3.1 ALCOOLISMO: UMA REVISITA AO CONCEITO E ASPECTOS HISTÓRICOS

Em uma perspectiva de compreender o objeto da pesquisa na sua totalidade é necessário atentar para a questão do alcoolismo que compõe uma das categorias desta pesquisa. Para Bertoni (2005), abordar o alcoolismo é permear por caminhos de percepções distintas e que, muitas vezes, ocasiona confusão quanto ao seu entendimento devido a concepções equivocadas com base em mitos e no senso comum.

O álcool é considerado, por Lapate (2001), como uma droga psicoativa lícita que atinge o sistema nervoso central, integrando um dos mais antigos costumes da humanidade e que nos dias de hoje tem sido tolerado, sendo o único agente farmacológico cuja autointoxicação é socialmente aceitável.

Em linguagem científica-médica, droga é uma designação genérica de toda substância usada, capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em modificações psicológicas ou comportamento. Quando bem utilizado por indicação médica se torna muito importante para o organismo e para o psiquismo do ser humano. (LAPATE, 2001, p. 27).

O autor supracitado ainda considera que o que determina os efeitos nocivos da droga não está relacionado a ser “leve” ou “pesada”, nem pelo fato de ser lícita ou ilícita e sim consiste no tipo de uso que pode ser considerado leve ou pesado. No

caso do álcool, por exemplo, “pode ser uma droga pesada para o alcoolista (dependente do álcool) ou uma droga leve para o usuário ‘social’ (em pequenas quantidades, esporadicamente) que nunca se tornará um dependente” (LAPATE, 2001, p. 28).

De acordo com Masur (1991, p. 11), o álcool possui dois efeitos a depender da quantidade ingerida.

O álcool é uma droga que no ser humano produz, ao lado do seu claro efeito depressor, uma não menos óbvia ação euforizante, traduzida predominantemente por desinibição comportamental, hilaridade, expressões afetivas aumentadas e diminuição da autocrítica.

Carneiro (2008) afirma que, segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), no século XX, o maior prejuízo causado à saúde pública foi por meio do tabaco e, na sequência, por meio do álcool.

Muitas são as concepções sobre o alcoolismo e sobre o momento em que o sujeito torna-se dependente do álcool. Autores como Masur (2004) e Lapate (2001) demonstram que, apesar dessas diferentes formas de entendimento do alcoolismo, concordam que cada pessoa possui especificidades quanto aos motivos de se tornar alcoolista.

Segundo Masur (1991), e Formigoni e Monteiro (1997), as pesquisas voltadas para uma definição precisa dos motivos que levam as pessoas ao alcoolismo não apresentam uma conclusão, por isso não há consenso quanto ao seu entendimento. Na tentativa de uma aproximação com a questão do alcoolismo, no que diz respeito ao seu uso, abuso e dependência, fatores de ordem biológica, psicológica, cultural, social e econômica, contribuem para explicar o fenômeno.

De acordo com uma pesquisa realizada por Moraes e Barroco (2016), as concepções sobre o alcoolismo acompanham seu processo histórico e respondem às demandas determinadas em seu tempo. No caso da concepção atual, que é considerada pelas autoras como uma noção de múltiplas determinações, responde às necessidades do tempo presente que está permeada pelas imposições do sistema capitalista. Tal noção mostra-se bastante ampla e complexa, pois constitui uma teoria biopsicossocial, no entanto, os fatores são explicados de maneira justaposta e fragmentada. Propõem, então, que o “alcoolismo seja compreendido como uma produção humana, analisado em suas manifestações coletivas e

individuais, buscando a compreensão do homem enquanto uma totalidade” (MORAES; BARROCO, 2016, p. 235).

Para melhor compreensão dos conceitos e representações tomadas pelo álcool e pelo alcoolismo até os dias de hoje, torna-se relevante apresentar, brevemente, alguns aspectos históricos.

A história do álcool se confunde com a história da humanidade, não há como precisar o momento em que se começou a consumir bebidas alcoólicas, mas existem alguns indícios que podem contribuir para sua explicação (BERTONI, 2015). Segundo Lapate (2001), nas comunidades primitivas, os homens conheciam os efeitos causados pela fermentação de plantas e frutas. Ao observarem o comportamento dos animais que se alimentavam de plantas e tinham como efeito uma alteração em suas ações, os homens passaram a descobrir as propriedades e características dessas substâncias, começando, então, a utilizar os sucos fermentados que apresentavam teor alcoólico.

Bertoni (2015), ao realizar um levantamento histórico sobre o álcool e o alcoolismo, destaca que, no antigo Egito, a bebida alcoólica era utilizada como recurso medicinal. Nos anos 3000 a. C., com seu possível consumo por tal povo, era tida como fonte de prazer e seus efeitos adversos não eram observados. Na Grécia antiga, o vinho e a cerveja eram comumente utilizados e considerados saudáveis, desde que consumidos de forma moderada. Para os romanos antigos, o consumo do álcool era proibido para mulheres e para homens com idade inferior a trinta anos, além disso, os cristãos foram perseguidos por utilizarem o vinho em suas cerimônias e, por conseguinte, foram induzidos a abstinência, sendo o álcool considerado um pecado mortal.

Na Idade Média, o cristianismo tinha muita influência em relação ao consumo de bebidas alcoólicas. Havia uma tentativa de controle e condenação ao álcool, e quando as determinações não eram cumpridas os fiéis eram perseguidos. Em contrapartida os religiosos da Idade Média “ficaram marcados pela fama de grandes bebedores, o que estava plenamente de acordo com as práticas sociais e com o fato de que a igreja, secular ou regular, dispunha de grandes quantidades de bebidas” (FERNANDES, 2004, p. 220).

Segundo Bertoni (2015, p. 28), essa relação entre proibição, consumo e produção da bebida alcoólica é considerada uma contradição.

Aqui nota-se uma das contradições da história. Mesmo com fins terapêuticos, ou uso de bebidas alcoólicas ou de outras substâncias poderia ser considerado como sinônimo de heresia. Contrapondo-se a isso, os conventos eram os maiores produtores de vinho e os clérigos os únicos que podiam consumir sem cair em pecado. Não é difícil inferir que essa regra vale para leigos e não para clérigos. Para o clero, as indulgências que eram vendidas para os devotos, seguidas de santos óleos, água e velas benditas, eram muito mais eficazes que qualquer tipo de droga.

A partir do século XVI, devido à industrialização e, conseqüentemente, um barateamento dos produtos, a cerveja e dos destilados passaram a ficar mais acessíveis às camadas populares mais diversificadas da Europa (CARNEIRO, 2005).

Com a revolução industrial (século XVIII), a produção de bebidas alcoólicas foi intensificada devido aos aparatos disponíveis para fabricação, armazenamento e produção da bebida em uma maior escala. Junto a isso o consumo foi aumentado através das divulgações que começaram a ser propagadas em favor do uso recreativo da bebida. Como consequência, os problemas relacionados ao alcoolismo passaram a ser mais recorrentes (ESCOHOTADO, 1995).

É a partir do século XVIII que o conceito de alcoolismo fica evidenciado como um problema deixando de ser percebido apenas como num âmbito da moralidade atrelada à religião e passa a ser reconhecido como uma doença e, conseqüentemente, a sua proibição começa a ser incitada (FORTES, 1991).

Assim, por um longo período da história, o alcoolismo era explicado a partir de duas vertentes. A partir do século XVII, por meio de um modelo médico moral e a partir do século XIX foi visto como uma determinação biológica, caracterizado como uma doença (FORTES, 1991).

Bauer (1982) destaca alguns modelos teóricos que demarcam momentos históricos que nos fazem compreender os processos que levaram ao entendimento do alcoolismo hoje. Como apontamos, anteriormente, o álcool começou a se proliferar devido a sua produção em grande escala, ao passo que, também, a ciência e a medicina davam ênfase em classificar e catalogar doenças, de forma particular, as mentais, que até o momento haviam ficado a cargo da igreja e da sociedade. Nesse aspecto, o alcoolismo ganhou espaço nas classificações e descrições enquanto um problema. No entanto, não se demonstrava interesse em saber os motivos pelos quais as pessoas bebiam e menos ainda, as diferenças que

poderiam existir entre homens e mulheres. Mesmo carregado de objetividade em relação ao problema do alcoolismo, o posicionamento dos médicos apresentava resquícios da moralidade, sendo ainda considerado um vício.

A autora observa que durante esse período havia algumas exceções quanto à concordância do alcoolismo enquanto aspecto que tendia para a doença como resultados de comportamentos imorais. Cita alguns médicos que se destacaram ao discordarem dessa prerrogativa. Dentre eles George Beard (1839-1883), que chegou à conclusão de que o problema era proveniente da energia gasta e energia disponível de forma desequilibrada. O álcool poderia ser um estimulante para realização de trabalhos além do esperado, principalmente, no caso dos trabalhadores braçais.

Oficialmente, apenas no século XX, a Organização Mundial de Saúde (OMS), a partir de 1951, reconheceu o alcoolismo como uma doença. Antes disso, estudiosos já vinham elaborando teorias que confirmassem tal hipótese, o que contribuiu para tal iniciativa. É importante lembrar que nem mesmo um documento oficial conseguiu dissociar a visão moral das representações das pessoas. Tanto que preconceitos relacionados ao alcoolismo permeiam a sociedade até hoje. Mas o fato de ser concebido com uma doença, ajudou a mudar o posicionamento de práticas, como a da punição, pois era considerado crime e agora não mais (BAUER, 1982).

Conforme explicitamos, anteriormente, Bauer (1982) apresenta modelos sobre a compreensão do alcoolismo que podem ser localizados em determinados contextos. Assim, utilizaremos os conceitos da referida autora para explicar tais modelos, já que esta busca referências sobre o alcoolismo feminino.

Quatro destes são baseados em explicações não profissionais, o que ela chama de “modelos leigos de alcoolismo”, e os demais são os “modelos profissionais”, definidos por escolas autoridades que estudaram sobre o problema.

Dentro dos “modelos leigos e alcoolismo”, estão: “modelo depreciativo, modelo moral ‘seco’, modelo moral ‘molhado’ e modelo dos Alcoólicos Anônimos”. Nos três primeiros, a autora supracitada constatou que não se fazia nenhuma referência às especificidades das mulheres. Então, ela tece alguns comentários sobre o posicionamento dessas mulheres a partir de tais modelos (BAUER, 1982, p. 22).

No “modelo depreciativo” a figura do bêbado é a que prevalece. Não se dá importância à origem do problema, nem muito menos um tratamento pensado para tal finalidade, pois trata-se de um “vagabundo ou mendigo sem-teto” (BAUER, 1982). Quanto à mulher:

[...] é julgada com mais severidade ainda sob esse aspecto porque, de alguma maneira, é considerada fraca – já que é fêmea, e o feminino vale menos que o masculino na maioria das culturas. Enquanto desempenha o papel que lhe toca, essa fraqueza inata pelo menos lhe garante o apoio vitalício do homem. Mas sendo alcoólatra, ela não só caiu mais baixo que o homem como desprezou as vantagens de proteção masculina. (BAUER, 1982, p. 25).

No “modelo moral ‘seco’” o problema do alcoolismo consiste na existência da bebida alcoólica. Então, se fosse retirado da sociedade, estaria resolvido. Assim, o caminho seria a proibição do consumo e comércio por meio da legislação. Já o “modelo moral ‘molhado’” está associado ao saber beber com moderação. Então, para se tratar um alcoolista seria necessário ensiná-lo a beber socialmente. Deste modo, a responsabilidade do beber recai sobre ele, pois neste caso existiria a possibilidade de escolha, quando em muitos casos o controle não é possível. As mulheres, nesse contexto, não podem beber da mesma forma que os homens são incentivados, devido a construção social de que devem manter-se sóbrias (BAUER, 1982).

De acordo com Bauer (1982), o último é o modelo de Alcoólicos Anônimos, difere-se dos demais, porque não se atém ao alcoolismo como padrão cultural, mas leva em consideração apenas o problema do álcool. Para o AA, o alcoolismo é uma doença, somente, para algumas pessoas que apresentam pré-disposição, as demais conseguem beber de forma a não causar prejuízos. O tratamento acontece por meio da abstinência total. É um programa que ao longo do tempo vem mostrando resultados que funcionam. Sobre o AA, trataremos mais adiante no tópico 2.2.

Nos modelos profissionais, Bauer (1982, p. 22) destaca que existem resultados positivos de forma modesta, levando em consideração o êxito dos grupos de AA que não dispõem de arcabouço científico. Nas subcategorias destes estão: “antigo modelo médico, novo modelo médico, antigos modelos psicológicos-analíticos, novos modelos psicológicos e modelo de interação familiar”

O “antigo modelo médico”, conforme afirma tal autora, entende o alcoolismo como uma doença degenerativa que pode levar à morte, mas não se sabe suas

causas. O tratamento exige observar as condições físicas, ministrar medicamentos e intimidar o alcoolista para que cumpra as técnicas orientadas pelo médico. Tendo a família e a sociedade todo o aval para censurar o paciente. Mas, quando este tenta se reintegrar de forma autônoma não consegue se restabelecer, tornando a beber e sendo considerado como “caso perdido”. Neste caso, as mulheres, são vistas sem peculiaridades e há uma omissão quanto à sua dependência.

Dado que ocorre muita contaminação de atitudes sociais gerais em suas próprias reações, eles tendem, ao tratar de homens e mulheres alcoólatras, a simplesmente absorver em seu próprio campo o padrão duplo exterior. Deste modo, as mulheres alcoólatras são, a seus olhos, pouco mais que devassas, pouco mais que irre recuperáveis. Os médicos lhes prescrevem pílulas para acalmar os nervos, o que não raro leva a um segundo vício. O mais das vezes, porém, caso tenha problema com o álcool, elas escondem do médico, que se mostra condescendente porque as mulheres não devem mesmo ser alcoólatras e ele não consegue separar a imagem que tem de feminilidade da tarefa clínica, para detectar e tratar uma doença. (BAUER, 1982, p. 37).

No “novo modelo médico”, o alcoolismo é considerado progressivo e pode se tornar fatal, pois está relacionado à intolerância física ao álcool. Recursos clínicos são utilizados no tratamento, inclusive, um processo de desintoxicação e medicamentos para inibir a vontade de beber, pois é por meio da abstinência que o alcoolismo pode ser bloqueado. Nesse modelo, a contribuição de psicólogos e assistentes sociais se fazem presentes e os médicos realizam acompanhamento a longo prazo, sem abandonar o paciente. As mulheres, neste caso, são tratadas da mesma maneira que os homens, “ou seja, todos têm uma doença e o sexo pouco importa” (BAUER, 1982, p. 39).

Os “antigos modelos psicológico-analíticos” no que tangem à vertente tradicional psicanalítica, o alcoolismo é considerado uma neurose e exigiria acompanhamento de especialistas, no entanto, não houve uma taxa de sucesso considerável, mas sua teoria básica influenciou outras concepções profissionais (BAUER, 1982).

No caso dos “novos modelos psicológicos” o tratamento deixa de focar apenas do indivíduo psicológico e passa a ser colaborativo, inclusive, com programas como o de AA (BAUER, 1982).

Por fim, o modelo mais recente que é de “interação familiar” que revela um jogo dentro dos comportamentos desempenhados dentro da própria família. A

autora, enfatiza que, na prática, o modelo não teve resultados visíveis, mas na teoria, contribuiu de forma significativa. As mulheres, neste caso, são admitidas enquanto alcoolistas, no entanto, há uma omissão de suas peculiaridades quanto ao consumo de álcool por elas (BAUER, 1982).

Diante do exposto, é possível compreender como os aspectos históricos e as construções sociais em torno do álcool e do alcoolismo vêm sendo utilizadas até os dias atuais, tanto por profissionais como por grupos de ajuda mútua, e ainda pela própria população em geral.

Veremos no tópico seguinte a discussão sobre algumas terminologias para se referir à pessoa dependente da bebida alcoólica.

3.1.1 Alcoólatra, alcoólico ou alcoolista?

Os significados e funções atribuídas ao ato de beber perpassam por diferentes contextos sociais, culturais e históricos, por isso os termos como “alcoolização, embriaguez, alcoolismo, bebedor, bêbado, embriagado, alcoólatra, alcoólico, alcoolista, alcoólico ativo, alcoólico passivo etc.” (NEVES, 2004, p. 9) são utilizados em momentos e por públicos distintos a depender de como o beber é considerado socialmente

Na história da humanidade, o uso ou abuso do álcool nem sempre foi condenado. Certo é que, na história, em diferentes épocas e povos, o álcool passa a ser conhecido ou desenvolvido tornando-se parte de suas culturas (BERTONI, 2015).

Neves (2004, p.9) enfatiza que as construções sociais em torno da bebida alcoólica influenciam nos modos de beber.

Cada sociedade tem colocado em relevo os padrões institucionalizados de uso das bebidas alcoólicas, a variedade de modos de produção, de motivos e de oportunidades construídas para o ato social de alcoolização. O catálogo dos motivos que referenciam as maneiras de beber não corresponde, necessariamente, ao resultado do comportamento, mas do aprendizado das atitudes culturalmente atribuídas aos diversos usos.

Em várias sociedades, a ênfase condenada do beber não é dada ao álcool, mas ao indivíduo que, por sua vez, apresenta um comportamento considerado desviante. Em decorrência disso, existe uma valorização daquele que consegue

beber, controlar sua alcoolização e ao mesmo tempo, desempenhar suas funções sem lhes provocar prejuízos. Ainda, em contextos ou sociedades em que o consumo do álcool é preconizado aos que sabem beber, os abstinentes são constrangidos (NEVES, 2005).

Deste modo, é possível perceber que no decorrer da história do alcoolismo do século XVIII ao século XX, houve mudanças do que diz respeito às representações do alcoolista, saindo do estado de total responsável pela escolha entre consumir de forma abusiva o álcool ou não (século XVIII), passa pela condição de doente, sendo à doença biológica atribuída a responsabilidade das ações do sujeito (século XIX), chegando à representação de que carrega sobre si a responsabilidade de manter-se em abstinência, pois a sua condição deriva de aspectos biológicos, psicológicos e sociais (século XX).

As representações que perpassam tais momentos históricos repercutem na sociedade atual e são marcadas fortemente pelas diferenças de classes sociais, de gênero, etnia etc. Para Mota (2009), existem correntes que consideram o alcoolismo como pecado, como um comportamento imoral, portanto, o sujeito precisaria libertar-se deste “mal” aproximando-se da religião. Em outros casos, acredita-se que a repressão é o caminho para tratar o “bebedor problemático”. Essas crenças rotulam o alcoolista e o estigmatiza de tal modo que o coloca à margem da sociedade.

Diante de tais estigmas, a concepção de doença atribuída ao alcoolismo possui um aspecto positivo, pois ao passo que se desenvolve, os rótulos relacionados ao pecado e ao crime vão perdendo espaço nas representações das pessoas e na forma de tratamento do alcoolista. Por outro lado, atribuir todas as respostas do problema do alcoolismo à doença é deixar de perceber todos os outros fatores (sociais, econômicos e psicológicos) que o explica (MOTA, 2009).

Deste modo, nota-se que a depender do contexto em que o problema do alcoolismo estiver inserido, mesmo nos dias atuais, as palavras que rotulam as pessoas que consomem bebida alcoólica, seja na forma de uso, abuso ou dependência, têm um grande peso no que se refere a determinar a situação em que o sujeito se encontra. Sabendo disso, neste estudo será utilizando o termo “alcoolista” para definir o sujeito que é dependente da bebida alcoólica. Esta observação é pertinente, pois existem diferentes termos (como bêbado, embriagado etc.), muitas vezes usados de forma pejorativa para denominar o referido sujeito. Ainda, neste caso, utiliza-se “alcoolista” ao invés de “alcoólatra”, pois ao concordar

com Lapate (2001), o primeiro termo remete à concepção de que o alcoolista é um dependente da bebida alcoólica, enquanto o segundo apresenta o sufixo “*latra*” que significa aquele que “adora o álcool” denotando uma responsabilidade do sujeito em relação ao abuso do álcool. Embora nossa opção teórica seja pelo termo alcoolista, o grupo de apoio, mais conhecido e difundido mundialmente, ainda usa o termo “alcoólico”, por isso manteremos esta denominação ao tratarmos do AA.

3.1.2 Uso, abuso e dependência

Segundo Duarte e Morihisa (2008, p.66) o uso de álcool e outras drogas está relacionado a “autoadministração de qualquer quantidade de substância psicoativa”, já o abuso é “entendido como um padrão de uso que aumenta o risco de consequências prejudiciais para o usuário”.

Para Bordin et al (2004, p. 5), não há como precisar uma fronteira entre uso, abuso e dependência, mas é possível definir o

“Uso” como qualquer consumo de substâncias, seja para experimentar, seja esporádico ou episódico; “abuso” ou “uso nocivo” como o consumo de substâncias já associado a algum tipo de prejuízo (biológico, psicológico ou social); e, por fim, dependência como o consumo sem controle, geralmente associado a problemas sérios para o usuário. Isso nos dá uma idéia de continuidade, como uma evolução progressiva entre esses níveis de consumo: os indivíduos passariam, inicialmente, por uma fase de uso, alguns deles evoluiriam posteriormente para o estágio de abuso e, finalmente, alguns destes últimos tornar-se-iam dependentes.

Neste sentido, nota-se que o uso, abuso e a dependência são níveis distintos do consumo da bebida alcoólica. Segundo Laranjeira e Pinsky (1997) o uso e abuso não pode ser considerado alcoolismo, pois se assim fosse, mais de 80% da população mundial seria alcoolista, pois apenas cerca de 20% das pessoas são abstêmias.

Os níveis de consumo podem ser considerados prejudiciais ou não a depender de diversos fatores, como a idade, a altura, a proporção de gordura corpórea etc. Inclusive, existem estudos que demonstram que uma certa quantidade de bebida alcoólica diária, pode ser considerada saudável e o sujeito estaria protegido de problemas cardíacos, por exemplo. Ou seja, depende da quantidade da

bebida alcoólica ingerida, considerando quem a consome (LARANJEIRA; PINSKY, 1997).

Com o objetivo de tentar compreender os níveis de consumo da bebida alcoólica, são utilizadas as unidades de medidas do álcool. Cada unidade equivale a 10-12g de álcool puro. Desta forma, uma lata de cerveja de 355 ml, tem em média 5% de álcool e cerca de 14g, sendo sua unidade alcoólica 1,5u (LAPATE, 2001).

Assim, com base na Organização Mundial de Saúde – OMS, considerando as unidades de medida do álcool, um consumo de baixo risco para o homem seriam de, no máximo, 21 unidades por semana e para as mulheres, menos de 14 unidades por semana. O consumo de risco moderado seria 22 a 50 unidades por semana e para as mulheres 15 a 35 unidades por semana. O consumo de alto risco nocivo e prejudicial à saúde é de mais de 51 unidades por semana para os homens e 36 unidades por semana para as mulheres (LAPATE, 2001).

Laranjeira e Pinsky (1997) esclarecem que a diferença das proporções de consumo entre homens e mulheres se distanciam por alguns fatores de absorção do álcool pelo organismo. Por exemplo, as mulheres possuem maior quantidade de gordura corpórea, o que implica uma maior concentração de álcool do sangue. Os autores, também, ressaltam que o consumo de risco baixo, moderado e alto, por unidade de álcool são considerados quando o consumo é distribuído durante a semana. Caso a quantidade atribuída à ingestão de baixo risco fosse consumida em apenas um dia, os riscos aumentariam consideravelmente.

Levando em consideração os aspectos abordados anteriormente sobre a questão o alcoolismo, apresentaremos, a seguir, o programa de Alcoólicos Anônimos, pois proporcionará uma maior compreensão do nosso objeto de estudo.

3.2 ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

Alcoólicos Anônimos se denominam como uma irmandade de:

Homens e mulheres que compartilham, entre si, suas experiências forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2015a, p. 5).

Trata-se, portanto, de uma organização de ajuda mútua para pessoas que desejam manter-se em abstinência do álcool. Afirmam ser “autossuficientes”, pois

não cobram taxas nem mensalidades, sobrevivem apenas de suas próprias contribuições (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2015a).

A história dos primeiros fundadores de AA, William Griffith Wilson (Bill W.) e Robert Holbrook Smith (Dr. Bob), se entrecruzaram depois de uma longa trajetória de sofrimento com o alcoolismo. Bill era corretor da bolsa de valores em Nova York e tinha uma vida tranquila ao lado de sua esposa, até se perceber absolutamente refém do álcool. Passou por tratamentos, mas nada que havia feito para se livrar da bebida lhe proporcionou resultados. Ao manter contato com o médico Bob, também alcoolista e que já participara de um grupo de apoio a pessoas desamparadas chamado Oxford, os dois começaram a dialogar e encontraram na fala um do outro um desejo de mudança. Desta conversa, resultou o que se conhece hoje como Alcoólicos Anônimos. Ao perceberem que a partir das experiências do outro e ao expor as suas próprias, a vontade de parar de beber lhes era reforçada, iniciaram um trabalho de busca a outros alcoolistas e formaram o primeiro grupo de AA (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2015a).

As organizações que marcadamente objetivavam combater o alcoolismo eram chamadas de movimentos de temperança, pois preconizavam a abstinência total em relação ao consumo do álcool (MOTA, 2009).

No final do século XVIII, começou a repercutir um modelo médico-moral que percebia o alcoolismo como uma “doença da vontade” e não mais de ordem moral e religiosa. O médico Benjamin Rush (1746-1813), organizador dessas ideias, entendia que a única forma de combater os problemas sociais e individuais causados pelo álcool seria com a abstinência etílica. Essa percepção passou a influenciar grupos de ajuda mútua do século XIX que tinha como foco a reabilitação de bebedores habituais em torno da temperança, como é o caso dos *Washingtonianos*, os *Sons of Temperance* e os *Good Templars* que “forneceram o modelo de encorajamento, amizade e sociabilidade não-alcoólica que está na base dos Alcoólicos Anônimos” (LEVINE, 1979 *apud* SOARES, 1999, p. 245).

Esse movimento chamado de Temperança, que se estendia pela primeira metade do século XIX, pretendia coibir o consumo de bebidas consideradas fortes, como o gim e o whisky, que apresentavam uma concentração de álcool superior a do vinho e da cerveja. Por volta de 1830, o movimento se divergiu em duas correntes, sendo uma mais tolerante ao consumo de álcool e outra mais radical que previa a abstinência total (MASUR, 1991).

No final do século XIX, deu-se início a movimentações proibicionistas do álcool. Pode-se destacar uma organização conhecida como “cruzada de mulheres” que tinha como objetivo combater as formas de sociabilidade da classe trabalhadora que se dava em tavernas onde havia consumo do álcool, mas também discussões políticas. Assim, o combate consistia em invasões e reuniões de orações nestes locais (JOHNSON, 1988 *apud* SOARES, 1999).

A corrente que defendia a proibição deu origem a WCTU (*Women’s Christian Temperance Union*) que dirigiu um enorme esforço para que o álcool fosse proibido nacionalmente. Conseguiu a obrigatoriedade em lei que houvesse uma educação voltada aos perigos do álcool nas escolas públicas e fornecia material didático sobre o tema (MASUR, 1991).

Em 1920, foi aprovada no congresso a Emenda Constitucional que proibia em todo o país a fabricação e venda de bebidas alcoólicas, iniciando, assim, o período conhecido como “Lei Seca”, que perdurou até o ano de 1933. Os resultados desta proibição não foram positivos, pelo contrário, estimulou o comércio clandestino, a produção de procedência desconhecida de bebidas para a rede organizada de tráfico e o público alvo não foi atingido, pois aqueles que não enfrentavam problemas com a bebida pararam de consumir, mas os dependentes do álcool acabavam procurando o mercado ilegal (MASUR, 1991).

Estes aspectos históricos sobre o alcoolismo, nos Estados Unidos, contribuíram para a formação do AA. A sua criação se deu após dois anos da revogação da Lei Seca, no ano de 1935, em Akron, no estado de Ohio. Apesar de obstáculos pelo caminho, o AA foi se expandindo durante estes 81 anos de funcionamento. Conforme folheto informativo do AA, estima-se que são 112.000 grupos distribuídos em cerca 181 países (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2014a).

No Brasil, segundo informações da Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil (JUNAAB), o primeiro grupo de AA foi criado em 1957 no Rio de Janeiro, pelo americano Herbert L. Daugherty e sua esposa. As reuniões eram realizadas em inglês, somente depois de um tempo que esforços foram sendo concentrados para tradução da literatura de AA e das reuniões começarem a ser proferidas em português. A criação da JUNAAB, em 1976, contribuiu para que esse processo se efetivasse e a estrutura nos moldes mundiais de AA fosse instalada (JUNAAB, 2016).

A literatura de AA constitui, inicialmente, pelo livro base que orienta os seus membros sobre como ocorre a recuperação, também, compõe-se de diversas outras publicações no formato de livros, livretos, folhetos, revistas e no *site* oficial do AA nacional e internacional.

Distribuídos nestes materiais publicados estão explicitados os chamados Doze Passos, Doze Tradições e Doze Conceitos, que são espécies de doutrinas tradicionais formuladas para que o AA permaneça com os mesmos princípios de funcionamento em qualquer lugar do mundo (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2013).

Os Doze Passos são descritos no livro **Os dozes passos e as doze tradições** da seguinte maneira e ordem:

1. Admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.
2. Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.
3. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.
4. Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.
5. Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.
6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
7. Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.
8. Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.
9. Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem.
10. Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
11. Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade e relação a nós, e forças para realizar essa vontade.
12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e

praticar estes princípios em todas as nossas atividades. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2005, p. 3).

Nos primeiros contatos com o AA, ao alcoolista que deseja parar de beber, são apresentados os Dozes Passos, os quais são imprescindíveis para que se tenha êxito com a abstinência e que o alcoolista retome sua vida profissional, familiar e social (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2015a). Soares (1999, p. 257) explica resumidamente os Doze Passos em cinco movimentos:

1) o reconhecimento da impotência diante da bebida ou, em outras palavras, o reconhecimento da impossibilidade de controlar o beber compulsivo assim como de administrar a vida em face dos problemas provocados pelo abuso do álcool; 2) a realização de um inventário moral que resultará no reconhecimento dos defeitos de caráter e dos danos causados a terceiros, em função da bebida; 3) o ressarcimento das pessoas lesadas; 4) a aproximação de Deus, tal como venha a ser concebido por cada um; e 5) a transmissão da mensagem de AA a outros alcoólicos.

As Doze Tradições referem-se ao funcionamento e organização do grupo de AA e estão ligadas à constituição de uma unidade que consiste em se multiplicar seguindo os mesmos fundamentos no que diz respeito ao seu desenvolvimento. São descritas na seguinte sequência:

1. Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de A.A.
2. Somente uma autoridade preside, em última análise, o nosso propósito comum - um Deus amantíssimo que Se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poderes para governar.
3. Para ser membro de A.A., o único requisito é o desejo de parar de beber.
4. Cada Grupo deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam respeito a outros Grupos ou a A.A. em seu conjunto.
5. Cada Grupo é animado de um único propósito primordial - o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre.
6. Nenhum Grupo de A.A. deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de A.A. a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem de nosso propósito primordial.

7. Todos os Grupos de A.A. deverão ser absolutamente autossuficientes, rejeitando quaisquer doações de fora.
8. Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não-profissional, embora nossos centros de serviços possam contratar funcionários especializados.
9. A.A. jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém, criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços.
10. Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões alheias à Irmandade; portanto, o nome de A.A. jamais deverá aparecer em controvérsias públicas.
11. Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes.
12. O anonimato é o alicerce espiritual das nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2005, p. 7).

Segundo Soares (1999), as tradições de AA são fruto de vários estágios percorridos ao longo do tempo pela irmandade e compõe o seu processo de recuperação. Neste sentido, pretendem afirmar

[...] a recusa a qualquer forma de poder e, portanto, às diferenciações que as relações de poder tendem a produzir; e à autonomia organizacional e financeira de cada grupo e ao anonimato de seus membros. (SOARES, 1999, p. 265).

Os AA se reúnem regularmente. Qualquer pessoa que considere ter problemas com a forma de beber pode participar dos grupos, podendo ser “homens e mulheres provenientes de todas as classes sociais, desde adolescentes até pessoas com idade avançada, de todas as raças, de todos os tipos de afiliação religiosa ou sem religião” (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2014a, p 3). Os Doze Passos e as Doze Tradições, também, estão presentes nos assuntos discorridos nas reuniões.

Cada grupo realiza reuniões regulares, nas quais os membros relatam entre si suas experiências geralmente em relação aos “Doze Passos” sugeridos para a recuperação, e às “Doze Tradições” sugeridas para as relações da irmandade e com a comunidade de fora. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2014a).

A partir dos Doze Passos, das Doze Tradições e da leitura do livro base dos AA, é possível compreender o funcionamento do programa que consiste no processo de recuperação.

Na décima primeira e décima segunda tradição está exposto o princípio do anonimato, cabendo aos AA preservá-lo da “imprensa, no rádio e em filmes”, pois este seria o “alicerce espiritual” de suas tradições. Para Campos (2009^a, p. 28) é um “mecanismo que opera, simbolicamente, o ritual de passagem da figura do ‘bêbado’ – isto é, daquele que perdeu sua posição social dentro da esfera familiar e do universo do trabalho – ao ‘doente alcoólico’”.

Para os AA, há a necessidade de fé em um “poder superior” para que consigam evitar o primeiro gole a cada dia, pois segundo eles “o fato é que a maioria dos alcoólicos por razões ainda obscuras perdem o poder de decisão diante da bebida”, pois consideram o alcoolismo como uma doença incurável e apenas com a abstinência é possível que ela não se torne fatal (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2015a, p. 54). Assim, não existe a possibilidade de um membro do AA voltar a beber moderadamente, porque encontra-se refém da doença e isso tem base em relatos de AA que viveu sem nenhum contato com a bebida durante vinte cinco anos, quando retomou deste ponto foi como se nunca tivesse parado de beber, por isso, para os AA “uma vez alcoólico, sempre alcoólico” (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2015a, p. 62). Essa afirmação quer dizer que não há cura para a dependência. Segundo Vespucci e Vespucci (1999, p. 68) não existe a possibilidade de erradicação completa do alcoolismo, nem das condições que o determinam, “pois elas preexistem aos sintomas e persistem mesmo que os sintomas desapareçam”

Esse “poder superior” para os AA é como cada um o concebe não existe um modelo a ser seguido, pois o que é realmente necessário é o reconhecimento de que apenas com as próprias forças o alcoolista não conseguirá manter-se em abstinência e depositar a sua fé em poder que poderá fazê-lo permanecer sóbrio. Segundo Soares (1999, p. 260) para os que não têm fé, é possível “encarar o ser superior como o próprio grupo”.

Sabendo da necessidade de manterem-se sóbrios, os AA fazem um inventário moral de suas experiências que está contido no quarto dos doze passos, permitindo uma autorreflexão daquilo que fizeram ou ainda fazem de prejudicial a si próprio e a outras pessoas, traçando formas de reparação dos seus erros (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2015a).

Além do inventário, os AA utilizam-se de várias estratégias para evitar o primeiro gole. No livro **Vivendo sóbrio** são apresentados alguns métodos com base nas experiências do dia a dia vivenciadas por eles que dão dicas de como ficarem em abstinência. Esses métodos são pensados para serem praticados cotidianamente até que se tornem parte do alcoolista e não seja necessário praticá-los de maneira voluntária. Tem como base o princípio de que não podem ser metas estabelecidas a longo prazo, mas de forma que a cada dia a sobriedade precisa ser alcançada. Mais especificamente, estas estratégias podem ser observadas no “evitar o primeiro gole” que subsidia o “plano das 24 horas”, sendo, justamente, a orientação de que promessas com prazos estabelecidos geralmente são descumpridas quando este se finda e quando o prazo não é estabelecido torna mais difícil o seu cumprimento (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2015b). De acordo com Soares (1999) o “evitar o primeiro gole” e o “plano das 24 horas” são mais acessíveis diante de grandes metas e objetivos, possibilitando ao alcoolista o reforço no processo de troca de experiências proporcionadas pelas reuniões do grupo.

As reuniões do grupo, chamadas de “reuniões de recuperação” podem ser fechadas ou abertas. No primeiro caso, apenas os membros que têm problemas com álcool são autorizadas a participar. No segundo, qualquer pessoa que deseje assistir a reunião (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2014a). Segundo Campos (2009b, p. 122) as reuniões de AA, além de contribuíram para o compartilhamento de experiências, funcionam como ajuda mútua para “encontrarem forças para superar a ‘doença alcoólica’”.

A fala de cada membro é um fio que se entrelaça com os outros na construção de uma verdadeira rede de reciprocidade, que serve de referência ao conjunto da irmandade. Como consequência, garante-se a continuidade da instituição, através da (re)produção de suas idéias e valores a partir de uma prática cotidiana que possibilita a adesão de novos adeptos, que encontram em AA um lugar onde o corpo e o espírito considerados “enfermos” têm os recursos e o suporte necessários à sua recuperação. (CAMPOS, 2009b, p. 115).

Mota (2009) se refere à prática de AA como “terapia do espelho” que parte da perspectiva do sujeito enxergar no outro os seus próprios problemas o que favorece a reabilitação.

Segundo Soares (1999), as experiências com os AA, reconhecendo os seus doze passos e as doze tradições, são consideradas mundialmente como sendo uma

das mais bem-sucedidas terapias para o alcoolismo, apesar de existirem atualmente uma crescente profissionalização no que diz respeito ao tratamento do alcoolismo e outros tipos de dependência química. O resultado disso é a repercussão e a multiplicação dos grupos em diversos países, além de servirem de inspiração para outros grupos de ajuda mútua que adotaram total ou parcialmente seus princípios de recuperação.

Apontamos neste tópico a proposta dos grupos de AA, tendo em vista o seu contexto histórico, de forma a considerar seus aspectos gerais para compreensão do programa. No próximo, discutiremos as relações de gênero a partir da perspectiva do alcoolismo, voltando a atenção para o AA de modo mais específico no que concerne a participação das mulheres.

3.3 AS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DA PERSPECTIVA DO ALCOOLISMO: UM OLHAR PARA OS GRUPOS DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

Como vimos, anteriormente, ao longo dos anos, as representações do consumo do álcool passaram por diferentes concepções. Primeiro, entendido a partir de um modelo moral em que todos os problemas em torno do beber eram atribuídos aos sujeitos, depois passou a ser identificado como uma doença e mais recentemente é compreendido como uma multiplicidade de fatores, tanto biológico, como sociais, econômico e culturais. Segundo Bauer (1982), durante todo esse processo, a mulher tem sido omitida ou colocada em segundo plano no que diz respeito aos estudos sobre o consumo do álcool e a própria recuperação em relação ao alcoolismo.

Mesmo com essas mudanças de concepções sobre o entendimento do alcoolismo, ainda persistem, nas representações sociais aqueles modelos inicialmente construídos baseados no caráter e na moral.

Devido aos resquícios de um passado marcado pela moralidade diante do uso/abuso do álcool, tanto o homem quanto a mulher sofrem com o estigma que se volta para essa prática. A mulher neste contexto, ainda enfrenta outros preconceitos, pois ao contrário do homem que tenta mostrar por meio da bebida a sua masculinidade e é autorizado pela sociedade, de forma comedida a beber publicamente, a mulher fica restrita ao espaço privado e à função de cuidar do lar e dos filhos (BAUER, 1982; CESAR, 2006). Como esses valores foram construídos

socialmente e constituem as representações das pessoas, quando uma mulher é vista sentada em um bar, logo se faz juízo de valor sobre sua atitude e sobre suas intenções naquele ambiente. Garcia (2004) afirma que o bar é um local masculino. Ao realizar sua pesquisa de campo sobre a instituição de AA e o ato de beber na organização dos bares, em um bar na cidade de São Gonçalo no Rio de Janeiro, quando percebida no local, chegou a ser expulsa por um dos bebedores, “no bar, as representações atribuídas ao papel da mulher naquele espaço falaram mais alto” (GARCIA, 2004, p. 41).

Tendo em vista que falar sobre mulheres alcoolistas é pensar sobre os papéis sociais e relacionais, levando em consideração os estigmas depositados no ato de beber, discutiremos a categoria gênero e o conceito de estigma como instrumento de análise para refletir sobre tais relações.

Neste caso, recorreremos a Goffman (1988) que conceitua o estigma como uma noção entendida como uma característica que provoca uma desvalorização e desvantagem. Para o autor, o indivíduo que se distancia das características e comportamentos que a sociedade considera como positivas, torna-se estigmatizado. Deste modo, pensar a questão do estigma, estabelecida por Goffman (1988), possibilita refletir sobre a mulher alcoolista que passa por um constante processo de desvalorização na sociedade.

Para compreender melhor relações de gênero e os estigmas que enfrenta a mulher alcoolista, é necessário compreender o conceito de gênero, que começou a ser debatido entre as décadas de 1970 e 80, e tinha como finalidade a desnaturalização das desigualdades existentes entre homens e mulheres, sendo relações concebidas como socialmente construídas (PSCITELLI, 2002).

O termo gênero emergiu entre pesquisadores e pesquisadoras dentro das Ciências Sociais, partir de discussões epistemológicas de cunho metodológico de que o “[...] o próprio sexo não se inscreve puramente no terreno biológico, mas sofre elaboração social, que não se pode negligenciar sob pena de naturalizar processos de caráter histórico” (SAFFIOTI, 1992, p. 183).

Scott (1995) destaca que gênero passou a ser uma categoria relacional que, também, objetiva a historicização, pois abrange o poder enquanto um elemento articulador da sociedade. Para a autora, as relações entre feminino e masculino são construídas socialmente, sendo atribuídos a elas significados que podem ser reconstruídos, já que não se trata de uma naturalização. Desta forma, é possível

verificar os “modos pelos quais as sociedades representam o gênero e servem-se dele para articular as regras de relações sociais ou para construir o significado da experiência” (SCOTT, 1995, p. 82).

Neste sentido, faremos uma discussão a partir de uma perspectiva de gênero, entendido aqui, não como a diferença entre os sexos, mas como aponta Saffioti (2015), trata-se de um conceito aberto que nem sempre há acordo entre as feministas, pois cada uma o aborda a partir de determinada perspectiva. Em suma, de acordo com Saffioti (2015, p. 47) é considerado como “numa certa instância, uma gramática sexual, regulando não apenas relações homem-mulher, mas também relações homem-homem e relações mulher-mulher [...] o gênero é a construção social do masculino e do feminino”.

Segundo a autora, não é possível referir-se a uma mulher genérica, pelo contrário, ela precisa sempre estar situada em um contexto histórico, considerando a multiplicidade do sujeito (SAFFIOTI, 1994). Além disso, a questão da mulher é perpassada por contradições de classe social, raça/etnia e gênero, sendo que a depender da situação histórica vivenciada, alguma delas pode se mostrar mais evidente (SAFFIOTI, 1996).

Sardenberg (2011, p. 22) observa que, no plano teórico, o conceito de gênero não anula nem substitui a categoria social mulher, nem muito menos, tornam as pesquisas, intervenções, ou reflexões sobre as mulheres irrelevantes, pelo contrário, “permite que se pense essa categoria como uma construção social historicamente específica e em como essa construção legitima a situação ‘real’ de discriminação, exploração e subordinação das mulheres”. Além disso, tal categoria possibilita refletir sobre as condições e experiências femininas diversas em distintas sociedades, levando-se em consideração tempos e espaços.

Galinkin e Bertoni (2014) destacam que o gênero pode ser considerado como uma construção histórico-social direcionada às diferenciações de homens e mulheres no âmbito social. Trata-se, portanto, de uma categoria que passa por um permanente processo de construção e está suscetível a transformações, além de apresentar variações a depender da cultura e de momentos históricos de uma sociedade. Para as autoras, as relações sociais de gênero estão associadas à aprendizagem, que ocorre, principalmente, na família e na escola.

Enquanto conceito normatizador das relações sociais, o gênero organiza de forma concreta e simbólica toda a vida social. Tratando-se de um construto social, os papéis desempenhados são aprendidos nas várias relações sociais que se estabelecem nos espaços de convívio dos sujeitos e que se desenvolvem nas diversas práticas que implicam as aprendizagens de estereótipos e identidades normativas, bem como a divisão de espaços, tempos etc. (GALINKIN; BERTONI, 2014, p. 23).

De acordo com Whitaker (1988, p. 25), “nos primeiros anos a educação na família tem uma ação fortemente domesticadora para ambos os sexos”. Além disso, as crianças recebem uma educação diferenciada para meninos e meninas, o que poderá interferir, significativamente, na sua formação ao longo de suas experiências.

Sobre as desigualdades de gênero, os papéis atribuídos às mulheres e aos homens são construídos socialmente e estes serão diferenciados a partir do que a sociedade delimitar. Por exemplo, “A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe” e isso se estende aos afazeres domésticos e aos cuidados com os filhos (SAFFIOTI, 1987, p. 9).

A educação, neste processo, assume uma função preponderante, transformando seres humanos em homens e mulheres. Desta forma, a “identidade social é, portanto, socialmente construída” (SAFFIOTI, 1987, p.10). Assim, a referida autora deixa claro que a depender de como a realidade é apresentada aos indivíduos, serão construídas as relações de gênero.

As relações de gênero não resultam da existência de dois sexos, macho e fêmea [...]. O vetor direciona-se, ao contrário, do social para os indivíduos que nascem. Tais indivíduos são transformados, *através das relações de gênero*, em homens e mulheres, cada uma dessas categorias identidades excluindo a outra. (SAFFIOTI, 1992, p. 187, grifos da autora)

Para Louro (2012), as relações de gênero são fortemente marcadas pelas diferenças, distinções e desigualdades no âmbito da educação escolar, com herança da sociedade ocidental moderna, separando ricos de pobres, pequenos de grandes e reproduzindo uma sociedade que continua a criar meninos e meninas com papéis específicos. Para a autora, essa aprendizagem que começa na família, ganha reforço na instituição escolar, que é projetada em seus tempos e espaços para

demarcar lugares e comportamentos de tal modo que sejam concebidos como “naturalizados”.

Bertoni e Iñiguez-Ibarra (2017) destacam que os processos de aprendizagem dos papéis de gênero na escola são construídos a partir das expectativas que se têm em torno de comportamentos e atitudes para homens e mulheres. Neste sentido, o ambiente escolar se organiza de forma que esses papéis esperados pela sociedade sejam construídos e reforçados, na medida em que são refletidos pelo currículo, pelos livros didáticos, pelo posicionamento dos docentes e gestores escolares em situações cotidianas etc. Espera-se, portanto, que características construídas socialmente sejam consideradas naturais, com homens ativos e mulheres passivas (BERTONI; IÑIGUEZ-IBARRA, 2017). Para as referidas autoras, a escola é um lugar propício para modificação desse pensamento que se apoia em uma visão patriarcal.

Para lograrlo se requiere que en lugar de enseñar las mismas formas de mirar e interpretar la realidad, se puede enseñar a atreverse a cambiar la perspectiva, a cuestionarla, a disentir... Se requiere para ello darse cuenta de la cultura inequitativa que nos rodea e impulsar la constitución de identidades que incorporen de manera flexible elementos femeninos y masculinos y para esto, el espacio escolar ofrece una magnífica oportunidad. (BERTONI; IÑIGUEZ-IBARRA, 2017, p. 134).

Além da família e da escola, os meios de comunicação são, também, responsáveis por reforçar os papéis de gênero e estabelecer comportamentos diante do uso/abuso do álcool. Isso pôde ser constatado nas pesquisas realizadas por Bertoni e Iñiguez-Ibarra (2017) e Silva et al (2013) em que analisam mulheres e homens alcoolistas nas telenovelas brasileiras, demonstrando, no primeiro caso que as mulheres são vítimas de estereótipos que ao invés de contribuir de forma positiva para o telespectador, reforçam comportamentos que ridicularizam a personagem. Nas telenovelas analisadas, o mesmo ocorre com os homens alcoolistas, no entanto, é mais compreensível pelos demais personagens o fato da dependência pelo homem. Algo muito semelhante com o que acontece na vida real, assim concluem as autoras de ambas as pesquisas.

Em relação ao uso/abuso do álcool, Guimarães (2010) apresenta algumas diferenciações entre homens e mulheres, desde os motivos que levaram ambos a terem contato com a bebida até a busca pelo tratamento. As mulheres recorrem à

bebida por algum motivo traumático ou negativo que pode ter ocorrido em suas vidas e procuram o tratamento devido a fatores de riscos ou por perceberem que de algum modo está lhes afetando, já os homens buscam na bebida uma maneira de se aventurar e por curiosidade, recorrem ao tratamento, geralmente, quando percebem que não conseguem mais se socializar.

Essas diferenciações em torno do ato de beber entre homens e mulheres, marcam as relações de gênero que são construídas ao longo da vida. E muito mais que simples distinções de papéis, são embutidas relações de poder, reforçadas por meio dos estigmas sociais.

Alves e Rosa (2016, p. 444) apontam, ao realizar uma pesquisa bibliográfica sobre substâncias psicoativas a partir de uma perspectiva de gênero, que a mulher sofre uma “dupla estigmatização (‘ser mulher + usar drogas’)”. Neste aspecto, Saffioti (2015) destaca que a relação entre ser mulher e possuir outras características que demarcam um lugar de preconceito, não se trata de uma somatória, mas de determinações qualitativas que tornam a situação ainda mais complicada.

Uma pessoa não é discriminada por ser mulher, trabalhadora e negra. Efetivamente, uma mulher não é duplamente discriminada, porque, além de mulher, é ainda uma trabalhadora assalariada. Ou, ainda, não é triplamente discriminada. Não se trata de variáveis quantitativas, mensuráveis, mas sim de determinações, de qualidades, que tornam a situação destas mulheres muito mais complexa. (SAFFIOTI, 2015, p 123).

No caso das mulheres que participam ou participaram nos grupos de Alcoólicos Anônimos carregam consigo o estigma por serem alcoolistas e, ainda, por participarem de um grupo com maioria masculina.

Diante deste contexto que envolve as relações de gênero e o estigma enfrentado pelas mulheres alcoolistas, consideramos relevante trazer para discussão a participação dessas mulheres nos grupos e os motivos de sua pouca recorrência nas reuniões, constatada em nossas observações e em estudos específicos sobre os Alcoólicos Anônimos.

3.3.1 Mulheres nos grupos de Alcoólicos Anônimos

Considerando a discussão sobre as questões de gênero, acima, faremos uma reflexão sobre a participação de mulheres nos grupos de Alcoólicos Anônimos. Destacamos, portanto, as publicações de Garcia (2004), Mota (2004) e Campos (2005), pois tratam especificamente sobre estudos realizados nos grupos de AA. Tais pesquisas não apresentam um enfoque sobre a mulher, mas a nossa intenção é de identificar a relação de mulheres com os AA à medida que descrevem sobre o programa.

Deste modo, ao nos direcionarmos às pesquisas mencionadas anteriormente procuramos verificar as representações que possuem em relação à mulher nos AA e assim, identificar os motivos de sua pouca recorrência no programa.

Essa baixa recorrência, além de observada por nós durante o contato com os grupos, já foi constatada por Garcia (2004, p. 58-59) no grupo doze tradições no estado do Rio de Janeiro, onde registrou 35 homens e apenas 3 mulheres. Do mesmo modo, Campos (2005, p. 23) registrou 81 homens e 5 mulheres no grupo Sapopemba, localizado no estado de São Paulo. Mota (2004, p. 81) destaca que em Fortaleza no, estado do Ceará, 87% dos frequentadores dos grupos são homens.

Apesar de, ao longo do tempo, haver um aumento no consumo de bebidas alcoólicas por mulheres, a predominância nos grupos de AA ainda é masculina. Assim, nos questionamos sobre os motivos desse pequeno número de mulheres em um programa de recuperação do alcoolismo, que no seu enunciado demonstra estar aberto a qualquer pessoa que deseje participar com o objetivo de parar de beber, denominando-se da seguinte maneira:

Alcoólicos Anônimos é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham, entre si, suas experiências forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo. O único requisito para ser membro é o desejo de parar de beber. [...] Nosso propósito primordial é mantermos sóbrios e ajudarmos outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2015a, p. 5).

Segundo Covington (1998), pelo fato de ser um grupo pensado, inicialmente, pelo e para o público masculino, suas características de funcionamento, como o caso dos Dozes Passos, que são atitudes a serem seguidas pelos membros do grupo para manterem-se em sobriedade e princípios que possibilitam a permanência do grupo no mesmo formato em qualquer parte do mundo, não são voltadas para as

necessidades das mulheres, pois naquele período da história as mulheres não participavam das tomadas de decisões e a possibilidade de ser considerada dependente, praticamente, não existia, e ainda, as que eram, enfrentavam a marginalização.

Esta situação também ocorria no caso das pesquisas direcionadas ao uso de bebidas alcoólicas que nem sempre levaram em consideração o consumo pelas mulheres, baseavam-se em amostragens masculinas e faziam uma generalização, impedindo assim, que houvesse uma diferenciação entre homens e mulheres no que diz respeito ao consumo do álcool. Além disso, com os dados obtidos apenas do público masculino ficava difícil de se estabelecerem as medidas para resolução dos problemas enfrentados por elas (HENNECKE; FOX, 1997).

Ao longo do tempo, muito da literatura de AA foi passando por revisões na perspectiva de incluir a mulher, no entanto, quanto aos Doze Passos a tentativa de adequação não aconteceu, pois segundo Covington (1998), o ato de reescrever os passos provocava um distanciamento da proposta original do programa. Nessa perspectiva, a referida autora, escreve um livro que ajuda mulheres alcoolistas a fazerem sua própria interpretação dos passos.

Essa manutenção dos preceitos de AA nos Doze Passos, nos instiga a alguns questionamentos: De que modo, levar em consideração a participação das mulheres no AA mudaria a estrutura no programa? Será que a inclusão da perspectiva da mulher nos Doze Passos não aproximaria os objetivos do programa à sua realidade, fazendo com que despertasse o interesse em ingressar ou permanecer no grupo?

A luta dos movimentos feministas contribuiu significativamente para que a mulher conquistasse seus direitos e adentrasse aos espaços públicos que antes eram reservados aos homens. Os bares, por exemplo, eram ambientes frequentados pelos homens. Atualmente, observa-se que as mulheres passaram a ocupar esses lugares, mas segundo César (2006), o fato de beber privativamente, parece ser uma especificidade do beber feminino. Segundo Saffioti (1987), a constatação sobre as mulheres ainda se verem na esfera privada, advém de um período marcado pelo patriarcalismo² construído socialmente, mas caracterizado como natural às mulheres, devido às necessidades da maternidade e as justificativas biológicas de que a mulher apresentava fragilidade e inferioridade em relação ao homem.

² Segundo Saffioti (2015), na sociedade patriarcal, o órgão sexual é determinante na construção das funções sociais que são atribuídas à homens e mulheres distintamente.

No estudo feito por Garcia (2004) em um grupo de AA, observou-se que um dos momentos da reunião, uma espécie de intervalo entre as formalidades da programação, se assemelhava com as características de diálogos provenientes do espaço do bar.

No grupo *Doze Tradições*, os momentos dedicados ao consumo do café, no tempo e espaço da reunião, lembram a sociabilidade presente no ambiente do bar. Sem as formalidades exigidas pelo ato da reunião, os participantes discutem, riem, brincam, trocam favores e informações sobre serviços, e, inclusive contam histórias ou lembram de situações vividas nos bares ou reuniões regadas à bebida. Falam de futebol, mulher, trabalho, política, temas recorrentes e, diria até, obrigatório nos bares por mim pesquisados, onde os homens exercitam e põem à prova sua masculinidade por meio de brincadeiras e relações jocosas. (GARCIA, 2004, p. 93).

Essa mesma característica foi observada por Campos (2005), no entanto salienta que a sociabilidade dos AA é de interação, contrariando os momentos de solidão provocados por um estágio do alcoolismo.

Durante o cafezinho, conversa-se sobre assuntos que vão desde atividades relacionadas à irmandade (reuniões de divulgação, reuniões temáticas e visitas a outros grupos de AA etc.) a comentários sobre o dia de trabalho, sobre futebol, a família, etc., de forma descontraída, como no momento que antecede a reunião. (CAMPOS, 2005, p. 98).

Do mesmo modo, Mota (2004, p. 11) aponta que assuntos variados como “política, futebol e, não raro, mulheres e ferra” fazem parte dos diálogos estabelecidos entre os membros de AA.

É possível que, levando em consideração que as mulheres bebem em casa devido a uma construção social de que os espaços públicos não pertencem a elas, não se identifiquem com o espaço “onde os homens exercitam e põem à prova sua masculinidade”, conforme aponta Garcia (2004).

A história do alcoolismo é marcada por uma trajetória muito ligada à moralidade e apesar de ser reconhecido como uma doença, ainda carrega traços que estigmatizam o sujeito pelo ato de beber além do permitido socialmente (FORTES, 1991; MASUR, 1991). Deve-se levar em consideração que ao longo da história e a partir de modelos que refletem atitudes frente ao alcoolismo, Bauer

(1982) afirma que a mulher não era nem considerada como possível dependente do álcool, então, era excluída de qualquer forma de tratamento.

Sobre a participação de mulheres no AA, Bauer (1982) destaca que o programa não foi pensado para elas e que as primeiras participantes sofriam por serem mulheres e participarem de grupos com apenas homens, conforme pode ser atestado na fala de uma mulher que fazia parte de um dos grupos de AA no ano de 1939.

Pelo menos esses homens são iguais a mim. Ou não? Comecei a perguntar-me se aquele programa funcionaria com as mulheres... achava difícil convencer os membros mais velhos de que eu não era um monstrengo e os mais novos de que havia mesmo mulheres alcoólatras, sendo eu uma delas. Os jovens mal podiam esconder a repugnância que essa idéia lhes causava e mais de uma vez ouvi: “se há algo que não suporto é uma mulher embriagada”. Não podiam aceitar que as mulheres fossem tão indefesas quanto eles próprios. (AA apud BAUER, 1982, p. 33).

Bauer (1982, p. 33) ainda afirma que as próprias mulheres faziam esse juízo de “imorais” de suas próximas e delas mesmas. A respeito dessa atitude de não considerar a mulher como dependente do álcool ou de estigmatizá-la diante de tal circunstância, recorremos a Saffioti (1982) que salienta que a mulher explorada e dominada passa por um processo de naturalização que não é questionado, como se fosse uma concessão da natureza. Assim, todos os espaços educativos (família, escola, rua, igreja etc.) e de socialização irão reforçar preconceitos e estereótipos de gênero, como sendo parte de uma natureza feminina e masculina, tudo isso, com base na justificativa de determinação biológica, transformando-se, conseqüentemente, em desigualdade social.

Deste modo, a mulher que foi criada para a maternidade, cuidar da casa e da família não poderia fugir desses princípios, especialmente se bebesse e deixasse de cumprir com suas responsabilidades. Em um folheto publicado em 2014, pelos AA intitulado de **Colcha de retalhos: mulheres alcoólicas compartilham sua vida em AA**, são relatados alguns depoimentos de mulheres e no tópico em que é apresentada a “rejeição do alcoolismo na mulher”, observa-se que a mulher é vista no âmbito do lar e privado e se frustra por não atender as expectativas impostas pela sociedade para o papel que deveria ser desempenhado por ela.

A mulher bebedora, sendo a base do lar e exemplo para os filhos, vive em contínuo estresse e angústia. Muitas vezes, bebe sozinha e não conta seu problema para ninguém, o que dificulta receber o apoio familiar normalmente dedicado ao homem na mesma situação [...]. Psicologicamente, a mulher alcoólica tem a impressão de não estar à altura da “situação”, de tal forma que não se sente suficientemente atrativa, sensual, inteligente, maternal, carinhosa ou feminina; sua autoestima está severamente afetada. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2014b, p. 6).

No trecho supracitado é possível perceber que na literatura de AA são reproduzidas representações da sociedade em torno do alcoolismo, tendo a visão de um modelo de mulher que atua na esfera doméstica e precisa conservar a ideia de que deve manter todas as funções que a sociedade lhe impõe, como a de sensualidade e maternidade. Neste sentido, Teles (1999) enfatiza que mudanças significativas ocorreram em relação ao papel da mulher na sociedade, mesmo assim, estas foram insuficientes para eliminar a ocupação de esposa, mãe e dona de casa, pelo contrário, novas funções foram lhe atribuídas, como a de trabalhadora e *sexy*.

Esse contexto exposto no folheto de AA é traduzido nas concepções e atitudes de seus membros, conforme aponta Garcia (2004), explicando o modo como as mulheres alcoolistas são vistas pelos membros de AA do grupo Doze Tradições:

Beber de forma abusiva e no botequim, no universo dos integrantes do grupo Doze Tradições, é um atributo masculino e as regras que aparecem nos seus discursos são subjacentes ao modelo do provedor, que tem ao seu lado um modelo de mulher ilibada e filhos. Em suas narrativas, o lugar da mulher é em casa, dedicando-se às tarefas do lar e, inclusive, administrando a embriaguez do marido para que ele não se desmonte. Sob essa perspectiva a classificação de *alcoólatra* aparece como uma degeneração do masculino, sendo inconcebível que mulheres vivam na mesma situação, mesmo que elas estejam presentes no grupo e se autodenominem *alcoólicos em recuperação*. (GARCIA, 2004, p. 155, grifos da autora).

Nas observações realizadas por Campos (2005), em sua pesquisa, foi possível perceber que os mesmos apontamentos apresentados por Garcia (2004) são recorrentes nas falas dos membros de AA do grupo Sapopemba, onde se “encontra um leque de representações que reforçam a ideia de que ‘lugar de mulher é em casa’” (CAMPOS, 2005, p. 150).

Essas afirmações feitas por Garcia (2004) e Campos (2005), verificadas em suas pesquisas a partir de observações e entrevistas nos grupos de AA, também podem ser observadas no livro básico de AA, que Mota (2004) faz referência a ele como sendo o “livro azul”, sendo sua leitura fundamental para melhor compreensão e efetividade do programa, em que as informações são direcionadas ao homem alcoolista e em alguns momentos se generaliza dizendo que muito das orientações proferidas aos homens, podem também ser aproveitadas para as mulheres. Além disso, existe um capítulo específico intitulado e direcionado “às esposas”, no qual são formulados conselhos que poderiam contribuir na recuperação de um homem alcoolista. Em uma nota de rodapé, há uma justificativa de que o capítulo foi escrito em 1939, quatro anos após a criação dos AA, período em que se presumia o homem como alcoolista do lar. Apesar de haver tais justificativas, todo o capítulo se refere ao comportamento das esposas em relação aos esposos que têm problemas com o álcool. O texto inicia como sendo narrado por esposas, na primeira pessoa do plural, que passaram pela experiência de ter um marido alcoolista e haver enfrentado diversos problemas no relacionamento e situações de constrangimento e violência na família, como por exemplo, quando relatado:

Tentamos manter o amor de nossos filhos pelo pai. Dissemos ao menorzinho que papai estava doente, o que estava muito mais perto da verdade do que imaginávamos. Eles batiam nas crianças, chutavam portas, quebravam objetos de estimação e arrancavam teclas do piano. Em meio a toda esta confusão, eles podiam sair de casa, ameaçando viver para sempre com outra. Desesperadas, chegamos até a nos embriagar – seria o porre para acabar com todos os porres. Para nossa surpresa, nossos maridos pareciam ficar satisfeitos. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2015^a, p. 135).

Diante desse e de outros relatos como esse, o livro sugere que tal comportamento seja decorrente da doença do alcoolismo e depois de tornarem-se sóbrios, tudo volta a ser como antes: “Hoje, os homens com quem convivemos são, em sua maioria, melhores maridos e pais do que jamais haviam sido” (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2015^a, p. 137). Além disso, o livro aconselha às esposas:

Tente não condenar seu marido alcoólico, não importa o que ele diga ou faça. Trata-se apenas de mais uma pessoa muito doente e irracional. Trate-o quando puder, como se ele estivesse com pneumonia. Quando ficar irritada, lembre-se de que ele está muito doente. (ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, 2015^a, p. 137).

O texto, ainda, alerta para que as esposas fiquem atentas, pois existem situações em que os homens podem estar mal-intencionado e utilizar a doença como desculpa para suas ações. Neste caso, ao identificarem esse comportamento, a orientação é a de que, talvez, seja melhor as esposas abandonarem seus maridos.

Além desses posicionamentos sugeridos às mulheres esposas de alcoolistas, há vários outros dispostos no decorrer do capítulo com orientações de como agir em cada situação apresentada por tipos diferentes de comportamentos dos maridos alcoolistas, até que conheçam o AA.

Diante disso, observa-se a grande responsabilidade atribuída às mulheres na função de esposas de homens alcoolistas. Elas, além de suportar todos os prejuízos causados pelo alcoolismo, ainda, precisam identificar se as atitudes nos seus conjugues são pelo motivo da doença ou se são por más intenções.

Levando em consideração a discussão feita, anteriormente, nota-se que o discurso proferido pelos membros de AA tem bastante proximidade com o exposto da própria literatura divulgada pelo programa e ambos trazem representações de que alcoolistas são homens e a mulher precisa ajuda-lo a passar por esta situação. Bauer (1982, p. 34), nessa mesma perspectiva, destaca que “o alcoólatra continua a ser ‘ele’, o membro da Alanon (parentes dos alcoólatras) ainda é quase sempre ‘ela’”.

Assim, pode-se dizer que as representações que a literatura de AA apresenta e os membros de AA têm em torno das mulheres que bebem, revelam um distanciamento entre as mulheres que procuram o programa com a intenção de recuperação e os princípios do AA que carregam no seu interior resquícios da sua fundação com base na recuperação do homem, sem levar em consideração as especificidades na mulher.

Como em toda sociedade, o programa de AA não foge à regra de que apesar das conquistas e reconhecimento dos direitos das mulheres por meio da luta dos movimentos feministas ao longo da história, ainda persistem direcionamentos que apontam para princípios patriarcais.

Em relação aos estudos acadêmicos sobre o AA, pouco fazem referência à participação das mulheres nos grupos e quanto à literatura produzida por AA, nos folhetos e livros que tivemos contato, verificamos que as instruções dadas às mulheres sobre o alcoolismo são generalizações daquilo que é proposto para o

homem e quando se trata de especificar suas atitudes diante do álcool, sua posição está quase sempre em relação ao homem.

Diante do exposto, percebemos que os prováveis motivos pelos quais as mulheres participam em quantidade reduzida do programa de AA, está relacionado às representações sociais que se têm em torno do alcoolismo e em relação ao consumo de bebidas alcoólicas por mulheres.

Primeiro, porque o próprio ambiente criado no grupo, no que diz respeito às conversas informais e brincadeiras estabelecidas entre os membros remetem aos discursos do bar e tendo em vista que as mulheres tendem a beber mais em casa, em consequência de uma construção social de que o lugar onde deve estar é na esfera privada, não se identifiquem com esse espaço.

Outro ponto seriam os fundamentos de AA que apresentam uma lógica de funcionamento que tem como base a recuperação do homem alcoolista e os seus membros reproduzem uma imagem de mulher que não mais representa as perspectivas da mulher na sociedade atual.

Além disso, mesmo reconhecendo que os problemas com o alcoolismo fazem parte da realidade das mulheres e deixarem esse fato claro nos enunciados de apresentação do programa, as representações, tanto na literatura de AA quanto no posicionamento dos membros mencionados nas pesquisas utilizadas neste estudo, mostram um direcionamento para um público específico de mulheres, com base em um modelo de mulher que atua na esfera privada, mesmo que também trabalhe fora, cuida da criação dos filhos, precisa ser carinhosa, atraente etc. Neste sentido, deixam de levar em consideração as mulheres alcoolistas que moram sozinhas, não têm filhos e são independentes. Pudemos perceber, também, que o AA não realiza discussões sobre as questões de gênero, fato que ainda carece de atenção em muitos setores da sociedade em geral.

Com o intuito de compreender melhor o percurso da pesquisa e as técnicas utilizadas para o seu desenvolvimento, apresentamos a seguir a metodologia adotada.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Ao considerar os objetivos deste projeto, conforme explicitado anteriormente, utilizamos a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2005) e da Memória Coletiva (HALBWACHS, 2006) para analisar a memória e as representações das mulheres dos grupos de Alcoólicos Anônimos sobre o uso/abuso do álcool considerando o seu contexto social. O estudo buscou, então, analisar os motivos que levaram estas mulheres a procurarem os grupos de AA, refletir sobre a segmento social que pertencem, compreender as relações de gênero a partir do consumo de álcool e analisar a memória as representações que essas mulheres possuem de sua família, trabalho, segmento social, escola e sua relação com o uso/abuso do álcool.

A partir dos relatos orais das mulheres dos grupos de Alcoólicos Anônimos e que foram analisadas suas memórias, levando em consideração que, segundo Halbwachs (2006), estas estão relacionadas a lembranças de indivíduos dentro de um grupo que se baseiam em referências da sociedade e que reforçam suas memórias a partir de outras, o que caracterizará a memória coletiva.

Levando em consideração os objetivos mencionados acima, realizamos um constante levantamento bibliográfico sobre o tema e análise documental de algumas publicações dos AA. Em seguida, fizemos entrevistas com seis mulheres que participam ou já participaram dos grupos de AA.

O primeiro passo foi estabelecer um contato com um grupo de AA. Para tanto, fizemos algumas visitas ao escritório regional. Na primeira visita, houve um bom acolhimento pelo coordenador do escritório. Informamos sobre a nossa pesquisa e que gostaríamos de realizar entrevistas com mulheres que participam ou participaram do grupo. Ele nos explicou sobre o funcionamento do AA, reforçando que se trata de uma irmandade que é aberta para homens e mulheres, sem distinção de religião, classe social ou etnia, tendo como principal objetivo ajudar as pessoas que são doentes alcoólicas; disse que no município, onde foi realizada a pesquisa, há quatro grupos, mas a participação frequente de mulheres é muito pequena. Perguntamos se poderia nos indicar algumas das mulheres que já passaram por lá. Ele informou que estava se recordando de apenas uma e nos passou o contato. Esta foi a mulher com quem fizemos a primeira entrevista.

Na segunda visita ao escritório, fomos com a intenção de conhecer as produções bibliográficas sobre o grupo. Estavam presentes o coordenador, a secretária e mais duas pessoas que se identificaram como membros do AA. A secretária preparou um café, se direcionou a uma parede cheia de cartazes, começou a retirar alguns que já não estavam atualizados e a colar outros mais recentes. O coordenador apontou para esta parede com cartazes e nos mostrou a divulgação de uma revista bimestral que é publicada pelo AA, chamada “Vivência”, na qual poderiam ser encontradas informações sobre o funcionamento do AA e depoimentos de membros que relatam suas experiências. Além disso, nos apresentou alguns folhetos e livros, dando ênfase ao “livro azul”, intitulado de **Alcoólicos Anônimos: a história de como milhares de homens e mulheres se recuperaram do alcoolismo** como sendo o livro basilar para quem inicia como membro da irmandade. Também explicou que todas as publicações feitas pelo AA são através da Junta Nacional de Alcoólicos Anônimos do Brasil – JUNAAB³. Das publicações apresentadas, adquiri algumas e eles me ofereceram gratuitamente alguns folhetos informativos.

A terceira visita ao escritório do AA foi na tentativa de localizar mais alguma mulher para que pudéssemos fazer as entrevistas. Havia alguns membros sentados e conversando. Direcionamo-nos ao coordenador, que estava sentado em frente a uma mesa com um computador e perguntamos se desde a última vez que tínhamos estado lá, alguma mulher teria comparecido às reuniões. Ele informou que não, mas se aproximou dos companheiros que estavam presentes e perguntou se eles se recordavam de alguma mulher que tivesse participado do AA. Um deles disse que conhecia uma mulher e nos passou o seu contato. Esta foi a segunda entrevistada.

Ao identificarmos um número muito reduzido de mulheres que participam dos grupos, houve uma maior dificuldade de localizar as mulheres que já passaram por lá. Esta quantidade ínfima de mulheres nos grupos de AA já foi observada por pesquisadores como Mota (2001), Garcia (2004), Campos (2005) e Paes (2006), nos locais onde realizaram suas pesquisas de campo.

³ A Junta Nacional de Alcoólicos Anônimos do Brasil (JUNAAB) tem como principal objetivo prestar serviços gerais ao AA. Possui uma secretaria denominada de Escritório de Serviços Gerais (ESG) que disponibiliza os materiais publicados por todo o Brasil. A JUNAAB está vinculada aos *Alcoholis Anonymous World Services*, ou serviços mundiais de Alcoólicos Anônimos. O escritório central tem sua sede em Nova York, fica responsável pela distribuição e organização mundial das publicações feitas pelos AA (CAMPOS, 2005).

Tendo em vista tal fato, foi adotada para essa pesquisa uma técnica chamada de “*snowball sampling*”, conhecida no Brasil pela sua tradução “amostragem em bola de neve” ou ainda como “cadeia de informantes” que foi desenvolvida para auxiliar pesquisadores a encontrarem populações que são aparentemente invisíveis para sociedade, mas que existem e estão “escondidas”. Geralmente, esta técnica é utilizada para pesquisa com pessoa que possui um comportamento ilegal ou são estigmatizadas, como por exemplo, os dependentes químicos, pois sua identificação é dificultada (ALBUQUERQUE, 2009)

Albuquerque (2009), ao realizar uma pesquisa utilizando a técnica, a descreve a partir de Goodman (1961) como uma estratégia que consiste em primeiros participantes que indicam novos participantes que, por sua vez, indicam outros participantes, construindo uma “cadeia de informantes”. Os participantes iniciais são chamados de “sementes” que farão indicação dos demais, designados como “filhos”.

Para a proposta de pesquisa, conseguimos identificar, inicialmente apenas uma mulher alcoolista que participa do AA esporadicamente, que foi indicada pelo coordenador do programa supracitado. Ela se propôs a fazer a indicação de companheiras que já fizeram parte dos grupos de AA. Nossa intenção foi de que as indicações parassem no momento em que fosse alcançado o “ponto de saturação”, que segundo Hudelson (1994) seria atingido no momento em que os conteúdos apontados pelos sujeitos se tornassem repetitivos.

Esta pesquisa, possui uma abordagem de cunho qualitativo, pois associada a técnica de “bola de neve”, que foi utilizada para localização dos sujeitos da pesquisa, foram empregadas entrevistas semiestruturadas que, de acordo com Triviños (2008, p. 146), partem de “certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa” e podem ser desenvolvidas outras interrogativas a partir das respostas do entrevistado. Sendo assim, este segue “espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador”. O que queremos dizer é que há uma complementaridade de ambas as técnicas, pois apenas a “*snowball*” poderia apresentar dados estatísticos, por exemplo, mas acompanhada das entrevistas semiestruturadas realizadas, possibilitou uma análise qualitativa dos resultados.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de janeiro a maio de 2017. A primeira mulher participante do AA a ser entrevista foi indicada pelo coordenador do grupo que informou o telefone do seu local de trabalho, pois ela já estava há

bastante tempo no grupo e costumava contribuir com ações do AA que envolviam mulheres⁴, inclusive, já havia proferido palestra em outros ambientes, contando sobre sua experiência com o alcoolismo e com o grupo de AA. Entramos em contato e perguntamos se seria possível marcar uma entrevista. A resposta foi positiva. Ao final da realização da entrevista, perguntamos se tinha alguma mulher que participasse ou tivesse participado dos grupos de AA que ela pudesse indicar para que, também, pudéssemos fazer uma entrevista. Ela informou que a frequência de mulheres no AA é muito baixa, mas havia uma pessoa que, inclusive, fora sua “afilhada”⁵ durante sua iniciação no grupo de AA, que poderia indicar.

Antes de contarmos a pessoa sugerida na primeira entrevista, entrevistamos a outra participante do AA, que também faz parte do NA (Narcóticos Anônimos). Desta vez, ao conversarmos informalmente com um dos membros do AA em uma das visitas ao escritório do grupo da cidade, ele nos informou que conhecia uma mulher que poderia contribuir com a entrevista, pois participava da irmandade há cerca de dez anos. Do mesmo modo que na primeira entrevista, ao final, perguntamos sobre a possibilidade de indicação de outra mulher que pudesse colaborar conosco. Ela respondeu que conhecia uma pessoa, mas não poderia passar o contato sem autorização dela. Então, ficou de entrar em contato e informar posteriormente, mas a resposta foi negativa. A mulher sugerida por ela informou que não tinha interesse em conceder uma entrevista, mesmo com o sigilo resguardado.

Em seguida, entramos em contato com a pessoa indicada pela primeira mulher entrevistada e conseguimos fazer a terceira entrevista. Desta forma, a técnica de “bola de neve” continuou sendo empregada. Do mesmo modo que nas duas primeiras entrevistas, solicitamos a indicação de uma companheira que pudesse contribuir com a pesquisa dando uma entrevista, no entanto, não conseguimos localizar a pessoa sugerida desta vez, pois estava residindo em outra cidade.

⁴ Geralmente, no AA, quando se sabe que haverá a participação feminina, uma mulher que já participa do grupo há algum tempo é convidada a assumir a cabeceira de mesa e se pronunciar, para que a visitante se sinta mais à vontade (MOTA, 2001).

⁵ Nos grupos de AA existe uma figura importante que contribui com a iniciação à sobriedade, que são os “padrinhos”. Os “padrinhos” tem um papel semelhante ao de um “guia” que conduz os primeiros passos de membros chegaram recentemente ao grupo, chamados, por sua vez, de “afilhados”, geralmente, estes são os que os encaminharam pela primeira vez os iniciantes a participarem das reuniões. “Um bom padrinho em AA pode fazer uma significativa diferença na vida do afilhado que, na maioria das vezes, torna-se grato e dispõe-se a repassar esta dádiva para alguém que porventura venha procura-lo no futuro” (MOTA, 2001, p. 169).

Como não havia mais indicações que pudessem ser localizadas, fizemos uma visita a duas reuniões de AA de grupos distintos. Em ambos os dias, nos apresentamos ao coordenador do grupo e explicamos sobre a pesquisa. Então, quando iniciou a reunião, ele nos apresentou aos demais membros, como amigas de AA⁶, que estavam fazendo uma pesquisa com mulheres alcoolistas.

Participamos de todos os momentos das reuniões e no período do intervalo, conversamos informalmente com alguns integrantes do grupo, para verificarmos se conheciam alguma mulher que tivesse passado pelo AA. Eles sempre mencionavam algumas mulheres, mas não sabiam como localizá-las ao certo. Mas, um dos membros conhecia uma participante e nos passou o seu endereço.

Observamos que ao perguntarmos aos membros se tinham algum contato com as mulheres que mencionavam, por terem participado do grupo em algum momento, ficavam receosos em fornecer informações, devido a possibilidade de quebra do anonimato. Isso foi confirmando quando um dos membros estava dando o seu depoimento na “cabeceira de mesa”⁷ e disse que existem duas situações em que o anonimato pode ser ou não revelado. A primeira seria quando a própria pessoa abre o seu anonimato, as suas particularidades e neste caso, não haveria empecilhos. A segunda seria a quebra de anonimato de outro membro, o que não era indicado pelos AA. Desta forma, pudemos constatar que, em alguns casos, os membros dos grupos não queriam quebrar o anonimato dessas mulheres. Então, ao final da reunião, explicamos que na pesquisa não iria constar nenhum dado que pudesse identificar as pessoas que fossem entrevistadas.

Após a participação nas reuniões de AA, entramos em contato com a mulher que havíamos conseguido o endereço. Ela se prontificou em dar a entrevista. Como nas entrevistas anteriores, perguntamos se ela indicava outra mulher que tivesse participado do AA e que poderia colaborar com a pesquisa. Respondeu que sim e ela mesma marcou a entrevista. No dia agendado, fomos e realizamos a quinta entrevista.

⁶ De acordo com Garcia (2004, p. 50) um amigo de AA, para os integrantes da instituição de Alcoólicos Anônimos, é alguém que “pode trazer novas informações e exercer o papel de divulgação da mensagem de AA, especialmente em locais onde o alcoólico passivo assumido considera que não pode ir, em cumprimento ao princípio do anonimato”.

⁷ A “cabeceira de mesa” é o local ao lado de uma mesa que fica centralizada na frente da sala, onde acontecem as reuniões de AA, em que os membros se posicionam para relatarem seus depoimentos.

A sexta e última entrevista, foi uma indicação do coordenador do AA, pois ao encontrar uma companheira do programa se recordou da nossa pesquisa e entrou em contato conosco para informar seu telefone.

Com base nas proposições sobre entrevista semiestruturada, elaboradas por Triviños (2008), construímos um roteiro⁸ com perguntas que nortearam as narrativas das entrevistadas, mas ao mesmo tempo, as deixamos livres para que pudessem expressar suas memórias e opiniões sobre os questionamentos levantados.

Neste aspecto, levamos em consideração a aproximação existente entre a ancoragem, como um dos processos propostos por Moscovici (2015) para explicar a construção das representações sociais e a memória coletiva de Halbwachs (2006), conforme já discutido na revisão teórica desta pesquisa, pois trata-se do momento em que as mulheres recorrerão à memória, ancorando-as e trazendo as suas representações sociais à tona. Assim, de acordo com Jodelet (2001) não se trata, simplesmente, de uma reprodução dos acontecimentos passados, mas de uma releitura ou uma reconstrução a partir das situações dispostas no tempo presente.

Em outras palavras, recorrer à memória não é trazer para o presente, os fatos tais quais eles aconteceram, pois segundo Halbwachs (2006), a nossa memória é coletiva e mesmo sendo o indivíduo quem lembra, esta está ancorada em um tempo, em um espaço e em outros indivíduos. Portanto, quando narramos os acontecimentos passados, eles estão sofrendo alterações a partir das concepções que foram construídas ao longo do tempo. Neste sentido, Bosi (1999, p. 55) aponta que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

É importante ressaltar que no momento das entrevistas, as pessoas expressam suas opiniões, relatam acontecimentos, narram suas memórias e para isso fazem um processo de reflexão sobre esses fatos. De acordo com Bosi (1999, p.88), “a narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o ‘em si’ do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma”, ou seja, os fatos narrados não podem ser considerados uma verdade pura, devido às interferências coletivas, dentre elas as espaciais e temporais, que fazem com que eles sejam reanalisados. Então, a nossa intenção é de voltar o olhar tanto para o conjunto de falas das mulheres, observando o que há

⁸ O roteiro está disponível no Apêndice desta dissertação.

de coletivo e situando-as em um contexto a partir da revisão teórica realizada; quanto para cada fala de modo particular.

O roteiro de perguntas elaborado para a entrevista com as mulheres foi pensado em três blocos. O primeiro consistiu em verificar questões mais pontuais que dariam subsídios para compreensão das perguntas posteriores, como por exemplo: a idade, grau de escolaridade, sobre o tempo que participa ou participou do AA etc.; também foi feita uma pergunta mais geral que possibilitasse à entrevistada relatar sobre sua vida em contato com o álcool. O segundo momento foi destinado a preencher as lacunas da última questão do bloco anterior, que seria de cunho aberto e, talvez, a participante da entrevista não mencionasse no primeiro momento, mas que nos interessava saber. No terceiro bloco, estavam as questões mais voltadas ao AA, a participação de mulheres nos grupos e às representações construídas depois que passaram pelo processo de abstinência ao frequentarem o AA.

As entrevistas foram marcadas com antecedência e aconteceram em três dos casos na casa da própria entrevistada, mas não havia mais ninguém além de entrevistada e pesquisadora; em outro, ocorreu no local de trabalho da entrevistada, mas ficamos em um ambiente sem a presença ou interrupção de outras pessoas; e por último, as duas foram realizadas em locais escolhidos por nós, nos quais, também, tivemos privacidade durante as gravações dos áudios.

Após a realização das entrevistas, fizemos as transcrições e posteriormente, elaboramos uma tabela, onde pudéssemos sistematizar as perguntas e respostas de cada uma das entrevistadas para facilitar o processo de compreensão para as futuras análises.

Para as análises dos resultados foi utilizada a técnica proposta por Bardin (1977) de Análise dos Conteúdos que prevê três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A primeira refere-se a organização e preparação do material para a coleta de dados. A segunda consiste na reunião de todo material coletado, na seleção e comparação deste. A terceira é o momento de refletir e discutir os dados empíricos a partir de fundamentos teóricos.

Sinteticamente, análise de conteúdo para Bardin (1977, p. 42) é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a

inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise de conteúdo, segundo Franco (2012) não é uma tarefa fácil, pois exige do pesquisador muita dedicação para perpassar as três fases, mas se estas forem seguidas de forma planejada e organizada todo o trabalho terá bons resultados. Este autor, ao abordar algumas ideias sobre a análise de conteúdo, sinaliza que esta não está dissociada de um contexto que nas análises precisa ser considerado:

Condições contextuais que envolvem a evolução histórica da humanidade, as situações econômicas e socioculturais nas quais os emissores estão inseridos, o acesso aos códigos linguísticos, o grau de competência para saber decodificá-los, o que o resulta em expressões verbais (ou mensagens) carregadas de componentes cognitivos, afetivos, valorativos e historicamente mutáveis. Sem contar com os componentes ideológicos impregnados nas mensagens socialmente construídas, via objetivação do discurso, mas com a possibilidade de serem ultrapassadas ou “desconstruídas”, mediante um processo trabalhoso (mas não impossível) e dialético, tendo em vista a explicitação do processo de ancoragem e estabelecendo como meta final o desenvolvimento da consciência. (FRANCO, 2012, p. 21-22).

Ainda nessa perspectiva, Franco (2012) sinaliza que a análise de conteúdo precisa ser construída a partir de uma relevância teórica e estar vinculada a um referencial que lhe ofereça sustentação.

Neste sentido, desde o início da pesquisa, as leituras das produções teóricas sobre o tema vieram sendo intercaladas com a parte prática da pesquisa. Portanto, levando em consideração tais procedimentos metodológicos, faremos a seguir as análises dos relatos de cada uma das mulheres que participaram das entrevistas para esta pesquisa, enfocando suas memórias e representações sociais. Tendo em vista o anonimato necessário à pesquisa, utilizaremos nomes fictícios para identificá-las. Também, apresentaremos as categorias elegidas e as análises dos resultados.

5 MULHERES E ALCOÓLICOS ANÔNIMOS: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O USO/ABUSO DO ÁLCOOL

Na medida em que nos reportávamos às entrevistas, com base na análise de conteúdo fundamentada em Bardin (1977), fizemos as análises a partir das categorias que foram emergindo. Assim, para facilitar uma melhor visualização e entendimento dos resultados, apresentamos o quadro, a seguir, com as categorias e subcategorias eleitas para discussão.

Nº	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1	Memória e representações sociais sobre o uso/abuso do álcool	<ul style="list-style-type: none"> • O primeiro contato com o álcool e os motivos que levaram à dependência; • Representações sociais de mulheres participantes dos Alcoólicos Anônimos antes de iniciarem e durante o consumo do álcool;
2	Memória e representações sociais sobre os AA	<ul style="list-style-type: none"> • Memórias e representações que circulam nos Alcoólicos Anônimos e são reproduzidas pelas mulheres; • Representações sociais de mulheres depois de conhecerem o AA e não mais consumirem bebida alcoólica; • A relação das mulheres com os grupos de AA e sua participação nas reuniões.

Com a finalidade de uma maior aproximação com as memórias relatadas pelas mulheres no momento das entrevistas e para uma melhor apreensão no momento das análises, optamos por fazer um breve resumo das memórias de cada uma das entrevistadas, no que se refere ao uso/abuso do álcool e sua relação com a família, trabalho, segmento social, escola etc. Esta proposta de recorrer à descrição dos relatos da mulheres entrevistadas, teve como base uma pesquisa realizada por Bauer (1982), que examinou histórias de mulheres alcoolistas, membros do AA, mas que, no que diz respeito às análises e ao contexto, se distância da nossa intenção,

pois as entrevistas foram realizadas com mulheres de classe média alta residentes em Paris e se volta para um viés psicológico.

5.1 MEMÓRIAS DAS MULHERES QUE FLORESCERAM DURANTE A PESQUISA

Dar voz às mulheres alcoolistas permitiu que florescessem suas memórias. Permitimo-nos dar nomes de flores às entrevistadas, primeiro porque precisávamos conservar seu anonimato, devido às questões éticas da pesquisa e, segundo, pelas peculiaridades que as flores transmitem através do ciclo fenológico das plantas⁹, seu perfume característico, de sua beleza e formato específico, mas que pertencem todas a um mesmo grupo. Este segundo motivo foi o que os relatos rememorados das mulheres participantes do AA nos fizeram refletir a partir da teoria da memória, segundo Halbwachs (2006), pois ao mesmo tempo que são as mulheres quem lembram, a partir de um ponto de vista e com suas peculiaridades, estão reportadas a uma memória que é coletiva.

Então, apoiando-nos nos relatos dessas mulheres, organizamos suas falas de modo a apresentarmos uma visão geral de suas memórias e não somente analisar os fragmentos, sem entender o todo, mas perceber que em cada uma delas, circulam representações que são significativas para a pesquisa.

Representações estas que são,

[...] reconhecidas como sistemas de interpretação que dirigem nossa relação com o mundo e com os outros. Elas norteiam e estabelecem as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão de grupos e as transformações sociais. (SILVA; CAMARGO; PADILHA, 2011, p. 948).

É importante frisar que estamos trabalhando com relatos de mulheres e que, segundo Jelin (2002), os pontos de vista das mulheres, sobre suas experiências, não são comuns às rememoradas pelos homens. De acordo com a autora:

La experiencia directa y la intuición indican que mujeres y hombres desarrollan habilidades diferentes en lo que concierne a la memoria.

⁹ “A fenologia é parte da Botânica que estuda os fenômenos periódicos das plantas, como a brotação, a floração e a frutificação, marcando-lhes os caracteres e as épocas” (BORBA, 2004, p. 608)

En la medida en que la socialización de género implica prestar más atención a ciertos campos sociales e culturales que a otros y definir las identidades ancladas en ciertas actividades más que en otras (trabajo o familia, por ejemplo), es de esperar un correlato en las prácticas del recuerdo y de la memoria narrativa. (JELIN, 2002, p. 107).

Por isso, procuramos tentar dar mais atenção às suas memórias de forma mais geral e em seguida, no capítulo 6, dar ênfase às falas mais particularizadas, pois segundo Jelin (2002), as mulheres tendem a localizar suas memórias de maneira mais detalhada, demonstram mais sentimentos e fazem referências a situações mais íntimas e pessoais.

Sendo assim, apresentamos, a seguir, a reconstrução das memórias das mulheres, a partir dos seus relatos e ao final, faremos alguns apontamentos sobre as representações das mulheres e a sua relação com as questões de gênero.

5.1.1 Gardênia

Gardênia tem 48 anos, tem um filho, é solteira e trabalha como auxiliar de serviços gerais. O seu primeiro contato com o álcool foi aos 25, quando pela primeira vez que experimentou, embriagou-se. A partir desse momento, a sua vida não foi mais a mesma e todas as pessoas que eram próximas a ela, sentiram seu sofrimento. No período em que estava dependente do álcool, ficou grávida e bebeu durante toda a gravidez. Bebeu por cinco anos consecutivos até que o seu filho completou dois anos. Gardênia agradece pelo seu filho e por ele não ter presenciado os piores momentos de sua vida. Ela não consegue atribuir a um fato de sua vida o ato de começar a beber, acredita que seja uma pré-disposição ao alcoolismo.

Ao longo de sua dependência, se recorda de acontecimentos que marcaram aquele momento, como o assassinato de sua mãe; os problemas psicológicos que a afetaram de tal modo que precisou consumir medicamentos controlados; a interferência da bebida na qualidade do seu trabalho; a vergonha que declara ao ser flagrada embriagada na rua e ser entregue aos seus familiares; o seu estado de saúde fragilizado, chegando a pesar 35kg, muito abaixo do seu peso ideal; dentre outras situações.

Gardênia admite que não gostava de beber acompanhada por ninguém, quando bebia em bares, preferia ficar sozinha e não atribui o ato que a levou a beber

à influência de amigos. Diz também, que tinha costume de beber durante a noite, no momento que chegava em casa do trabalho.

Quando no trabalho começaram a perceber que Gardênia não estava se comportando como de costume, já que trabalhava no mesmo local há vários anos, os responsáveis pela instituição decidiram tomar uma providência e levá-la para passar por um tratamento. Uma coordenadora ficou responsável por acompanhar Gardênia em todas as consultas ao médico psiquiatra. No mesmo dia, ela recebeu a visita de um membro representante do grupo de Alcoólicos Anônimos que a explicou sobre o programa e fez o convite para participar das reuniões. À noite, ela já compareceu à sua primeira reunião de AA. Gardênia se mostra muito grata pela atitude que suas patroas tomaram em relação a ela, tanto que continua no mesmo trabalho até hoje e afirma que só procurou ajuda, por causa do apoio de sua família e amigos.

Depois de três meses frequentando o grupo de AA, decidiu comunicar ao médico que iria parar com a medicação que estava consumindo. Ele quis saber dos motivos e Gardênia afirmou que não precisava mais deles, pois depois que começou a frequentar o AA o seu problema com o alcoolismo estava sob controle. A partir desse momento, Gardênia não ingeriu mais medicamentos controlados e mantém-se em abstinência do álcool há 18 anos. Ela diz participar do AA, mas não frequenta as reuniões do grupo como antes, vai quando é convidada pelos membros, para receber alguma visitante que começa a participar e precisa ouvir um depoimento de uma companheira que passou pela mesma situação de dependência do álcool. Isso porque trabalha durante a semana e considera ser perigoso o trajeto para chegar às reuniões.

5.1.2 Jasmim

Jasmim participa tanto do grupo de Alcoólicos Anônimos quanto de Narcóticos Anônimos (NA), mas o seu primeiro contato em busca de recuperação foi através do AA, há 12 anos. Ela tem 48 anos de idade, é solteira e trabalha em um salão de beleza. Tudo começou quando ela tinha 13 anos, segundo Jasmim, foi com essa idade que teve o seu primeiro “porre”. As bebidas eram oferecidas pelos amigos e todos os tipos que lhes dava ela consumia. Um ano depois, conheceu as drogas ilícitas. Conforme relata, tem uma grande preocupação em relação ao

consumo do álcool: “hoje tenho mais medo do álcool do que da droga, porque com o álcool eu tenho mais coragem de fazer as coisas”. Ela afirma que com a ingestão do álcool “você perde o sentido”.

Jasmim e seus cinco irmãos tinham problema com o álcool. De sua família, apenas uma irmã e seus pais que não bebiam. Ela já passou por diversas situações constrangedoras causadas pelo álcool, como: estragar festas para as quais tinha sido convidada, se envolver em brigas, “dormir com um e acordar com outro”, pedir bebidas a desconhecidos etc. Jasmim se lembra de um trágico acidente no qual ela foi a única sobrevivente em que envolvia o consumo de álcool: “todo mundo estava embriagado, aliás, quem estava mais embriagada era eu, que foi a que sobreviveu”.

Uma característica marcante de Jasmim é a espontaneidade. Ela gostava muito de sair com os amigos e de se divertir, no entanto, a partir de um determinado ponto da quantidade de ingestão da bebida, costumava não lembrar dos episódios acontecidos.

Por um período de sua vida, foi morar em outra cidade com uma pessoa que segundo sua fala, “era do meio do crime”. Como ela não trabalhava nessa época, “vendia, trapaceava, roubava”. Após 15 anos, retornou ao lugar onde residia. Por algum tempo, se voltou mais ao consumo do álcool do que às outras drogas e segundo ela, chegou a se prostituir para lhe pagarem uma bebida.

A trajetória de Jasmim foi bastante difícil. Ela conheceu o AA através de um de seus irmãos que já frequentava e lhe fez um convite. No dia em que participou de uma reunião, se identificou totalmente com o depoimento dado por uma mulher e se motivou a parar de beber. Mas, no dia seguinte não resistiu e bebeu novamente. Esta situação a deixara muito angustiada e prometera a sua mãe que não mais beberia. Procurou novamente o grupo de AA e mantém-se sóbria atualmente. Quanto às drogas ilícitas, através do AA passou a frequentar o NA. Manteve-se abstinente durante dois anos, mas teve uma recaída, em seguida voltou a participar das reuniões do NA e encontra-se abstinente.

5.1.3 Rosa

Rosa tem 49 anos, uma filha de 28 e declara sua profissão como balconista, apesar de, atualmente, trabalhar como empregada doméstica. Começou a beber aos 14 anos de idade. Acredita que tenha iniciado por influência da família, pois todos

bebiam: tios, primos, avós e irmãos, apenas seu pai e sua mãe não consumiam bebida alcoólica. A princípio parecia não ser prejudicial, mas aos poucos foi se intensificando, principalmente, quando vários episódios que lhe afetaram emocionalmente aconteceram em sua vida. Ficou grávida aos 20 anos, quando estava com cinco meses de gestação, sua mãe faleceu. Após dois meses do nascimento de sua filha, seu pai também veio a falecer. Rosa passou por uma situação muito difícil, pois ainda teve que ficar sob a responsabilidade de suas duas irmãs, uma com oito e a outra com dez anos de idade. Era através da bebida que conseguia se organizar e esquecer os problemas. Durante o dia ela trabalhava e quando saía do trabalho, passava em um supermercado e comprava uma garrafa de cachaça para levar para casa. Sempre bebia em casa e durante a noite, pois segundo ela servia “para descansar, para aguentar levantar no outro dia”.

O tempo se passou, sua filha e as duas irmãs começaram a crescer e a situação de Rosa foi se agravando cada vez mais, a ponto de não cumprir com suas responsabilidades financeiras, não cuidava de sua higiene pessoal, “dormia com o litro debaixo da cama” e começou a faltar ao trabalho. Trabalho este que tinha um vínculo muito forte, pois quando começou, sua filha tinha apenas um ano e agora já estava com cerca de doze anos.

A filha de Rosa, vendo ela naquela situação, começou a ter vergonha da mãe e disse que nunca mais sairia com ela se continuasse naquele estado. Rosa tinha consciência dos motivos que levava a filha a agir daquela maneira e a compreendeu.

Todas as pessoas que estavam a sua volta, além de criticá-la, davam muitos conselhos para que parasse de beber, mas ela não os levava em consideração. A patroa de Rosa, então, tomou a iniciativa de leva-la ao médico, que deu para Rosa dois meses de vida, caso não parasse de beber. Ela saiu do consultório refletindo sobre isso e o quanto sua morte poderia afetar a vida de sua filha que ainda dependia dela. Nesse mesmo dia, sua patroa convidou uma conhecida que participava do AA para fazer uma visita à Rosa. Ela a levou em uma reunião de AA pela primeira vez.

O médico havia passado uma medicação e Rosa não poderia beber e não o fez, pois, todos a sua volta a estavam a vigiar. Até que sua irmã lhe deu o remédio e quando a deixou sozinha por poucos minutos, Rosa pegou uma garrafa de cachaça, que estava escondida dentro do guarda-roupas, e bebeu meio litro. Para que sua irmã não a visse e percebesse que havia bebido, foi sozinha para o hospital perto de

sua casa, onde já tinha uma consulta marcada, mas no meio do caminho acabou desmaiando. Rosa acordou após oito horas no hospital. Todos os seus familiares e inclusive sua patroa estavam lá e ela não conseguia parar de pensar no que o médico havia dito e na reunião do AA que tinha participado.

Rosa decidiu, então, voltar ao AA e sua filha, como já era muito responsável disse que a acompanharia, fazendo a seguinte afirmação: “Eu vou com você. Eu vou porque ninguém quer lhe dar mais uma chance e eu vou lhe dar essa”. A filha de Rosa esteve com ela em todas as reuniões durante seis meses e depois desse momento, Rosa está sem consumir álcool há 15 anos.

Hoje, Rosa agradece a todas as pessoas que a apoiaram e ao AA, pois graças a essa iniciativa ela sobreviveu e pôde ver sua filha crescer, realizando-se profissionalmente. Ela se recorda de seus parentes que faleceram devido a problemas com o alcoolismo, como sua avó, seu tio e, mais recentemente, seu irmão que morreu aos 34 anos. Rosa afirma que poderia ser a quarta pessoa da família, mas conseguiu manter-se sóbria a tempo.

5.1.4 Violeta

Aos 58 anos de idade, Violeta lembra do seu passado em contato com o álcool e relata o quanto foi difícil superar aqueles momentos. Na sua infância, observava que o seu pai tinha problemas com o álcool e que sua mãe bebia esporadicamente, sem que o uso da bebida interferisse em suas atividades. Violeta passou por esse período entre infância e adolescência, sem experimentar bebida alcoólica. Depois de casada, já com seis filhos, sendo cinco meninas e um menino, descobriu que o seu marido estava se envolvendo em uma relação fora do casamento, o que a deixou muito abalada. Quando ele saía à noite, ela perdia o sono e para conseguir dormir começou a tomar uma dose de cachaça. Com o passar do tempo, essa dose, não fazia mais o efeito desejado, passando a ser duas, três, quatro, até chegar ao ponto de ingerir um litro por dia.

Violeta relata que não bebia em espaços públicos, como bares e festas, consumia a bebida apenas em casa. Também, não tinha coragem de ir a algum estabelecimento comprar, então, pedia a suas filhas, ainda crianças, para comprarem. Estas, muitas vezes, se negavam e Violeta oferecia-lhes alguma recompensa para incentivá-las a cumprir o pedido da mãe. Para não ter que ir ao

bar, também, inventava desculpas, como que sentia dores no corpo e precisava temperar a cachaça com algumas ervas para aliviar o mal-estar, então solicitava às suas filhas que fossem comprar a bebida.

Certa vez, mentiu que as crianças haviam pegado piolho na escola e que para se livrar dos insetos, precisaria de cachaça para passar em seus cabelos. Quando as crianças trouxeram a garrafa, ela usou uma pequena quantidade nos cabelos das filhas e o restante ingeriu.

As brigas em casa eram constantes. Violeta demonstra ter sofrido muito nesse período, principalmente, pela pouca responsabilidade que dizia ter com seus filhos. Poucas pessoas sabiam do seu problema, apenas as aquelas mais próximas, pois nunca chegou a beber em público. Algumas dessas pessoas, tentaram ajuda-la, inclusive levando-a em entidades religiosas, mas as respostas foram negativas.

Uma de suas amigas, que também era alcoolista, começou a frequentar um dos grupos de AA e a convidou para participar das reuniões. Violeta disse que não precisava de ajuda, mas indicou o seu irmão que também bebia. Ao acompanhá-lo em algumas reuniões, reconheceu o seu uso/abuso do álcool como um problema, tornando-se membro de AA.

Violeta não bebe há 23 anos. Ela não frequenta mais o grupo, enfatiza que tem vontade de voltar, mas não o faz porque considera perigoso o trajeto para chegar ao local onde acontecem as reuniões.

5.1.5 Margarida

Margarida tem 55 anos, é casada há 38 e teve três filhos. A sua história com o álcool começou depois que havia se casado. Começou a beber esporadicamente, apenas quando alguém lhe oferecia ou tomava uma pequena dose antes das refeições. Com o passar do tempo, essas pequenas quantidades foram aumentando e passou a beber em bares. Chegou um momento de sua vida que já estava dependente da bebida. Essa situação, interferiu no seu convívio familiar, onde as brigas com o marido passaram a ser constantes, chegando a ser agredida por ele. Em suas palavras: “Minha família brigava muito comigo, porque eu era violenta. Eu não tinha medo de nada não[...] e aí começava era briga dentro de casa [...]. Eu ia em cima de marido, marido me batia[...] me judiava”.

Margarida relata que sempre cuidou e se dedicou muito aos seus filhos, mas alega ter cometido um erro, que foi ter levado seus filhos junto com ela para os bares onde costumava frequentar. As crianças demonstravam ter vergonha de sua mãe, pelos atos que cometia quando estava sob o efeito do álcool.

Devido ao problema do alcoolismo, Margarida perdeu o seu emprego em serviços gerais. Lamenta-se por essa situação, mas ao mesmo tempo, agradece por não ter perdido a sua vida por causa do álcool.

Ela tinha o desejo de parar de beber, tanto que já havia tentado procurar uma solução através de entidades religiosas, mas não foi suficiente. Certa vez, quando estava bastante alcoolizada, sentada em frente a porta de sua casa, uma senhora que conhecia a viu naquela situação, então a convidou para participar de uma reunião no grupo de AA. Ela aceitou e foi à reunião pela primeira vez. Não via a hora que o encontro acabasse logo para ir para casa, mas algo lhe chamou muito a atenção, quando os membros do grupo se voltaram para ela e disseram o quanto era importante. Margarida saiu do AA muito mais confiante, pois havia se sentido valorizada por pessoas que nem conhecia, o que a sua própria família nunca tinha feito.

Manteve-se um mês sóbria e frequentando o grupo, quando foi convidada, por sua cunhada a ir à sua casa, onde lhe foi oferecida bebida. Margarida não resistiu e bebeu o máximo que pode. No dia seguinte, estava arrependida daquele feito e prometeu que continuaria no AA e não mais beberia. Ela permanece sem beber há 23 anos.

Margarida afirma ter participado do AA com frequência por muitos anos, mas depois que conseguiu manter-se sóbria, não compareceu mais às reuniões. Ela alega que não mais frequenta devido ao índice de violência na cidade e pelo fato do grupo se reunir à noite.

5.1.6 Dália

Dália tem 59 anos e começou a beber aos 5 anos de idade. Suas memórias apontam para um passado triste e de muitos enfrentamentos. Desde muito cedo se mostrava independente, sempre tentava fugir dos padrões e para isso infringia as regras impostas pelos seus pais, como por exemplo, escapar da escola e ir brincar na rua. Eram oito irmãs, mas Dália sempre se destacava por não seguir as normas.

Seu primeiro contato com a bebida aconteceu na época de São João, experimentando na casa de sua madrinha um licor de jenipapo. Neste dia, quando chegou em sua casa e deitou na cama, viu o teto e tudo em sua volta girar. A partir deste momento, com apenas cinco anos de idade iniciou sua vida com o álcool e com essa pouca idade, planejava diversas estratégias para conseguir beber. Uma das filhas de sua madrinha, sempre limpava o chão da casa com um escovão para dar brilho, para que o brilho ficasse mais intenso quanto mais peso no utensílio, melhor o resultado, então, Dália se propunha a sentar no escovão, pois dessa forma ficaria mais pesado e em troca ganhava um cálice de licor. Essa prática perdurou até que, aos 7 anos, foi morar com sua família em outra cidade. A sua preocupação era de como conseguiria beber, então, fez amizade com uma vizinha e juntas roubavam bebida da despensa dos pais da garota e completavam as garrafas de bebida que se esvaziavam com água para que ninguém percebesse. Outra prática para conseguir ingerir o álcool era esperar que amigos convidados pelo seu pai na sua casa fossem logo embora para que pudesse beber os restos de bebida que ficavam nos copos. Além do consumo da bebida alcoólica, Dália começou a fumar. Como não tinha acesso a cigarros, pegava um fósforo em sua casa e acendia os tocos de cigarro que encontrava na rua.

Por mais duas vezes, Dália mudou de cidade com sua família e continuou a buscar meios para continuar bebendo e a dependência pelo álcool cada vez mais se intensificava. Ela acredita que devido a esse fator não conseguia se desenvolver na escola e hoje atribui a sua dificuldade de aprendizagem na escola, também, a uma possível dislexia e déficit de atenção. Seus pais e, principalmente seu pai, eram muito rigorosos no sentido manter um comportamento e preservar a imagem da família e Dália se posicionava totalmente contrário a isso, uma vez que almejava a liberdade. Como não conseguia alcançá-la, devido ao posicionamento de sua família, resolveu se casar, porque acreditava estar apaixonada e fazendo isso seria livre, como sempre desejou. Mas o contrário aconteceu, devido aos ciúmes do marido. A partir daí passou a beber diariamente, bebia até um litro de *whisky* por dia.

Dália teve três filhos, mas afirma não ter bebido durante a gravidez, pois neste período a bebida alcoólica lhe causava enjoos, mas após um mês de amamentação, não produzia mais leite e voltava a beber. Ela conta que a criação de seus filhos foi bem complicada, pois às vezes saía para beber, deixava os filhos e quando chegava em casa não conseguia reagir a nada. Tiveram momentos de cair

no banheiro e ficar lá até o dia seguinte, ou de deitar na cama com a roupa suja e ter que ser trocada por sua filha mais velha. Mesmo diante destas circunstâncias, desejava o melhor para seus filhos e os educava de modo a não seguirem seu exemplo. O seu casamento já não se sustentava mais, separaram e reataram o relacionamento por algumas vezes, informalmente, e em seguida resolveram se divorciar.

Segundo ela, tudo mudou em sua vida após conhecer o AA, aos 37 anos de idade. Foi convidada por uma amiga a conhecer o programa e a partir daquele dia não mais voltou a beber. Resolveu dar mais uma chance ao relacionamento, pois talvez o problema de não terem dado certo estivesse no alcoolismo. No entanto, a tentativa foi frustrada e ela acabou se separando novamente. Dália permanece sóbria há 23 anos e casou-se com um membro de AA. Sente-se realizada por ver seus filhos bem.

5.2 BREVES REFLEXÕES SOBRE AS MEMÓRIAS QUE FLORESCERAM

Estes relatos que fazem florescer as memórias das mulheres participantes do AA, que contribuíram com entrevistas para a pesquisa, serviram de base para as análises realizadas.

Diante de tais relatos, podemos apontar características principais e comuns entre essas mulheres, como: a faixa etária entre 48 e 59 anos; a classe social trabalhadora a que pertencem; os motivos pelos quais não participam dos grupos de AA com a mesma frequência que quando começou (apenas uma participa com frequência); três delas bebiam sempre em casa e três bebiam em espaços públicos; uma começou a beber quando criança, duas começaram a beber durante a adolescência e as demais iniciaram com o consumo do álcool a partir dos vinte anos de idade; as seis entrevistadas foram incentivadas por alguém à buscarem ajuda para o problema com o alcoolismo no AA.

Observamos que as mulheres, mesmo na situação de problemas com o uso/abuso do álcool, preconizavam o cuidado com a família e, principalmente, com os filhos e filhas. Quando isso não acontecia elas tendiam a se culpar por não ter cumprido com o seu papel como o esperado. Essa relação entre ser dependente do álcool e não conseguir dar conta das tarefas que fossem executadas por elas causava uma sensação de sofrimento. Saffioti (2015, p. 24) cita Ruth Benedict

(1988) para dizer que, “as mulheres são treinadas para sentir culpa. Ainda que não haja razões aparentes para se culpabilizarem, culpabilizam-se, pois vivem numa civilização da culpa”.

Além disso, declararam sofrer por enfrentarem o desprezo de alguns membros da família e amigos. A ocorrência de brigas fazia parte da realidade da maioria delas, inclusive, algumas passaram por agressões físicas, sendo uma delas pela irmã e outra por parte do marido. Na situação de violência vivida por Margarida pelo marido, ela tenta justificar que a agressão ocorria pelo fato dela estar alcoolizada e tentar enfrenta-lo.

Três das mulheres relataram que bebiam em casa. Violeta, além de beber em casa, tinha vergonha de ir ao bar comprar bebida, então, mandava suas filhas. Ela consumia a bebida alcoólica tão discretamente que algumas pessoas nem sabiam que ela era alcoolista. No caso de Gardênia, costumava beber em casa, mas quando decidia ir ao bar ficava afastada de todos e bebia sozinha.

Esta é a situação mais comum entre as mulheres alcoolistas, beber em casa e/ou de forma solitária (CÉSAR, 2005). Recorremos a Saffioti (2015;1987) para dizer que essa realidade pode estar associada à construção social do ser mulher, das quais as atividades domésticas, do cuidado com os filhos e do cumprimento de obrigações como esposa foram a elas atribuídas e impostas pela sociedade patriarcal, restringindo-as ao ambiente privado.

As demais entrevistadas fogem deste contexto, pois sempre beberam na rua, bares, festas etc. No decorrer de suas trajetórias demonstraram características muito fortes em suas personalidades, a partir do enfrentamento às pessoas que estavam a sua volta. Como as relações sociais nem sempre se dão de forma passiva, essas mulheres resistiram e transgrediram a imposição do modelo de ser mulher. Mas ao sair desse modelo construído para ser mulher, sofreram com a consequência de serem estigmatizadas pela sociedade. O estigma, neste caso, segundo Goffman (1988), funciona como forma dizer que aquele lugar não lhe pertence.

Dália procurava no álcool a liberdade, mas mesmo ingerindo a bebida não conseguia alcança-la, pois estava sob os comandos e autoridade de seu pai, que a reprimia por qualquer atitude que fugisse dos padrões. Com a intenção de se livrar desse contexto de repressão, Dália casou-se para ter a tão sonhada liberdade, mas não adiantou porque o seu marido a reprimia tanto quanto seu pai. Segundo Cunha (2007), essa é uma realidade enfrentada por muitas mulheres e decorre de uma

construção social de que o casamento é o momento de realização dos sonhos, então, várias expectativas vão sendo criadas em torno desse dia.

Um fato importante a ser ressaltado é o momento em que as mulheres procuram os grupos de AA, pois foram levadas e incentivadas por pessoas próximas e estas, foram em todos os casos, por outras mulheres, seja da família, do trabalho, a própria patroa, uma amiga etc. Apenas Jasmim recebeu o convite de seu irmão que já frequentava o AA, mas a motivação para continuar participando das reuniões e parar de beber, ocorreu a partir do depoimento de uma mulher em um dos encontros do grupo e sob o apoio de sua mãe.

O contrário ocorre com os homens alcoolistas participantes do AA, pois na maioria dos casos são acompanhados por suas esposas no processo de recuperação, conforme Garcia (2004) e Mota (2004) apontam. Inclusive, nos grupos Al-Anon, que são destinados aos familiares do/da alcoolista para aprenderem a contribuir com o desenvolvimento do programa e ajudaram-se mutuamente a enfrentarem o problema, a maioria das participantes são mães, filhas e esposas.

Essa contradição nos faz, mais uma vez, refletir sobre como são construídas as relações de gênero em torno das responsabilidades que são atribuídas à mulher. Enquanto esposa não desiste de seu parceiro, e vai à luta com ele na intensão de contribuir com sua recuperação e reconstituir os laços na família. Enquanto alcoolista a mulher, nos casos apresentados, não receberam ajuda dos parceiros e em alguns, foram abandonadas por eles.

5.3 MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O USO/ABUSO DO ÁLCOOL

5.3.1 O primeiro contato com o álcool e os motivos que levaram as mulheres à dependência

Segundo Campos (2006), os Alcoólicos Anônimos não elucidam os motivos pelos quais a pessoa se torna alcoolista. A literatura de AA aponta tratar-se de uma doença, no entanto, suas causas não são explicitadas. Mas, segundo ele, é possível verificar, a partir do discurso dos membros do grupo, tais motivos.

Das seis mulheres entrevistadas nesta pesquisa, três começaram a beber na fase adulta e três iniciaram entre a infância e a adolescência, entre cinco e quatorze

anos. Esse primeiro contato foi determinante para o desenvolvimento da dependência posteriormente.

Eu sei que eu experimentei a bebida eu tinha 25 anos. Eu não bebi na minha adolescência, mas na primeira vez que eu bebi eu me embriaguei e eu não fui mais feliz. (GARDÊNIA).

Eu comecei a beber em 90. Não era, assim... para beber, assim...não. Era uma dosinha ali para almoçar [...] quando eu pensei que não, eu já estava alcoólatra mesmo. (MARGARIDA).

A minha história com o álcool foi assim: começou eu tinha 23 anos. (VIOLETA).

Comecei a beber com 14 anos. Bebi 20 anos. Claro que no começo a gente não bebe como eu parei, bebendo em todos os dias, todos os momentos de minha vida. No começo foi só para divertir. (ROSA).

Aos 13 anos eu comecei a beber, aí já gostava de sair, de beber...tudo que me dava para beber eu bebia. (JASMIM).

A primeira vez que eu bebi o primeiro gole. Esse primeiro gole, eu tinha cinco anos de idade. Cinco anos de idade esse que foi evoluindo, porque... bebi licor de jenipapo. (DÁLIA)

No caso das mulheres entrevistadas foi possível perceber que os motivos causadores do consumo do álcool estão relacionados a uma predisposição, à influência dos próximos, ou por terem passado por alguma decepção na vida.

Até hoje não há um consenso da comunidade científica quanto aos motivos causadores do alcoolismo. Segundo Vespucci e Vespucci (2001) a questão da predisposição é relativa, pois não se sabe ao certo quais as pessoas que podem ou não chegar à dependência do alcoolismo. Neste sentido, os autores afirmam que este fator pode ser comparado ao desafio de roleta russa, quando o revólver sempre dispara e o tiro é certo.

Quando alguém toma suas primeiras doses de bebida alcoólica ou de outra droga que lhe altere a personalidade ou o psiquismo, está na verdade iniciando um vôo cego, entrando numa roleta-russa [...]. Na extravagante demonstração de coragem que é o jogo de roleta-russa, o participante municia o revólver com uma única bala, gira o tambor, aponta para própria cabeça e puxa o gatilho. Se o cão da arma encontrar um dos cilindros vazios do tambor, nada acontece. Se a bala, porém, estiver no ponto de disparo, o participante morre. A analogia vale bem para o alcoolismo, para drogadição (dependência de drogas) em geral. (VESPUCCI & VESPUCCI, 2001, p. 19).

Deste modo, Vespucci e Vespucci (2001) consideram a existência de três grupos: os que bebem de forma esporádica, mas que podem se envolver com o consumo de tal modo, podendo causar danos a ele e à sociedade; os que experimentam, mas desenvolvem uma repulsa física ao álcool; e os que consomem, tornando-se dependentes com o tempo.

Quando interrogadas sobre o que pensavam sobre bebidas alcoólicas ou sobre os motivos que as levaram a beber, algumas respostas apontavam para uma predisposição que era inata ao indivíduo. Assim, o ato de beber de forma a evoluir para uma dependência não seria para todas as pessoas, mas apenas para aquelas que possuem uma predisposição.

[...]Mas como decorrer do tempo, quando a gente já nasce com aquela pré-disposição de ser alcoólatra, aí é só prejuízo [...] (GARDÊNIA).

Tem pessoas que aflora. Quando você bebe tem gente que não se vicia. Eu me viciiei. (JASMIM).

Com o tempo, como se diz que a gente já tem uma... é predestinado a beber, porque lá se diz assim, quando a gente começa no AA. (ROSA).

Cinco anos de idade, esse que foi evoluindo, porque... bebi licor de jenipapo. Em [fala o nome da cidade], na época de são João, na casa de uma madrinha minha que era vizinha. Ela fazia muitos licores, para época. Então, a minha mãe pedia para ela não me dar, porque era bebida alcoólica e por meu pai já ser um bebedor, na época. (DÁLIA)

O contexto em que as mulheres viviam, seja na infância, na adolescência ou na fase adulta, era permeado por familiares e amigos que tanto consumiam, como ofereciam a bebida alcoólica para que experimentasse.

A casa de amigos, né? Todo mundo adolescente: “Bora beber? É bom e tal e tal...um vinhozinho, bebe esse vinho”. Aí aflorou. (JASMIM).

Jasmim começou a beber na adolescência e foi incentivada por seus amigos. Segundo Vieira (2007, et al) essa é uma realidade entre os adolescentes, pois tem a necessidade se integrar em grupos que possuem alguns padrões definidos, sendo o consumir de bebidas alcoólicas, um deles.

A motivação pelos familiares e pessoas próximas também é um fator que contribui para o início da vida alcoólica, como podemos observar nas falas das mulheres entrevistadas:

Uma vizinha falava assim: "toma aqui um pinguinho". Aí eu ia e bebia. Quando chegava de noite, falava assim: "toma aqui um golinho para comer, moça, bebe". Aí pronto. (MARGARIDA).

Eu não sei pelo fato que na minha família todo mundo... acho que umas... todo mundo bebia, meu pai e minha mãe não, mas avô, avó, tio e pelo fato de ver, eu bebia um pouquinho para ver se era bom, no começo. (ROSA)

Estudos como o de Tomaz (2014, et al) Monteiro (2011, et al) e Elbreder (2008, et al) demonstram que o contato com o álcool no meio familiar, através de amigos próximos é bastante comum entre as mulheres, inclusive em mulheres entre a juventude e a fase adulta. Situação que foi observada dentre algumas das mulheres participantes do AA.

Duas das mulheres demonstraram ter passado por decepções que, possivelmente, desencadearam a dependência do álcool. No caso de Violeta, a decepção está relacionada ao relacionamento com o parceiro, pelo fato de o marido ter quebrado com o pacto de fidelidade, deixando-a sozinha em casa para ficar com outra mulher.

Para Violeta, esse sofrimento causado por abandonos durante a noite lhe causou muito desgosto, a ponto de começar a fazer ingestão do álcool para conseguir dormir. Neste caso, pode-se dizer que o parceiro de Violeta exercia sobre ela uma violência psicológica, que segundo Cunha (2007, p. 101) "é uma das formas mais comuns e mais causadoras de danos irreparáveis, pois ela não acontece apenas no ambiente doméstico". Além disso, "[...] é de mais difícil reconhecimento, na medida que não deixa marcas visíveis no corpo da vítima" (CUNHA, 2007, p. 101). Na situação de Violeta, a consequência da violência psicológica foi o desenvolvimento da dependência do álcool.

O meu marido arrumou outra mulher e aí me desgostou muito. Aí eu comecei a tomar uma dose, as vezes de noite pra dormir. As vezes ele saía e eu não conseguia dormir, pensando. Aí eu bebia uma dose e pronto, dormia. Aí uma dose não fazia efeito, eu comecei a beber duas, três, quatro... e aí cheguei um ponto, que quando eu acordei... eu, as vezes, bebia até um litro por dia. (VIOLETA).

De acordo com César (2005) a violência pode sim desenvolver o alcoolismo. Em suas palavras:

Observamos que o beber feminino está atravessado por essas relações e interações sociais onde as relações de gênero estão muito presentes. Particularmente observamos uma questão grave que é a relação do beber feminino com a violência. Não da perspectiva (não menos significativa) onde o alcoolismo provoca a violência, mas sim, onde a violência pode contribuir para gerar alcoolismo. (CÉSAR, 2005, p. 99)

Guimarães (2010, p. 26) destaca que alguns dos motivos que levam as mulheres a beber estão relacionados a “fatos negativos e traumáticos na vida como morte, privação econômica e doenças”.

Para Rosa, a decepção, está tanto relacionada ao fato de ter sido abandonada pelo pai de sua filha, quanto pelo sofrimento de ter perdido seu pai e sua mãe em pouco tempo. Isso a desestabilizou, pois recaia sobre si a responsabilidade de cuidar de suas irmãs mais novas e ainda de criar sua filha.

Eu tive minha filha, o pai não assumiu. Quando minha filha tinha... quando eu estava grávida de cinco meses minha mãe morreu. Quando minha filha tinha dois meses, meu pai morreu. Duas mortes em sete meses. Minha filha estava com dois meses, eu fiquei com uma irmã de dez anos, uma de oito para mim criar. Eu não sabia nem o que fazer, quer dizer, nenhum trabalho eu tinha. Tinha eu e meu irmão, lá na frente eu vou lhe dizer sobre ele. E... e agora o que fazer? Então, eu achava que bebendo, pelo menos eu estava conseguindo organizar a vida. (ROSA).

5.3.2 Representações sociais de mulheres participantes dos Alcoólicos Anônimos antes de iniciarem e durante o consumo do álcool

As representações sociais de mulheres participantes dos Alcoólicos Anônimos antes de iniciarem o consumo do álcool demonstram um estágio positivo de suas vidas. No que diz respeito a relação entre à família, amigos e o trabalho, as mulheres entrevistadas apontam que mantinham um convívio positivo, antes de começarem a beber. Assim, quando interrogadas sobre esse momento de suas vidas, responderam que: “Antes de começar a beber tudo era uma maravilha” (JASMIM); “Porque sempre foi boa minha relação no trabalho com minha família” (ROSA); “Era ótima. [...] graças a Deus, era tudo mil maravilhas” (VIOLETA); “Era bom. Antes era. Era tudo amizade, aquela amizade sadia”. (MARGARIDA).

As mulheres participantes deste estudo, relatam que depois que começaram a beber, a relação com a família, amigos e trabalho, mudou completamente e a partir desse momento, as dificuldades começaram a ser enfrentadas. Elas reconhecem que a culpa não está nas pessoas que se afastaram ou fizeram julgamento, mas se trata do problema que carregam. Deste modo, responderam:

Mudou. Porque muda tudo, né? Porque o alcoólico ele transforma a vida. A gente coloca a vida pior que o um cachorro. Muitas vezes um cachorro vira lata da rua ou da casa tem mais valor do que a gente, mas não é porque a nossa família desvaloriza é porque a gente mesmo desvaloriza a gente e desvaloriza a família. (GARDÊNIA).

Na fala de Gardênia é possível perceber que as representações que tinha sobre a pessoa alcoolista giravam em torno da depreciação. Para ela, associar o ato de estar alcoolizada a um cachorro seria uma forma de inferiorizar e de destituição de valor. Observamos que a visão de Gardênia quanto a isso, está intimamente ligada ao que Neves (2004) afirma ser uma construção social dos modos de beber, ou seja, a depender do tipo de sociedade e do contexto cultural em que se está, a recepção de beber até perder o controle, ou beber e conseguir controlar-se, ou ainda não beber, poderá ser visto diferente, seja de forma receptiva ou de maneira depreciativa. No caso da representação de Gardênia sobre o alcoolista, ainda recorreremos a Neves (2004), pois destaca que para que haja tal desvalorização, uma quebra dos códigos que se é aceitável no ato de beber por aquele grupo deve ter se rompido.

Neste sentido, nos remetemos a uma das funções das representações sociais que, segundo Moscovici (2015), seria de convencionalizar objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram, de forma a definir um terminado modelo comum a um grupo de pessoas. Para o autor:

Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em uma determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros sob pena de não ser nem compreendido, nem codificado. (MOSCOVICI, 2015, p 34).

Assim, para o sujeito do grupo que se distanciar daquilo que foi convencionalizado, sofrerá uma penalidade no âmbito social por tal desvio.

Uma situação parecida é a de Jasmim, pois as representações se construía a partir de sua exclusão dos ambientes sociáveis, inclusive dos lugares onde conseguia a bebida. As relações de confiança também foram desfeitas. Conforme a entrevistada:

Ah! Mudou. Antigamente, aqui, ninguém me convidava para lugar nenhum, ninguém confiava em mim, me vender nada. Dono de bar, aqui, não me queria no bar dele, porque além de beber eu ainda esculhambava com todo mundo. (JASMIM).

Quanto à posição de Jasmim, Garcia (2004) explica com base em sua pesquisa realizada em bares, que para ser um freguês de um bar é preciso que algumas regras construídas naquele espaço sejam cumpridas, logo o proprietário fica sempre atento a qualquer desvio de comportamento, caso ocorra, o cliente será excluído ou submetido a humilhação.

Rosa atribui a culpa da falta de respeito das pessoas para com ela, ao desrespeito que tem a si própria, por não ter controle sobre o álcool.

Mudou sim [...] as pessoas começam a desprezar a gente. Ninguém tem mais respeito, pois se você não se dá ao respeito, como é que alguém vai lhe respeitar. (ROSA).

A fala de Violeta deixa claro que após tornar-se dependente da bebida alcoólica, o seu comportamento, incluindo as suas responsabilidades com a casa e com o cuidado com os filhos foram deixando de ser cumpridas. Este foi um dos fatores que a afetou muito, pois repetiu por várias vezes durante a entrevista.

Aí depois do álcool mudou. E como mudou! Tudo era briga. Às vezes, as responsabilidades, mesmo, com os filhos. Uma responsabilidade, já... de uma mãe, que como é que uma mãe... mandando filho comprar bebida alcoólica? Então, as vezes eu falava: "você vai, pega um batom garoto". Outro... várias vezes, pra você ver a responsabilidade da pessoa alcoalatra, quantas vezes minhas filhas iam para a escola, eu mentia que elas tinham pegado piolho na escola pra poder falar: "ó, a menina está com piolho da cabeça, eu vou mandar comprar... vai lá compra um litro de cachaça, para poder ensopar o cabelo dela, para poder matar o piolho". Mentida. Pegava, botava um pouquinho na cabeça das meninas e o restante eu ingeria tudo. Então, é uma responsabilidade que a gente não tem. Principalmente, para uma mãe. Eu menti muito, as vezes eu inventava que eu estava doente, que eu sentia dores para poder mandar comprar a bebida, para poder... cortava tudo de remédio, colocava dentro de folha, botava de manhã cedo, de tarde já tinha bebido tudo. Então... uma vida muito sofrida. Às vezes quando eles

não queriam comprar, as meninas não queriam comprar... quantas vezes eu forcei as minhas filhas irem comprar álcool para mim? Muitas vezes. Quem tem mãe que hoje é tudo mais liberal, vai para as portas dos bares, senta, bebe. Não. No meu caso, eu não bebia[...] Era só dentro de casa (VIOLETA)

Violeta carrega sobre si esta responsabilidade construída pelo sistema patriarcal de ser dona de casa e cuidar dos filhos (SAFFIOTI, 2015). Quando esse papel não foi executado como o esperado, devido ao consumo do álcool, despertou-lhe uma frustração de não ter cumprido com suas obrigações de mãe.

Durante o período em que bebiam, as mulheres entrevistadas tinham uma representação negativa sobre si mesmas. Diante da pergunta sobre como se viam quando começaram a beber, responderam:

Um trapo, sofrida, destruída, derrotada, tudo que você pudesse imaginar. (GARDÊNIA).

Eu me via outra pessoa. Da que sou hoje, sim. A gente quando bebe não tem muita responsabilidade. A gente... para ser franca, não tem moral. (VIOLETA)

Eu me sentia um lixo. Eu já me senti um lixo. Eu já me senti assim... sei lá... uma lama. Já não sentia mais nada por mim. Eu já não tinha mais nem amor por mim. (MARGARIDA)

Muito louca, louca desvairada, a rainha da cocada preta, uma pessoa totalmente desajustada. (DÁLIA)

Eu era desaforada. [...]Advogada do álcool, né, eu era (JASMIM)

Gardênia, Violeta e Margarida atribuíram a si representações apenas negativas. Já Dália e Jasmim, apesar de se identificarem como “louca”, “desvairada”, “desajustada” e “desaforada”, demonstraram confiança nos momentos que bebiam.

De acordo com as falas das entrevistadas, as pessoas que estavam à sua volta tinham representações negativas sobre elas, começaram a se afastar a partir do momento que perceberam que existia problemas com o álcool.

No caso de Rosa, em um episódio no transporte coletivo, demonstraram não ficar confortáveis ao seu lado, pelo fato de perceberem que estava alcoolizada.

Se afastaram de mim, porque ninguém quer uma cachaceira do lado. Um homem não vai namorar uma mulher se ele não bebe ou então se ele bebe, mas a mulher... eu não fazia... não era de fazer escândalo, mas toda hora uma pessoa chegar perto de você e você está cheirando álcool logo cedo. Eu entrava no ônibus a pessoa

virava a cara para mim. Por que? Porque eu estava, eu estava cheirando álcool. (ROSA).

Rosa expõe que um homem não namoraria com uma mulher que bebe, não conclui a frase, mas deixa nas entrelinhas que uma mulher namoraria com um homem que bebe. Esse posicionamento da entrevistada demonstra que os estigmas criados em torno da mulher alcoolista são mais fortes do que para o homem alcoolista, pois além de enfrentarem o preconceito por serem mulheres, ainda sofrem o estigma do alcoolismo. Pelo fato da construção social do homem, pela sociedade patriarcal ser considerado como “superior” (SAFFIOTI, 2015), preferem não se submeter a tal estigma, uma vez que, segundo Goffman (1988, p. 39) “o indivíduo que se relaciona com um indivíduo estigmatizado através da estrutura social – uma relação que leva a sociedade mais ampla a considerar ambos como uma só pessoa”, ou seja, o estigma passa a compartilhado com o próximo.

Para Violeta, as pessoas passaram a ter pena dela, depois que descobriram seu problema com o álcool, pois comparavam seu comportamento antes e depois do álcool.

[...] muita parte sentia pena, por saber que eu era uma pessoa... antes, a pessoa que eu era antes, muitos sentiam pena. (VIOLETA).

A condição de Margarida era ainda mais grave, pois além de enfrentar agressão verbal pelas pessoas a sua volta, ainda sofria agressão física por parte de sua irmã.

Me maltratava. Me chamava de cachaceira. Chamava eu de cachaceira, me maltratava. Eu tinha uma irmã, mesmo, que me dava tapa, que judiava de mim. Tá entendendo? Que me judiava. (MARGARIDA).

As representações sobre Dália era considera-la louca, pois tinha uma personalidade muito forte e não aceitava ser humilhada.

Como louca. Fui rotulada como louca. Não tinha outro título, se não a louca. Todo mundo tinha muito medo, porque eu enfrentava, eu passava por todos, eu passava por cima igual um rolo compressor, quebrando todas as ... tudo que era de preconceito de ... eu quebrava tudo. Meu pai era *super* valente e eu passava por cima dele. (DÁLIA).

Um fato importante a ser destacado é que apesar dessas representações negativas sobre o alcoolismo que conviviam, alguns familiares mais próximos se preocupavam com o estado das mulheres entrevistadas. Como pode ser observado em suas próprias falas:

[...] existe recuperação quando a pessoa quer, mas em primeiro lugar o Deus, depois a família, porque minha família também, mesmo com toda degradação do álcool dentro da minha família, eu tive muito apoio, porque meus irmãos ficaram limpos do álcool também. (JASMIM).

Porque no começo a vontade é difícil. Meu Deus do céu! Eu tinha uma vontade de beber que eu faltava morrer louca, mas minha família me ajudou, porque nesse período não entrou mais álcool na minha casa durante um ano e se alguém sentisse vontade de beber, saía e bebia, lá em casa não bebia. (ROSA).

5.4 MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE OS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

Para as mulheres alcoolistas entrevistadas, passar pelos AA foi um processo de transformação, não apenas no que diz respeito ao ato de manterem-se sóbrias, que se trata do principal objetivo do programa, mas de conceber essas mudanças em nível de atitudes e numa perspectiva espiritual, como afirma Gardênia, quando questionada sobre sua opinião dos AA:

O programa é tudo. A programa é uma reformulação de vida. É um programa verdadeiramente espiritual. Lá é para mudar, lá não é para parar de beber, porque para parar de beber eu paro em qualquer lugar, paro dentro de casa. Em qualquer esquina eu paro de beber, mas o programa não, no programa você tem que se firmar mesmo e você vai resolver a sua vida. (GARDÊNIA).

A transformação está tão presente nas representações das mulheres a partir do contato com o AA, que Rosa utiliza de uma brincadeira feita pelos membros do grupo para afirmar que existe uma mudança para melhor, dizendo:

Lá é nosso salão de beleza que quando você chega lá, você está só, no popular, só o bagaço e lá você vai se resgatando em tudo, na vida, na moral, em tudo.

A visão que as mulheres têm de AA perpassa por uma relação de confiança no programa e na necessidade de ajuda entre todos os membros. Sendo assim, os fatores externos que poderiam trazer alguma espécie de hierarquia ou distinção de tratamento entre as pessoas dentro de AA, são ofuscados diante da meta maior, que é parar de beber. Mota (2005) considera ser os AA, um grupo de “ajuda mútua” e não um grupo de autoajuda, pois para ele o fato de compartilhar no programa é muito mais forte do que a busca por interesses particulares. Na fala de Violeta, podemos observar esta questão:

Lá é um lugar que a gente ajuda todo mundo. Todo mundo que vai pra lá, é difícil um que leve a sério que não seja recuperado. O AA é uma coisa que não tem comparação. O pessoal lá trata todo mundo bem, todo mundo é igual. Se tiver médico, se tiver advogado, se tiver engenheiro, se tiver padre, se tiver pastor, se tiver o que for, é todo mundo tratado igual. Ninguém é melhor do que ninguém lá dentro, porque somos todos doentes do mesmo problema.

Ainda segundo Mota (2005), a “dívida da sobriedade” recebida pelos AA de forma gratuita, precisa ser retribuída com ações. Esta atitude, pôde ser identificada no relato de Rosa:

Eu não canso de admirar e falar: “O AA hoje faz parte de minha vida”. Onde quer que eu vá eu vou falar do AA. E não tenho o menor costume. É claro, a gente não coloca numa placa, como se fosse “compro ouro”, “eu sou do AA”, mas se as pessoas me perguntarem. Falar igual o povo: “_Dai de graça aquilo que de graça você recebeu”, então se uma pessoa precisar de mim, estou disposta. Quando a gente vê, a família pergunta, vê alguém na situação que eu já me encontrei eu falo: “_Ó, tem tal lugar”, se ele quiser, lá tem pessoas esperando por ele que vai ajudar, então não tenho vergonha, então eu falo, o AA faz parte de minha vida em qualquer parte que eu vá.

Pudemos perceber que as memórias e representações que as mulheres entrevistadas têm do AA são positivas e retratam momentos que lhes possibilitaram dar continuidade a suas vidas sem o sofrimento que o consumo da bebida alcoólica as causava.

5.4.1 Memórias e representações que circulam nos Alcoólicos Anônimos e são reproduzidas pelas mulheres participantes do programa

As representações sociais, como vimos a partir de Moscovici (2015), estão presentes nas conversas informais e se localizam, principalmente, em grupos de onde são disseminadas. Estas, na sua constituição trazem elementos que as caracterizam como uma modalidade de conhecimento que tem como principal papel a construção de comportamentos e o processo de comunicação entre as pessoas. Nessa mesma perspectiva, a memória coletiva, segundo Halbwachs (2006) é construída a partir das relações grupais e são desenvolvidas dentro de tempos e espaços por meio das experiências que dão sustentação à memória.

Nos grupos de Alcoólicos Anônimos existem algumas representações e memórias que são próprias do grupo. Elas se repercutem nas comunicações entre os membros, inclusive entre as mulheres. Segundo Campos (2005), ao longo dos anos de existência dos grupos, um repertório amplo de expressões foi sendo construído e reproduzido no interior da irmandade, principalmente, no que diz respeito ao caráter individual do alcoolismo, como expressão: “Primeiro eu, segundo eu, terceiro eu” (GARDÊNIA), que foi identificada por Campos (2005) e também apareceu nas entrevistas realizadas nesta pesquisa.

Ainda sobre este repertório de expressões comuns aos Alcoólicos Anônimos e que reforçam a maneira como são construídas as concepções sobre o uso/abuso do álcool, o processo de recuperação dos membros e a importância da execução programa para um resultado efetivo. Podemos destacar na fala das entrevistadas, frases que refletem esta homogeneidade nas falas, como: “24 horas de sobriedade”, “evitando o primeiro gole”, “só por hoje”, dentre outras.

Garcia (2004, p. 160) aponta que as “narrativas demonstram como o adepto da instituição de Alcoólicos Anônimos constrói a sua trajetória como uma história coletiva que pode ser atribuída ao alcoólico”.

Nota-se, portanto, que há uma reprodução de concepções sobre a dependência alcoólica advindas dos preceitos de AA, que estão presentes em sua literatura, repercutem nas comunicações informais entre os membros e estão presentes na fala das mulheres entrevistadas. Deste modo, pode-se dizer que existe uma memória coletiva que caracteriza os grupos de Alcoólicos Anônimos e que, por sua vez, influencia a percepção das mulheres dentro dos grupos.

Deste modo, destacamos, a seguir, as representações sociais confluídas nas lembranças das mulheres entrevistadas e que ressaltam pontos comuns sobre o uso/abuso do álcool e sua relação com os AA, como: a dependência do álcool

enquanto uma doença fatal; como causadora de prejuízos na relação familiar, na escola, com amigos e no trabalho; e como uma questão de moralidade.

Como vimos no desenrolar desta pesquisa, a trajetória do entendimento sobre o álcool, através de modelos teóricos, demarcados por momentos históricos, dizem sobre as representações que circulam entre as pessoas. Neste sentido, Moscovici (2015), quando trata dos universos consensuais e reificados afirma que os primeiros, muitas vezes se apoiam nos universos reificado, transformando-os e operando de modo que circulem na sociedade.

Sendo assim, a concepção sobre o consumo do álcool que, ao longo do tempo, perpassa por questões morais, biológicas, psicológicas e sociais, encontra no modelo de Alcoólicos Anônimos, a perspectiva do álcool enquanto doença, que segundo Bauer (1982) é progressiva, incurável e são causadas por aspectos físicos, emocionais e espirituais.

As mulheres desta pesquisa retratam o consumo do álcool como uma doença que pode levar à morte. Traduzem essa concepção quando recorrem à memória de sua trajetória de vida em contato com o álcool para explicar que sobreviveram, porque conseguiram parar de beber após integrar ao grupo de AA.

[...] eu só não cheguei assim... a uma doença grave, uma doença contagiosa, mas atingiu a minha mente, eu adoeci a mente, eu fiquei muito agressiva, fique assim... com ar de louca.

[...] porque a doença do alcoolismo é uma doença que a família esconde, o doente nega e a sociedade repudia. (GARDÊNIA).

Porque a pessoa está tão doente quando chega lá, porque... todo mundo sabe que alcoolismo é uma doença, aí você está tão doente que você fala assim: “Eu vim aqui procurar a cura”, só que lá não é hospital, lá não tem médico. Lá tem pessoas para lhe ajudar. (VIOLETA).

Tinha nove meses eu estava no AA e isso também já me firmou mais, para mim falar: “É esse caminho mesmo que eu tenho que seguir”, porque minha vó já tinha morrido, um tio meu morreu, tudo com problema de álcool, sabe? Aí quando meu irmão foi, eu falei: “Não. Eu era a quarta da fila se eu não tivesse...” (ROSA).

Eu falei: “Eu falei que eu vim atrás da minha cura, para Jesus me libertar das drogas que é o álcool, que é uma doença”.

[...] mas pra mim naquele lugar, Deus em primeiro lugar e aquela irmandade, porque se não fosse eles ali, eu já estava morta há quantos anos...já estava morta. (MARGARIDA).

As falas deixam claro que as mulheres se aceitavam como doentes alcoólicas e que corriam risco de morrer, caso não tivessem participado do AA. Neste sentido,

Campos (2009a, p. 20) aponta que o modelo de Alcoólicos Anônimos compreende o alcoolismo como uma “doença incurável, progressiva e fatal, sendo caracterizada pela “perda de controle sobre o álcool”, podendo levar o alcoolista à “loucura” ou à “morte prematura”.

As mulheres participantes do AA demonstraram os vários prejuízos causados no período em que consumiam o álcool. Esses danos estavam relacionados, principalmente, à família, à escola, aos amigos e ao trabalho.

O que a bebida alcoólica traz é só prejuízo e um dos prejuízos, primeiros prejuízos que a bebida causa é destruir o alicerce da família, porque a família é o alicerce da nossa vida, né? E aí ela é a primeira atingida e que o alcoólatra não respeita, não respeita se for mulher ou homem, não respeita o marido, se for homem não respeita a esposa, não respeita os filhos. (GARDÊNIA).

Sobre estas relações de prejuízos causadas pelo alcoolismo nas pessoas que estão ao seu redor, Campos (2005) sugere que existe uma teoria do contágio, que diferente daquele físico, apresenta uma proporção social, ou seja, a doença do alcoolismo pode afetar as relações familiares e demais relações sociais de tal modo, que a esfera individual afeta diretamente a coletiva, provocando problemas outros que vão além do corpo de quem bebe.

Trabalhava na escola, na limpeza da escola [fala o nome da escola]. Perdi meu trabalho por culpa da bebida, aí tudo que eu fazia só era para bebida (MARGARIDA).

Eu sofri um acidente, perdi amigos por causa do álcool e eu fiz muitas besteiras, muitas coisas em consequência... sobre... a favor do álcool. (JASMIM).

Os danos maiores que eu tive foram na escola, porque chegou uma época que eu ia bêbada para escola. Eu não conseguia avançar, eu não conseguia avançar, porque eu tinha uma dificuldade terrível. (DÁLIA)

5.4.2 Representações sociais de mulheres depois de conhecerem o AA e não mais consumirem bebida alcoólica

Após terem participado do grupo de AA, as mulheres mantiveram-se em abstinência e consideram que as mudanças em suas vidas foram significativas, além disso, passaram a ter uma outra representação sobre si mesmas.

Eu ... primeiro eu, segundo eu, terceiro eu, tudo eu. Eu sou uma mulher feliz pela graça de Deus. Hoje eu vivo em função da minha família em função de mim, Deus...(GARDÊNIA).

Só de ter minha dignidade, meu respeito, porque eu não tinha respeito. (JASMIM).

Bonita. [...] Hoje penso assim... em coisas diferentes, sabe? Eu penso em voltar a fazer minha faculdade. (ROSA).

Não tem nem comparação, porque a vida da gente, depois que para de beber, muda completamente. Comecei a me ver outra pessoa, sei lá... você deita para dormir, levanta em paz. (VIOLETA).

Primeira coisa, comecei a ter amor a mim mesma. Eu comecei a me amar. Coisa que eu não sabia nem o que era amar. Eu não sabia o que era amar... gostar de mim. (MARGARIDA).

[...]eu respiro hoje aliviada com essa liberdade, essa felicidade, com essa paz. Hoje eu tenho paz, eu tenho fé, eu tenho equilíbrio[...]. (DÁLIA)

Observa-se que as mulheres participantes do AA, consideram ter passado por uma transformação após fazerem parte do programa e manterem-se sóbrias.

As representações que as pessoas tinham sobre as mulheres alcoolistas também passaram por mudanças. Agora, elas demonstram respeito por sua atitude de parar de beber.

Diferente[...]. Hoje, como eu lhe falei naquele depoimento antes, hoje as pessoas me respeitam e eu tenho maior respeito pelas pessoas também. (ROSA)

Com certeza, com outros olhos, porque antes, sentia pena de mim e tudo, mas não podiam fazer nada. Aí depois que eu parei, graças a Deus, o pessoal começou a me olhar com outros olhos. Mostrar mais alegria por me ver sóbria. (VIOLETA).

Ah! Hoje é outra coisa. Ô meu Deus do céu, Ave Maria... hoje as pessoas não sabem onde me botam. Hoje é amiga mesmo, minha filha. Hoje eu tenho tanta amizade, tanta amizade, aquelas amigas tudo sadia. (MARGARIDA).

Diante da exploração dos dados coletados por meio das entrevistas, foi possível perceber que as memórias e representações das mulheres entrevistadas giram em torno de três momentos em suas vidas: antes de experimentar a bebida alcoólica, durante o consumo exacerbado que as tiravam do seu estado de consciência e as faziam praticar ações que para elas, hoje é inconcebível; e após

conhecerem o AA que as levaram a abstinência total reinserindo-as no meio social. Para estas mulheres, as representações que o outro tem sobre elas são muito significativas a ponto de se emocionarem quando se reportam a situações de discriminação vivenciadas durante o uso/abuso do álcool.

5.4.3 A relação das mulheres com os grupos de AA e sua participação nas reuniões

Como vimos no item 3.3.1, fizemos uma discussão com base na pesquisa bibliográfica e na análise da literatura de AA sobre a participação das mulheres nos grupos, pois havíamos observado uma pouca participação das mulheres durante a pesquisa de campo, fato que também já havia sido verificado por Garcia (2004), Mota (2005) e Campos (2005), autores que tratam sobre os AA em seus estudos. Então, a partir dessa discussão, observamos que os motivos pelos quais as mulheres não continuam participando do programa estão relacionadas às representações sociais do público feminino diante do consumo de bebida alcoólica.

Deste modo, ao analisar os relatos das mulheres participantes da pesquisa, percebemos que alguns motivos levantados a partir da discussão teórica foram se confirmando e além desses, outros foram aparecendo em suas falas.

Indagamos às participantes da pesquisa de como se sentiam em participar de um grupo com maioria masculina e as respostas demonstram que durante a participação das primeiras reuniões, ficaram apreensivas e pensaram em desistir, mas mantiveram-se firmes.

No relato de Gardênia é possível perceber que o primeiro contato com todos os membros do grupo sendo homens foi impactante, mas após refletir sobre sua experiência no bar, enquanto alcoolista, decidiu, após três meses, que o público masculino não seria um problema.

Foi assim... pra mim quando eu cheguei lá a primeira vez, eu fui a primeira mulher que estava na sala, porque tinha mais de trinta homens, no dia que foram me receber. Então, eu não sentava numa mesa de um bar com mais de vinte ou não sei quantos homens? As vezes só eu de mulher, cada um fazendo chacota de minha cara. Sentei normal com eles para escutar o que eles tinham para me dizer, cada um ia na cabeceira de mesa, dava o seu testemunho e eu lá, sentadinha lá, toda destruída, maltratada... e aí eu cheguei à conclusão, quando chegou o terceiro mês [...] que, realmente, eu me encaixava naquelas perguntas que eles estavam fazendo lá, falando na cabeceira de mesa. Eu me igualava a eles. Eu me igualei a eles. Eu disse: Aqui que é o meu lugar. (GARDÊNIA).

No caso de Rosa, ela manteve-se no grupo pela necessidade que tinha de parar de beber, por isso, desconsiderou a presença masculina, que a incomodava no início de suas participações nas reuniões.

[...] porque, no começo, foi difícil, porque a pessoa que me levou ela não participava do mesmo grupo, então teve uma época que tinha 40 homens numa sala e só eu de mulher e eu não podia fazer nada, eu tinha que ficar ali porque dali dependia minha recuperação. (ROSA).

Já para Jasmim, o processo de identificação com o grupo foi bastante espontâneo, pois segundo ela, convivia constantemente com homens, inclusive no período em que consumia o álcool.

Que sempre minhas amizades eram homens e até o meio que eu vivia. [...] minha vida de alcoolismo e droga, aí sempre era homem envolvido. Então, não tive dificuldade, não tive. Os companheiros respeitam a gente. Assim... nunca deixa de ter um que vem dar uma cantadinha, aí cabe a você... como em qualquer outro lugar, mas se você impõe e você mesma e todos respeitam. (JASMIM).

No final da fala de Jasmim e das duas entrevistadas a seguir, pudemos perceber que essas mulheres dos grupos de AA foram assediadas verbalmente por membros do grupo e esta situação denota que, independentemente, do espaço onde estejam, as mulheres não estão livres da imposição masculina.

Quando eu entrei lá [...]. Não sei quantos anos bebendo [...]. Quando eu cheguei, tinha homem lá dentro que me viu e disse: “aquela ali é uma safada”. Vou logo, assim, ao assunto: “aquela ali é uma safada”, mas só que teve que quebrou a cara comigo, porque Deus, Deus é Deus, Deus é o poder superior, Deus é tudo na vida da gente, porque no dia que eu botei meu pé ali dentro, minha vida já foi mudando. [...] com 15 dias e achei uma piada ali dentro. Teve uma pessoa que veio falar lera comigo. Aí eu chamei a pessoa que me levou e falei: “Olha [fala o nome da pessoa], fulano falou isso e isso para mim”. Aí eles foi e chamou essa pessoa e conversou com essa pessoa. Aí essa pessoa veio depois e me pediu desculpa. (MARGARIDA.)

Então, até isso eu aprendi e ajudei outras companheiras com minha presença feminina, que geralmente é só homem. Eu tive que chamar à parte e dizer: “_Não olhe para o meu peito, para a minha bunda, que eu não estou aqui pra isso”. (DÁLIA).

Observamos aqui uma confirmação do que Garcia (2005) aponta sobre o espaço de AA ser um local onde o ambiente do bar é reproduzido nas ações dos homens, enquanto um espaço onde colocam em exercício a sua masculinidade.

Diante destes relatos foi possível perceber que as mulheres trazem para si a responsabilidade de que devem exigir respeito e impor para o homem alguns limites para que não reportem a elas de tal maneira, mostrando, mais uma vez, como o processo de culpar a mulher pelas atitudes dos homens ainda está tão fortemente presente na sociedade.

Também perguntamos qual a recorrência de mulheres durante o período em que participaram do programa e elas responderam que muitas participavam algumas vezes, mas depois de um tempo saíam e não retornavam mais. As que permaneciam frequentes eram entre duas e cinco mulheres, e em alguns momentos havia apenas elas.

Ao nos depararmos com essas respostas, questionamos sua opinião sobre os motivos pelos quais essas mulheres não permaneciam no grupo e disseram:

[...] porque as mulheres é mais difícil de procurar a recuperação. [...] porque mulher tem vergonha de tudo, não é? Eu fui privilegiada pela graça de Deus, porque eu cheguei e me identifiquei logo com o programa. Eu com três meses de recuperação eu fui... eu fui... eu tive um desafio. (GARDÊNIA)

Eu não sei... eu acho assim, na minha opinião, porque tem homem que dá cantada nas mulheres e se cair eles pega mesmo. (MARGARIDA).

Sempre vinha, ia em uma ou duas reuniões, voltava ia embora, não ficava. Porque, não é todo mundo que vai que fica. Aqueles que querem mesmo, fica. Agora, aqueles que não querem, ficam uma semana, duas e não vai mais. Então, a gente levava várias mulheres que estava sofrendo, a gente procurava ir atrás, levava pra lá, elas ficavam um dia, dois... duas, três reuniões, já não ia mais, a gente ia... dava desculpa que estava ocupada, para não ir mais e não pisava mais lá, mas a gente prosseguia firme, graças a Deus. Acho que... Hoje não. Hoje não está tendo quase nem mulher lá, porque as mulher sempre que recupera, acha que já está sã e vai embora. (VIOLETA).

Levando em consideração tais opiniões e o conjunto de situações sobre a participação das mulheres no AA, observamos que para a mulher não é fácil enfrentar um ambiente com maioria masculina e que seus direcionamentos trazem características deste público. Isso, devido à construção social e histórica de que os

espaços públicos são destinados aos homens e os privados estão associados às mulheres. Então, em meio a situação em que não se sentem confortáveis, tendem a deixar o grupo.

Por outro lado, as mulheres que permanecem nos grupos destacam que colocam em primeiro lugar a necessidade que tiveram de parar de consumir a bebida alcoólica e ignoraram ou enfrentaram os fatores que as constrangiam.

Essas mulheres que pararam de ingerir a bebida alcoólica, mas deixaram de participar do AA ou participam com pouca frequência, alegam que o principal motivo pelo qual não vão mais às reuniões está associado ao perigo que correm no trajeto até o local onde acontecem as reuniões, pelo fato de acontecerem à noite, devido aos índices de violência ocorridos na cidade.

Assim... eu não tô muito indo no programa, como eu vou... como eu ia ... porque a cidade está muito perigosa, então, assim... quando termina, termina umas 10 horas e pra ir pro ponto, sabe? Mas sempre que eu posso eu vou. Porque, infelizmente, a nossa cidade não tá mais dando essa oportunidade da gente buscar essas coisas boas. (GARDÊNIA)

Já tem tempo que a gente não vai, porque a reunião termina tarde. Termina dez horas da noite. Então, fica muito difícil pra gente, mulher, pra voltar tarde da noite, do jeito que está a violência. (VIOLETA).

Só que hoje eu não estou indo assim, que eu afastei, sabe? Por causa da violência, mas pra mim naquele lugar, Deus em primeiro lugar e aquela irmandade. (MARGARIDA)

O que as falas das entrevistadas nos revelam é que existem níveis de participação no AA pelas mulheres, ou seja, há aquelas que começam a frequentar, mas não conseguem se identificar com o grupo, pelos motivos já discutidos; aquelas que participam de algumas reuniões, mas não encontram forças para parar de consumir a bebida alcoólica, então saem; e aquelas que, mesmo com dificuldade, se integram ao grupo, seguem os fundamentos, matem-se sóbrias, mas com o tempo deixam de ser assíduas devido a fatores externos ao AA, como é o caso citado, da violência na cidade.

6 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa tivemos como objetivo principal analisar a memória e as representações sociais de mulheres participantes dos grupos de Alcoólicos Anônimos sobre o uso/abuso do álcool. O nosso esforço consistiu em cerca-lo, evidenciando as tensões que permeiam o tema.

Após discutir no decorrer dos capítulos teóricos dessa dissertação, em primeiro lugar, sobre o diálogo existente entre a teoria da memória coletiva, postulada por Maurice Halbwachs ([1950] 2006), com a teoria das representações sociais, sob as premissas de Serge Moscovici ([2000] 2015); em seguida, discutimos o conceito e os aspectos históricos do alcoolismo, pontuando os significados atribuídos socialmente aos termos que remetem à pessoa que consome bebida alcoólica e ao refletir sobre as relações de gênero, levando em consideração a questão do alcoolismo, mais especificamente, adentramos à reflexão sobre a participação dessas mulheres nos grupos de Alcoólicos Anônimos; é que destacamos o percurso metodológico para, finalmente, situarmos a análise dos resultados.

Constatamos durante a pesquisa de campo e por meio de estudos realizados em grupos de Alcoólicos Anônimos (GARCIA, 2004; MOTA, 2004; CAMPOS, 2006), um número pequeno de mulheres que participam das reuniões de Alcoólicos Anônimos. Este fato nos fez refletir, a partir dos autores referenciados, sobre os motivos que levam as mulheres a não procurarem ou não continuarem frequentando o programa, já que este se denomina aberto a qualquer pessoa que queira recuperar-se do alcoolismo.

Assim, percebemos que os prováveis motivos pelos quais as mulheres participam pouco do programa de AA, tem relação com as representações sociais sobre o alcoolismo e, sobretudo, sobre o consumo de bebidas alcoólicas por mulheres. Isso, devido a alguns fatores que identificamos, como: o próprio ambiente criado no grupo que remete ao contexto do bar, como um ambiente masculino, as mulheres tendem a não se identificarem, devido à construção social de que o espaço da mulher é na esfera privada; outro aspecto estaria relacionado aos preceitos de AA que se mantêm desde sua constituição, tendo como base a recuperação do homem alcoolista e devido a isso, seus membros reproduzem uma imagem de mulher que não mais representa as perspectivas da mulher na

sociedade atual. Ademais, percebemos que existe um direcionamento dos Alcoólicos Anônimos a um modelo de público feminino específico, que são as mulheres atuam na esfera privada, mesmo que também trabalhem fora, cuidem da criação dos filhos, precisa ser carinhosa, atraente etc. Deste modo, outras mulheres alcoolistas ficam de fora do alcance do AA, como por exemplo, as que moram sozinhas, não tem filhos e são independentes.

Ainda dentre os motivos elencados, acima, sobre a pouca participação das mulheres nos grupos de AA, está um fato relatado pela maioria delas, que seria o receio de sair às ruas durante a noite, já que as reuniões acontecem a partir das 19h, devido à situação de violência na cidade.

Levando em consideração que estas mulheres, em sua maioria, não participam mais com frequência dos grupos de AA, pelo simples fato de as reuniões acontecerem à noite, sugerimos que, ao menos, nos finais de semana, as reuniões aconteçam durante o dia em um dos locais dos grupos que seja de mais fácil acesso. Assim, as mulheres que participavam do programa, poderiam retornar e facilitaria a chegada de novas mulheres que precisam de ajuda para a recuperação do alcoolismo.

A memória coletiva e a teoria das representações sociais foram aportes fundamentais para dar voz às mulheres participantes do AA, através de seus relatos e permitir que a análise dos resultados alcançasse maior profundidade.

Destacamos algumas características comuns entre as mulheres entrevistadas como: a faixa etária entre 48 e 59 anos; o segmento social trabalhador a que pertencem; os motivos pelos quais não participam dos grupos de AA com a mesma frequência que quando começou (apenas uma participa com frequência); três delas bebiam sempre em casa e três bebiam em espaços públicos; uma começou a beber quando criança, duas começaram a beber durante a adolescência e as demais iniciaram com o consumo do álcool a partir dos vinte anos de idade; as seis entrevistadas foram incentivadas por alguém à buscarem ajuda para o problema com o alcoolismo no AA.

Notamos que essas mulheres viviam sob um constante enfrentamento de culpa, por não cumprirem com os papéis estabelecidos pela sociedade, como o de ser mãe, dona de casa, esposa etc. em detrimento do uso/abuso do álcool. Além dessa culpabilização, tanto por parte delas mesmas quanto das pessoas que

estavam ao seu redor, enfrentavam brigas constantes na família, inclusive, algumas delas chegaram a sofrer agressões físicas.

Parte das mulheres participantes da pesquisa bebiam em casa e a outra costumava beber em ambientes públicos. Esse aspecto foi interessante, pois conseguimos analisar os dois lados do ato de beber, na esfera pública e privada. Chegamos ao entendimento de que as mulheres que consomem a bebida alcoólica em casa, fazem isso porque existe uma construção social, dentro dos moldes patriarcais, que o espaço da mulher está restrito ao ambiente doméstico. Por outro lado, as mulheres que bebem na rua, em bares e festas, transgredem a essa imposição da sociedade. Mas, pagam o preço por isso, pois são estigmatizadas pela população.

Observamos que todas as mulheres participantes do AA entrevistadas, foram acompanhadas por outras mulheres ao programa. Esse é um fato que foi analisado, pois há uma inversão comparada aos homens que participam do programa, sendo acompanhados, em sua maioria, por esposa, mãe e filhas, inclusive, também participam do Al-anon. Esta situação revela que ainda persiste a responsabilidade das mulheres com o cuidado com a família, mesmo enfrentando processos difíceis como a humilhação. Por outro lado, como os homens não foram criados para cuidar, na maioria dos casos, abandonam as mulheres alcoolistas.

Compreendemos que a memória e as representações sociais das mulheres participantes do AA sobre o uso/abuso do álcool são marcadas pelas questões de gênero e, principalmente, reproduzidas a partir dos fundamentos postulados pelos grupos de Alcoólicos Anônimos.

Essas memórias e representações sociais são marcadas em três momentos: antes de tornarem-se alcoolistas, durante a dependência e após conhecerem os Alcoólicos Anônimos.

No primeiro momento, antes de se tornarem alcoolistas, recorrem à memória para dizer o quanto suas relações com a família, amigos e trabalho eram positivas. Durante a dependência, essa realidade muda completamente e começam a enfrentar o estigma de serem mulheres alcoolistas. Muitos prejuízos são causados nesse momento, pois algumas perdem o emprego, são deixadas pelos parceiros, a família se afasta, há julgamentos de todas as partes, dentre outros. Passavam por um processo de culpa e exclusão. As representações que tinham sobre si mesmas

refletia negatividade e as representações que os outros tinham sobre elas demonstravam desprezo, pena e indignação.

Após as mulheres conhecerem e se integrarem ao grupo de Alcoólicos Anônimos, consideram que houve um processo de transformação em suas vidas, pois com a sobriedade alcançada, conseguiram reestabelecer suas vidas e se reintegrarem na sociedade.

Deste modo, recorreremos à metáfora das flores para fazer uma analogia ao ciclo fenológico das plantas, que muito parece com a trajetória de vida das mulheres em contato com a bebida alcoólica.

Segundo Vilela et al (2017), as plantas, em seus ciclos de vida passam por diferentes fases ao longo dos anos, tais como a produção de folhas, botões florais, flores e frutos. Além disso, diferentes espécies de plantas possuem hábitos fenológicos distintos, por exemplo, algumas espécies vegetais só florescem após a chuva, assim sendo, as mudanças climáticas podem afetar o seu sucesso reprodutivo. Neste cenário biológico, associamos as fases perpassadas pelas mulheres alcoolistas em suas vidas, antes de se tornarem dependentes do consumo do álcool, durante o consumo da bebida alcoólica, e depois que se integraram ao AA e mantiveram-se em total abstinência, ao clima que interferiu significativamente para que voltassem a florescer.

É importante salientar que, apesar de fazermos essa comparação com as flores, entendemos ser esse processo permeado pelas relações sociais, conforme discutido ao longo desta dissertação.

Apesar de todo o sofrimento enfrentado pelas mulheres que contribuíram com esta pesquisa, em detrimento da dependência do álcool, que as fizeram por muitas vezes, murcharem como uma flor furtada do seu jardim, como dizia Carlos Drummond de Andrade (1985) em sua crônica “furto de flor”, elas demonstraram força e com o apoio de outras mulheres próximas a elas, chegaram ao AA e diferente do final da crônica de Drummond, elas apenas viram a “cor particular da morte”, mas tornaram a viver e refloresceram.

Hoje, cinco das mulheres entrevistadas não participam das reuniões de Alcoólicos Anônimos com frequência, algumas visitam quando são convidadas por outros membros da irmandade a proferirem seus depoimentos quando recebem a visita de alguma mulher alcoolista. Apenas uma participa efetivamente do programa.

Mas, todas conseguiram manter-se em abstinência e consideraram que são felizes, graças ao programa de AA.

Consideramos, a partir dos relatos analisados, que existem níveis diferentes de participação no AA pelas mulheres. O primeiro, seriam os casos das mulheres que visitam o AA com a intenção de parar de consumir a bebida alcoólica, mas ao se depararem com um ambiente, em sua maioria, composto de homens e construído como um lugar masculino, ficam constrangidas e não encontram apoio para prosseguir e desistem. O segundo, está relacionado ao fato de não conseguirem resistir à dependência alcoólica e ficarem abstinentes, deixando, assim, o grupo. O terceiro se refere à situação das poucas mulheres que ultrapassam o primeiro momento de ambientação no grupo e, apesar das dificuldades encontradas, conseguem permanecer frequentes nos AA, por um período e manterem-se em abstinência, mas com o passar do tempo, deixam de participar por motivos externos ao programa.

Diante do exposto, podemos considerar alguns desafios em relação aos resultados revelados pela pesquisa, como: a necessidade de se estabelecer um diálogo sobre a presença da mulher nos grupos de AA, de maneira que elas possam se sentir parte do programa; rever a possibilidade de realização das reuniões de AA no período diurno, nos finais de semana e em locais estratégicos para que não haja maiores empecilhos de contar com a presença das mulheres, tendo em vista o problema da violência na cidade, que as intimidam de sair à noite; e levando em consideração todo o processo de estigma e preconceito enfrentado pelas mulheres no momento em que faziam uso/abuso do álcool, apontamos a necessidade de políticas públicas voltadas para a formação de professores que prevejam nas discussões, as representações que se tem sobre as mulheres alcoolistas, para que nas escolas de educação básica, enquanto um tema transversal, o alcoolismo feminino possa ser refletido e discutido.

REFERÊNCIAS

ALBA, Martha de. Representações sociais e memória coletiva: uma releitura. In: ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, AraujoTrindade. **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. 2 ed. lbook/pdf, Brasília: Technopolitik, 2014.

ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel de. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009. Dissertação de Mestrado.

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. **Alcoólicos Anônimos: a história de como milhares de homens e mulheres se recuperaram do alcoolismo**. 4 ed. São Paulo: JUNAAB, 2015a.

_____. **Alcoólicos Anônimos em sua comunidade: como a irmandade de AA trabalha em sua comunidade para ajudar alcoólicos**. Folheto. São Paulo: JUNAAB, 2014a.

_____. **Colcha de retalhos: mulheres alcoólicas compartilham sua vida em AA**. São Paulo: JUNAAB, 2014b.

_____. **Vivendo sóbrio: alguns métodos usados por membros de AA para não beber**. 4 ed. São Paulo: JUNAAB, 2015b.

_____. **Os doze passos e as doze tradições**. 11 ed. São Paulo: JUNAAB, 2005.

_____. **Perguntas**. Livreto. São Paulo: JUNAAB, 2013.

ANDRADE Carlos Drummond de. **Contos plausíveis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. p. 80.

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, 127-147, Nov. 2002.

ASSIS, Dilma Franco Fátima de; CASTRO, Norida Teotônio de. Alcoolismo Feminino: início do beber alcoólico e busca por tratamento. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 9, n. 2, p. 358 - 370, ago./dez. 2010

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. **Anais do X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, 2011

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa:70, 2011

BAUER, Jean. **O alcoolismo e as mulheres**: contexto e psicologia. São Paulo: Cultrix, 1987.

BERTONI, Luci Mara. **Se beber não dirija**: representações, juventude e publicidade de bebidas alcoólicas. Campinas: Librum, 2015.

BERTONI, Luci Mara; IÑIGUEZ-IBARRA, Ana Lucía. Desafíos de la contemporaneidad: género y educación. In: BERTONI, Luci Mara; ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. **Crises, conflitos e conhecimento no mundo contemporâneo**. Campinas: Librum, 2017.

BORBA, Francisco S. **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 8. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BORDIN, Selma. FIGLIE, Neliana Buzi; LARANJEIRA, Ronaldo. Sistemas diagnósticos em dependência química: conceitos básicos e classificação geral. In: BORDIN, Selma. FIGLIE, Neliana Buzi; LARANJEIRA, Ronaldo. **Aconselhamento em dependência química**. São Paulo: Roca, 2004.

CAMPOS. Edemilson Antunes de. Por que os alcoólicos são anônimos? Anonimato e identidade no tratamento do alcoolismo. **Interface**. Vol. 13, 2009a.

_____. Alcoolismo: Doença e significado em Alcoólicos Anônimos. **Etnográfica**. Vol. 13, 2009b.

_____. **Alcoolismo, doença e pessoa**: uma etnografia da associação de ex-bebedores alcoólicos Anônimos. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, 2005.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. REIS, Jessica Gallante. Representações sobre o uso de álcool por mulheres em tratamento em um centro de referência da cidade de São Paulo – Brasil. **Comunicação Saúde Educação**. v.14, n.34, p.539-50, jul./set. 2010.

CESAR, Beatriz Aceti Lenz. Alcoolismo feminino: um estudo de suas peculiaridades Resultados preliminares. **J. bras. psiquiatr.** vol. 55, n.3, pp. 208-211. ISSN 0047-2085, 2006.

_____. **O beber feminino**: a marca social do gênero feminino no alcoolismo em mulheres. Dissertação de mestrado apresentada a Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - Fundação Oswaldo Cruz, 2002

_____. Alcoolismo: Doença e significado em Alcoólicos Anônimos. **Etnográfica**. Vol. 13, 2009.

CARNEIRO, Henrique Soares. Bebidas alcoólicas e outras drogas na época moderna. Economia e embriaguez do século XVI ao XVIII. In: Secretaria de Estado da Educação do Paraná. (Org.). **Prevenção ao uso indevido de drogas**. 1ed. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, v. 1, 2008.

_____. **Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas**: história e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

COVINGTON, Stephanie S. **Os doze passos da perspectiva da mulher**. São Paulo: Loyola, 1998.

CUNHA, Tânia Rocha Andrade. **O preço do silêncio**: mulheres ricas também sofrem violência. Vitória da Conquista: UESB, 2007.

DIAS, Andressa Mendes da Silva; BERTONI, Luci Mara. A mulher nas propagandas televisivas de cerveja. Anais do **IV Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED/ Piauí**. Campina Grande: Realiza editora, v. 01. p. 01-08, 2012.

DIAS, Andressa Mendes da Silva; BERTONI, Luci Mara. Cerveja gelada, praia, sol e mulher bonita: representações nas propagandas televisivas. **Anais do VI Seminário de Pedagogia**. Vitória da Conquista: UESB, 2012.

ELBREDER, Márcia Fonsi; LARANJEIRA Ronaldo; SIQUEIRA, Marluce Miguel de. Perfil de mulheres usuárias de álcool em ambulatório especializado em dependência química. **Jornal brasileiro de psiquiatria**. vol.57 no.1 Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852008000100003 > Acesso em: 01 de set. de 2017.

ESCOHOTADO, Antonio. **Historia elemental de las drogas**. 2. ed. Barcelona: Anagrama, 2003.

_____. **Aprendiendo de las drogas**: usos y abusos, perjuicios y desafios. 11. Ed. Barcelona: Anagrama, 1995.

FORMIGONI, Maria Lúcia O. Souza; MONTEIRO, Maristela Goldnadel. A etiologia do alcoolismo. In: RAMOS, Sergio de Paula; BERTOLOTE, José Manoel (Org.). **Alcoolismo hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

FORTES, José Roberto de Albuquerque. Histórico do Alcoolismo. In: FORTES, José Roberto de Albuquerque; CARDO, Walter Nelson. **Alcoolismo**: diagnóstico e tratamento. São Paulo: Sarvier, 1991.

FERNANDES, João Azevedo. **Selvagens Bebedeiras**: Álcool, embriagues e contatos culturais no Brasil colonial. Tese de doutorado pelo programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2004. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2004_FERNANDES_Joao_Azevedo-S.pdf> Acesso em: 15 de fevereiro de 2017.

GALINKIN, Ana Lúcia; BERTONI, Luci Mara. Gênero e educação: um caminho para a igualdade. **Em Aberto**, Brasília, v. 27, n. 92, p. 21-42, 2014.

GARCIA, Angela Maria Garcia. **E o verbo (re) fez o homem**: estudo do processo de conversão do alcoólico ativo em alcoólico passivo. Niterói: Intertexto, 2004.

GUIMARÃES, Ana Beatriz Pedriali. **Um passado que vive**: transmissão familiar do alcoolismo feminino. Curitiba: Rosa Nigra, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HENNECKE, Lynne; FOX, Vernell. A mulher com alcoolismo. In: RAMOS, Sergio de Paula; BERTOLOTE, José Manoel (Org.). **Alcoolismo hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HOCHGRAF, Patricia Brunfentrinker. **Alcoolismo Feminino**: comparação de características sócio-demográficas e padrão de evolução entre homens e mulheres alcoolistas. Tese de Doutorado apresentada à USP, 1995.

HUDELSON, M. Patricia. **Qualitative Research for Health Programmes**. Division of Mental Health. World Health Association - WHA. Geneva, 1994.

INSTITUTO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS. **Levantamento Nacional de Álcool de Drogas – II LEDAD 2012**. Disponível em: <<http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>> acesso em: 18 de ago. de 2015.

JEDLOWSKI, Paolo. Memory and sociology: themes and issues. **Time & Society**, London, v. 10, n. 1, p. 29-44, 2001.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI de España, 2002.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**. Rio de Janeiro:UERJ, 2001.

_____. La representacion social: fenomenos, concepto y teoria. **Pensamiento y vida social**, 1986. Disponível em: <<https://sociopsicologia.files.wordpress.com/2010/05/rsociales-djodelet.pdf>> Acesso em: 10 de nov. de 2017.

JUNTA DE SERVIÇOS GERAIS DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.alcoolicosanonimos.org.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

LAPATE, V. **Hora Zero**: a independência das drogas – antes que os problemas cheguem. São Paulo: Scortecci, 2001.

LARANJEIRA, Ronaldo. **O Alcoolismo**. São Paulo: Contexto, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 14 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. História, memória e geração: Remissão inicial a uma discussão político-educacional. **Histedbr on-line**, Campinas, n. 55, p. 94-103, março 2014. ISSN 1676-2584.

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha.; ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. Relações simbólicas entre memória, ideologia, história e educação. In: LOMBARDI, José. Claudinei.; CASIMIRO, Ana Palmira Bitencourt S.; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. História. **História, Memória e Educação**. Campinas: Alínea, 2011.

MASUR, Jandira. **O que é alcoolismo**. São Paulo: Brasiliense, 199.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; DOURADO, Giovanna de Oliveira Libório; JUNIOR, Carlos Alberto Guzman Graça. Relatos de mulheres em uso prejudicial de bebidas alcoólicas. **Esc. Anna Nery**, vol.15 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000300018 > Acesso em: 01 de set. de 2017.

MORAES, Renata Jacintho Siqueira; BARROCO, Sonia Mari Shima. Concepções do Alcoolismo na Atualidade: Pesquisas Hegemônicas, Avanços e Contradições. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 32 n. 1, 2016.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOTA, Leonardo Araújo. **A dádiva da sobriedade**: a ajuda mútua nos grupos de Alcoólicos Anônimos. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Dependência química e representações sociais**: Pecado, Crime ou Doença?. Curitiba: Juruá, 2009.

NEVES, Delma Pessanha. Alcoolismo: acusação ou diagnóstico? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol.20 nº.1 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-11X2004000100002 > Acesso em:15 de mar. de 2017.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. 2. ed. São Paulo: pioneira, 1999

PAES, Anselmo do Amaral. **Aventura Espiritual**: terapêutica na Irmandade dos Alcoólicos Anônimos. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

PINSKY Ilana; JUNDI, Sami. A. R. E. O impacto da publicidade de bebidas alcoólicas sobre o consumo entre jovens: revisão da literatura internacional. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 30, p. 362-374, 2008.

PINSKY, Ilana; CESAR, Pazinato. **Álcool e Drogas na Adolescência**: um guia para pais e professores. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002.

RAMOS, Sérgio de Paula; Bertolote José Manoel. **Alcoolismo Hoje**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ROSA, A.; BELLELLI, G.; BAKHURS, D. Representaciones del pasado, cultura personal e identidad. **Educação e Pesquisa**, p. 167-195, 2008.

SÁ, Celso.Pereira. As memórias da memória social. In: SÁ, C. P. **Estudos em psicologia social**: História, comportamento, representações e memória. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

_____. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

_____. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. SP: brasiliense, 2004.

_____. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, p. 290-295, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de Gênero**: Poder e Impotência. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

_____. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. Posfácio: conceituando gênero. In: _____; MUÑOS-VARGAS Monica. (Org.). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

_____. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina Oliveira.; BRUSCHINI, Cristina. (Org.) **Uma Questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

_____. Violência de Gênero: Lugar da práxis na construção da subjetividade. **Lutas Sociais**, nº 2, 1996.

SARDENBERG, Cecília M. B. Da transversalidade à transversalização de gênero: aportes conceituais e prático-políticos. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; PASSOS, Elizete Silva. **Gênero e Diversidade na Gestão Educacional**. Salvador : UFBA-NEIM, 2011.

SCHMIDT, Maria Luisa; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs**: Memória Coletiva e Experiência. Psicologia, SP: USP, 1993.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 71-99, 1995.

SILVA, Antonio Xavier ; DIAS, Andressa Mendes da Silva ; BERTONI, Luci Mara. As Representações do uso de drogas entre discentes do curso de pedagogia e das mulheres nas propagandas de cerveja. **Anais do X Colóquio Nacional e III Internacional do Museu pedagógico**: A produção do conhecimento no Limiar do século XXI: tendências e conflitos, Vitória da Conquista, 2013

SILVA, Isamara Mendes; BERTONI, Luci Mara; JARDIM, Silvia Regina Marques Representações de alcoolistas nas telenovelas. In: **Anais do X Colóquio Nacional e III Colóquio Internacional do Museu Pedagógico**. Vitória da Conquista-BA. 2013.

SILVA, Patrícia Castro de Oliveira e. **Alcoolismo Feminino**: um estudo sob a perspectiva de gênero. Dissertação de Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. UFRJ, 2002.

SILVA, Sílvio Éder Dias da; CAMARGO, Brigido Vizeu; PADILHA, Maria Itayra. A teoria das representações sociais nas pesquisas da enfermagem brasileira. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 64, n. 5, out. 2011 . Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000500022&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 ago. 2017.

SOARES, Barbara Musumeci. **Mulheres invisíveis**: violência conjugal e novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de; GARNELO, Luiza. Desconstruindo o alcoolismo: notas a partir da construção do objeto de pesquisa no contexto da saúde indígena. **Rev. Latino am. Psicopatol. Fundam.**, v.9, n.2, p.279-92, 2006.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: brasiliense, 1999.

TOMAZ Laís Araújo; SOUSA, Álvaro Francisco Lopes de; OLIVEIRA, Layze Braz de; et al. Motivação de mulheres para o primeiro contato com substâncias psicoativas. **Revista Interdisciplinar**. v. 7, n. 1, p. 41-48, jan. fev. mar. 2014.

TRINDADE, Araujo Trindade; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In: ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Araujo Trindade. **Teoria das Representações Sociais**: 50 anos. 2 ed. Ibook/pdf, Brasília: Technopolitik, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

VESPUCCI, Emanuel Ferraz; VESPUCCI, Ricardo. **O revólver que sempre dispara**: os dependentes de drogas e os caminhos de recuperação, numa abordagem clínica. São Paulo: Casa Amarela, 1999.

VIEIRA, Denise Leite; RIBEIRO, Marcelo; ROMANO, Marcos; LARANJEIRA, Ronaldo R. Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais. **Rev. Saúde Pública.** 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000300011> aceso em: 20 ago. de 2017.

VILELA, Andrea Andrade; DEL-CLARO, Vergilio Torezan Silingardi; TOREZAN-SILINGARDI, Helena Maura; DEL-CLARO, Kleber. Climate change affecting biotic interaction, phenology and reproductive success in a savanna community over a 10-years period. **Arthropod-Plant Interaction**, 2017.

APÊNDICES

Roteiro de entrevista

1. Qual a sua Idade?
2. Qual o seu estado civil?
3. Tem filhos?
4. Qual a sua profissão?
5. Qual a sua religião?
6. Qual o seu grau de escolaridade?
7. O que você pensa sobre bebidas alcoólicas?
8. Você ainda participa do AA? Porque?
9. Há quanto tempo frequenta ou frequentou o AA?
10. Conte-me sobre sua vida em contato com o álcool.
11. Quando começou a beber? Conte-me como aconteceu.
12. Na sua infância, você teve algum contato com a bebida alcoólica?
13. Onde costumava beber?
14. Como era sua relação com a família, amigos, trabalho e escola antes de começar a beber? Isso mudou? Como? O que aconteceu?
15. Houve algum episódio marcante de sua vida que envolva o álcool e as pessoas próximas de você?
16. Como você começou a se ver quando percebeu que tinha problemas com o álcool?
17. Como as pessoas começaram a te ver quando perceberam que você tinha problemas com o álcool?
18. Quando percebeu que precisava procurar o AA? Como aconteceu? Alguém indicou? Alguém foi junto?
19. O que te motivou a procurar o AA?
20. O AA ajudou a mudar algo em sua vida? O quê? (Você ainda bebe?)
21. Como as pessoas começaram a te ver? Como você começou a se ver?
22. Você já teve alguma recaída?
23. Qual a sua opinião sobre o AA?
24. Como mulher, como se sentia em participar de um grupo com maioria masculina?
25. O tempo que ficou no grupo, qual a incidência de mulheres?
26. Alguma mulher já assumiu algum cargo no AA?
27. Indica uma pessoa que possa entrevistar.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O senhor(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Memória e representações sociais de mulheres de grupos de alcoólicos anônimos (AA) sobre uso/abuso do álcool”. Neste estudo pretendemos analisar a memória e as representações sociais de mulheres de grupos de Alcoólicos Anônimos sobre o uso/abuso do álcool. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é a tímida produção relacionada ao tema voltada para o público feminino e na perspectiva da teoria da memória e das representações sociais, além de contribuir para elaboração de políticas públicas sobre o uso/abuso do álcool.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): “amostragem em bola de neve” que se trata de uma técnica para localizar populações que não são facilmente encontradas na sociedade por possuírem características específicas e são identificadas a partir da indicação de pessoas que fazem parte do mesmo grupo social, como é o caso das mulheres que participam ou participaram de grupos de Alcoólicos Anônimos; e entrevista semiestruturada que consiste em um roteiro de perguntas que serão direcionadas ao entrevistado, podendo sofrer interferências do pesquisador à medida em que as respostas forem proferidas.

O senhor(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O senhor(a) será esclarecido (a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O senhor (a) poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento e terá direito a esclarecimentos adicionais, antes, durante e depois da pesquisa. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. O senhor (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação. Este estudo apresenta como risco mínimo um possível constrangimento durante o processo de entrevista ao relatar sobre suas experiências com o consumo do álcool para uma pessoa desconhecida, que é o pesquisador. Apesar disso, o senhor(a) tem assegurado (a) o direito a compensação ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os benefícios deste estudo consistem em resultados que poderão contribuir com a pesquisa e na formulação de políticas públicas voltadas para o consumo de álcool e drogas.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Por fim, ressaltamos que o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB). Vale informar ainda que o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é o responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos nas pesquisas que envolvem seres humanos, e tem o objetivo de defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade.

Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei

que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Vitória da Conquista, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do(a) participante

Impressão digital

Assinatura do(a) pesquisador(a)



Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o senhor(a) poderá consultar:

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: ANDRESSA MENDES DA SILVA DIAS
ENDEREÇO: ESTRADA DO BEM QUERER, KM 4, UESB
VITÓRIA DA CONQUISTA – BA - CEP: 45083-900
Fone: (77) 98819-3563/ E-MAIL: andressamendes90@gmail.com

CEP/UESB- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
RUA JOSÉ MOREIRA SOBRINHO, S/N - UESB
JEQUIÉ (BA) - CEP: 45206-190
FONE: (73) 3528-9727 / E-MAIL: cepuesb.iq@gmail.com